



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE) – ARACAJU:
FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS EDUCATIVAS (1968-1988)**

ANA CLÁUDIA SOUSA MENDONÇA

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2017**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE) – ARACAJU:
FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS EDUCATIVAS (1968-1988)**

ANA CLÁUDIA SOUSA MENDONÇA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof^ª. Dra. Rita de Cácia Santos Souza

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2017**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO



ANA CLÁUDIA SOUSA MENDONÇA

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE) –
ARACAJU: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS
EDUCATIVAS (1968-1988)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
Federal de Sergipe e aprovada pela Banca
Examinadora.

Aprovada em: 06.11. 2017

Prof.^a Dr.^a Rita de Cácia Santos Souza (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.^a Dr.^a Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
Programa de Pós- Graduação em Educação/UFS

Prof.^a Dr.^a Maria Dolores Fortes Alves
Universidade Federal de Alagoas /UFAL

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2017

Dedico a todos os professores e profissionais da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju, pelo despreendimento na acolhida da proposta da pesquisa, participando com zelo e respeito, contribuindo nos registros históricos da APAE aracajuana, como também, na minha formação pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

Eis que chegou o tão esperado momento dos agradecimentos, e agradecer é você ser humilde o suficiente para perceber que sozinho você não realiza nada.

Nesta caminhada acadêmica me deparei com vários professores “filósofos” e ouvi coisas inenarráveis, sendo uma delas o porquê de agradecer a Deus. Eis que, depois de algumas reflexões, hoje posso responder...

Agradeço a Deus pela vida, pelo ar que respiro, pela possibilidade de estar digitando agora, pelos momentos de solidão nas produções, por tantos outros compartilhados, por minha “grande família”, pelas minhas escolhas, conquistas e derrotas com as quais muito aprendi, pelo sabor das conquistas, enfim, por poder ser grata ao Universo.

O início da caminhada até chegar aqui...

Agradeço a Luciene dos Santos pelo convite e incentivo para ingressar no grupo de pesquisa NUPIEPED – Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência da UFS, no ano de 2012.

Agradeço à minha orientadora Rita de Cácia por ter acreditado em mim desde sempre, pelo ser humano especial que é, pela parceria, amizade, confiança e cumplicidade regada de muito carinho e respeito. Você marcou e marca infinitos gols em meu coração. Sou sua “filha acadêmica” e espero te encher de “netinhos acadêmicos”rsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrs...

Agradeço à professora Anamaria Bueno com quem aprendi muito, de quem sou fã pela simplicidade, humanidade e sabedoria ímpar.

Agradeço à professora Dolores Fortes pelo zelo na leitura e contribuições importantes, agregando sugestões valorosas ao estudo.

Agradeço a torcida, o companheirismo e ao amor sem medidas da minha prima-irmã Marta, pois, sofreu comigo em cada fase, rumo ao sonhado mestrado. Ela é uma presença constante em minha vida e entre nós há muito carinho envolvido. Amo-te, para além do céu e mar.

Agradeço a Fátima Montes por zelar e cuidar de mim nos momentos de aflição e por vibrar por cada conquista.

Agradeço a Fátima Silva por realizar meus desejos nos momentos de estresse com comidinhas de sabores únicos.

Agradeço a minha amiga-irmã, Kátia Regina, que esteve junto desde o início do processo, socorrendo-me a qualquer hora, resgatando os arquivos travados, dando-me lucidez no desespero, tirando-me dos sufocos, alguns criados pela minha própria agonia em querer perfeição em quase tudo e por vibrar com cada conquista. Amo-te, para sempre.

Agradeço ao grupo “Doidinhos ex-DIEESP”, vocês são amigos mais que especiais, são fundamentais por trazerem sorrisos e calor nas horas frias e nos momentos sérios. Amigo é coisa para se guardar dentro do coração...Anderson, Mila, Kátia, Cledjinha, Danilo, Lisane e seus cônjuges.

Agradeço aos amigos dos grupos “Mulheres Poderosas”, “Caminho do Saber”, “Amigos da JUF”, “Mestrandos 2016 PPGED”, “Amigas para sempre” e “Amigos casa de Capela”, vocês apoiaram, incentivaram, vibraram e desejaram sucesso na minha caminhada. Um beijo no coração de cada um.

Agradeço à minha amiga Maria José Cabral por cada grito emanado do coração a cada degrau que eu galgava. Amo-te, muitooooooooooooo...

Agradeço à senhora Luzia e ao senhor Florisvaldo pelo respeito ao meu trabalho e por acreditarem em mim, desde o Caminho do Saber. Vocês e o meu “Titi” moram em meu coração.

Agradeço a Edineuza Lessa pelo apoio profissional e pessoal no momento que mais precisei enquanto minha diretora e colega de trabalho.

Agradeço à professora Josevanda Franco, aqui representando meus colegas e amigos do SEDH/CAS/DIEESP/SEED.

Agradeço a Rosiane Santos da APAE, por ter me acolhido com carinho e cedido diversas vezes seu espaço de trabalho, para que eu pudesse desenvolver minhas atividades. Muito obrigada.

Agradeço a Fátima de Santana da APAE, por ter me mostrado uma luz no fundo do túnel em um momento de escuridão da caminhada. Sua ajuda foi um grande diferencial.

Agradeço às minhas queridas primas, que mesmo reclamando da minha ausência em alguns momentos, torciam para o meu sucesso. Ana, Marta, Juci, Solange, Jovanda, Tânia, Lane e Selma, obrigada pelo carinho de vocês.

Agradeço a concretização desta pesquisa aos quatorze informantes, “MARGARIDAS” que colhi nessa trajetória. Vocês foram fundamentais em cada passo dado. Muito obrigada.

Agradeço às minhas tias Joana e Vanda pelas orações feitas com o coração e muito amor.

Agradeço aos meus irmãos, em especial, às minhas irmãs Cátia, Raquel, Claudineide, Kelley, Ana Paula e Ana Cleide pelas cobranças e reclamações diante da minha ausência, pela compreensão e não compreensão dos não que dei, elas existiram porque sou amada e amo vocês.

Agradeço aos mais novos colegas de trabalho do João Cardoso pela torcida fervorosa.

Agradeço aos meus orientandos Claudemir Lourenço e Bárbara Lezziane presentes que ganhei na jornada do mestrado, experiência fantástica. Aprendi muito com vocês. Obrigada.

Agradeço a existência de cada sobrinho, os sorrisos, as encrencas, as chatices, as peraltices e as vitórias galgadas. Saibam que cada falta minha às festas de aniversário e da escola doía mais em mim do que em vocês.

Agradeço a Kátia Alves, Telma Amélia, Cláudia Silva, Jaqueline Matos, Denise Souza, Adivalda Leite, Márcia Denise, Marcos Batinga, Marcos Feitosa, Adroaldo Filho, Luís Carlos (meu amado cunhado), Tálita Pergentino, Aparecida Nazário, Izabel Cristina Campos, Alene Mara, Ana Paula Andrade, Kátia Siene, Alessandro Mendes, Odeir Carvalho, Ailton Silva, Alessandra Lima, Genilton Silva, Luciana Sobral, Cibele Jales, Marcelo Ribas e Conceição Menezes como representantes do meu precioso círculo de colegas e amigos, dos quais sempre ouvia palavras de incentivo e energias positivas.

Enfim, iniciei louvando a Deus e encerro agradecendo aquela que foi escolhida por Ele, como instrumento da vida para me trazer ao mundo, minha querida mãe, símbolo do mais sublime amor, minha guerreira e fortaleza, meu alicerce, meu tudo. AMO-TE infinitamente. E ao meu pai que partiu cedo ao encontro do Pai Maior, minha eterna gratidão.

“O amor é a emoção central na história evolutiva humana...o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto.”

(Humberto Maturama, biólogo, PhD de Harvard)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar acerca da Formação dos Professores e as Práticas Educativas da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Aracaju nos anos de 1968 a 1988. O marco temporal justifica-se pela data da fundação e pela promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil em 1988, sétima Constituição do país. Pesquisou-se como se deu o processo de formação dos professores que adentravam a associação em um período de desconhecimento da Educação Especial na capital sergipana, em virtude da escassez da literatura e de trabalhos acadêmicos, como constatado através do Estado da Arte e de leis que assegurassem o direito das pessoas com deficiência em ambientes comuns a todos. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental, com abordagem na História Cultural, de caráter exploratório e enfoque na análise de conteúdo qualitativa. O caminho metodológico percorrido foi realizado por meio de visitas exploratórias, observações, análise de documentos e entrevistas semiestruturadas com 14 informantes, sendo 9 professores, 1 Assistente Social, 1 Terapeuta Ocupacional, 1 Técnico em Enfermagem, 1 Voluntário e 1 Técnico Agrícola. Mediante Análise de Conteúdo operacionada com base em Bardin (2011), a pesquisa evidenciou que as formações foram essenciais para o caminhar da associação frente ao desconhecimento da Educação Especial por parte dos informantes e que as práticas educativas, à princípio, se deram por intuição, mas, com o embasamento teórico adquirido nos cursos e as trocas de experiências entre os colegas, a cegueira social foi dando lugar ao “florescer de margaridas” que fizeram “História” dentro da História da APAE aracajuana.

Palavras-chave: APAE de Aracaju/SE. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Educação Especial. Formação de Professores. Práticas Educativas.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate about the Teacher Training and Educational Practices of the APAE of Aracaju from 1968 to 1988. The time frame is justified by the date of foundation and by the promulgation of the Constitution of the Federative Republic of Brazil of 1988, the seventh Constitution of the country. It investigated as the process of formation of the teachers that entered the association in a period of ignorance of the Special Education in the capital of Sergipe happened. Due to the scarcity of literature and academic work, as evidenced through the State of the Art and laws that ensure the right of people with disabilities in environments common to all. It was a bibliographical and documentary research, with an approach in Cultural History, of exploratory character and focus in the analysis of qualitative content. The methodological pathway was carried out through exploratory visits, observations, document analysis and semi-structured interviews with 14 informants, with 09 teachers, 01 Social Worker, 01 Occupational Therapist, 01 Nursing Technician, 01 Volunteer and 01 Agricultural Technician. Through the Content Analysis based on Bardin (2011), the research evidenced that the formations were essential for the development of the association against the ignorance of Special Education by the informants and that the educative practices, at first they were given by intuition, but with the theoretical foundation acquired in the courses and the exchanges of experiences among colleagues, social blindness was giving way to the “blossoming of daisies” that made "History" within the History of the Aracaju's APAE.

Keywords: APAE of Aracaju / SE. Constitution of the Federative Republic of Brazil of 1988. Special Education. Teacher training. Educational Practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagem da Inclusão	24
Figura 2 – Logotipo Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais/BRASIL – Federação Nacional das Apaes	38
Figura 3 - Logotipo da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju – SE	41
Figura 4 - Fotografia do presidente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju – SE	47
Figura 5 - Fotografia da aula do grupo musical BATUCAPAE	49
Figura 6 - Fotografia aula do Atendimento Educacional Especializado	50
Figura 7 - Fotografia oficina de desenho/parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial	56

Quadro 1 - Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	19
Quadro 2 - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Sergipe	20
Quadro 3 - Caracterização dos participantes da pesquisa	31
Quadro 4 - Os instrumentos de coleta de dados e os seus objetivos na pesquisa	33
Quadro 5 - Linha do tempo	60
Quadro 6 – O que levou da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais para a vida	68

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABDEV	Associação Brasileira de Educação de Deficientes Visuais
AEE	Atendimento Educacional Especializado
AMA	Associação dos Amigos dos Autistas
ANDE	Associação Nacional de Educação Especial
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
APCB	Associação de Paralisia Cerebral do Brasil
Art.	Artigo
BANESE	Banco do Estado de Sergipe
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BATUCAPAE	Batuque da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju/SE
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CajuCap	Certificado de contribuição emitido pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais/Aracaju
CAPES	Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
C. C. E.	Conselho Estadual de Educação
CD	<i>Compact Disc</i> (disco compacto)
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CORDE	Coordenação Nacional para a Pessoa Portadora de Deficiência
DESO	Companhia de Saneamento de Sergipe
DF	Distrito Federal
DI	Deficiência Intelectual
FENAPAEs	Federação Nacional das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais
Fenasp	Federação Nacional das Sociedades Pestalozzi
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IHG/SE	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos

INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
<i>JAMA</i>	<i>Journal of the American Medical Association</i>
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MDPD	Movimento de Defesa das Pessoas Portadoras de Deficiência
NEE	Necessidades Educativas Especiais
NEFD	Núcleo de Estudos e Formação Docente
Nº	Número
Onedef	Organização Nacional de Entidades de Deficientes Físicos no Brasil
ONG	Organização não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PETROBRAS	Petróleo Brasileiro S. A.
PPG	Programa de Proteção à Gestante
S/A	Sociedade Anônima
SE	Sergipe
SEED	Secretaria de Estado da Educação
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SERGÁS	Sergipe Gás S/A
SESC	Serviço Social do Comércio
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 O PORQUÊ DE UMA PESQUISA COM UM VIÉS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL, ONDE TUDO COMEÇOU E QUEM É A AUTORA	21
1.2 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E OBJETIVOS	24
1.3 ORGANIZAÇÃO DAS SEÇÕES DA PESQUISA	26
1.4 CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	27
1.5 METODOLOGIA UTILIZADA	29
1.6 CAMPO DA PESQUISA	30
1.7 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	32
1.7.1 Visita exploratória	34
1.7.2 Entrevista semiestruturada	35
1.7.3 Análise dos documentos	35
1.7.4 Análise dos dados	36
2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS NO BRASIL E EM ARACAJU	38
2.1 HISTÓRIA DA APAE DENTRO DA ATENÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	38
2.2 FUNDAÇÃO E HISTÓRIA DA APAE ARACAJUANA	41
3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE ARACAJU E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE 1968 A 1988	58
3.1 DIALOGANDO COM OS INFORMANTES	58
3.2 A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL E O SEU APORTE TEÓRICO VOLTADO PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO PAÍS	71
3.3 REDIMENSIONANDO O OLHAR PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES VOLTADA PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL	74
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	83
APÊNDICES	88
ANEXOS	91

1INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objeto de estudo a formação dos professores da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) - Aracaju e as práticas educativas desenvolvidas por esta. Tratou-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental com abordagem na História Cultural, com recorte temporal de 1968 a 1988.

Em 1967, alguns pais de crianças com deficiência se reuniram e iniciaram as tentativas de inaugurar no estado de Sergipe uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Este intento se concretizou no ano seguinte, em 1968. A justificativa pelo fim do recorte temporal deve-se ao fato de ter sido promulgada a Constituição Federativa do Brasil em 1988, que trouxe como fundamentos da República, a cidadania e a dignidade da pessoa humana (art.1º, II e III) e como um dos seus objetivos fundamentais a promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outras formas de discriminação.

O art. 205 da Constituição de 1988 afirma que a “educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Com a promulgação da Constituição, novos horizontes foram vislumbrados para as pessoas em situação de deficiência as quais, até aquele momento, trilhavam percursos limitados em busca de espaços onde pudessem exercer o direito primordial a todo ser humano, o direito à cidadania.

Em virtude do elencado acima, surgiu à necessidade de conhecer como essa formação ocorreu, sendo de fundamental importância para a compreensão das práticas educativas desenvolvidas posteriormente, principalmente porque, neste período, era escassa a presença de professores com formação adequada para trabalhar com o público atendido pela associação. Neste sentido, o objetivo geral da pesquisa foi conhecer como ocorreu a formação dos professores da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Aracaju e as práticas educativas desenvolvidas pela instituição na atenção da pessoa com deficiência nesse período.

A formação docente nos levou a reviver a história e percorrer os diversos caminhos desse ofício, desde os primórdios da profissão docente no Brasil. Segundo Villela (2000, p. 97), “[...] frente a frente, o professor de hoje e o mestre-escola de outrora trocam olhares de estranhamento e familiaridade. O que os distingue e o que os aproxima?”. Em o Mestre-Escola e a Professora, a autora fala da formação de professores no início e final do século

XIX, com a criação das escolas normais no Brasil, o estabelecimento da formação institucionalizada, a feminização do Magistério, a desvalorização da profissão e a luta pela conquista de uma identidade profissional.

Evidenciaram-se, na trajetória da profissão docente durante o século XIX, as rupturas e continuidades de alguns paradigmas que adentraram o século XX. Na caminhada da formação docente do século XX surgiu, em 1968, a APAE, para desbravar um novo mundo, e também formar professores para o atendimento às pessoas com deficiência. Sobre a formação, Lima destaca que:

A busca do sentido inclusivo na formação não se alcança só com uma nova legislação, com novas definições; na verdade elas mobilizam a compreensão do quanto, todo e qualquer movimento de pesquisa, deva reconhecer, que historicamente a educação regular ou especial, sob o olhar hegemônico, sempre tomou como universal um perfil de normalidade, excluindo quem não pertencia a esse universo. (LIMA, 2012, p. 98).

A autora deixa claro que apenas as leis que norteiam a inclusão não darão veracidade à causa. Elas contribuem para a mobilização da sociedade na compreensão dos direitos e deveres dessas pessoas enquanto cidadãos que estiveram às margens da educação por séculos.

As práticas educativas e os saberes pedagógicos assimilados na formação por esses professores farão a dinamicidade da prática diária fomentando as potencialidades inerentes a cada ser na sua individualidade.

Libâneo (1994), sobre a formação de professores, expressa a importância das dimensões que devem ser atendidas na instrução desses profissionais, visto que elas tiveram a tarefa de preparar para o mercado de trabalho pessoas que contribuíram para a formação social, histórica e educacional de seres singulares dentro do contexto histórico-social. O referido autor afirma:

A formação do professor abrange, pois, duas dimensões: a formação teórico-científica, incluindo a formação acadêmica específica nas disciplinas em que o docente vai especializar-se e a formação pedagógica, que envolve os conhecimentos da Filosofia, Sociologia, História da Educação e da própria Pedagogia que contribuem para o esclarecimento do fenômeno educativo no contexto histórico-social; a formação técnico-prática visando à preparação profissional específica para a docência, incluindo a Didática, as metodologias específicas das matérias, a Psicologia da Educação, a pesquisa educacional e outras. (LIBÂNEO, 1994. p. 27).

No caso em tela, trata-se de conhecer a formação técnico-prática oferecida aos professores, uma vez que estes já possuíam a formação teórico-científica. Assim, a formação

técnico-prática possibilitou o acesso aos conhecimentos específicos da área da educação especial.

Dessa forma, conhecer como ocorreu a formação dos professores que estiveram envolvidos no processo de construção da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais é não deixar que uma parte da história da nossa sociedade se perca com o tempo e nem que se apague com as memórias que se ausentam no curso normal da vida levando consigo uma parte da essência. Isto porque, conforme Halbwachs (1990, p. 81), “[...] palavras e pensamentos morrem e só os escritos permanecem”, passando adiante conhecimentos, enriquecendo a cultura, fazendo história e criando identidades.

Assim, perpetuar as memórias, a cada dia que passa, torna-se uma aventura e um embate entre as exigências e avanços tecnológicos da sociedade, porque o homem está sendo reprimido pelas próprias criações e ainda não percebeu que o futuro só existirá se o passado for lembrado para que a história possa prosseguir. Segundo Chartier (2009, p. 21), “[...] a memória, seja ela coletiva ou individual, também confere uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que estabelecem os livros de história”.

Sendo assim, a pesquisa buscou entender como ocorreu a formação desses profissionais que receberam a missão de trabalhar com um público que, até então, era desconhecido em uma sociedade que não foi pensada para todos.

De acordo com Feldmann (2009, p. 72), o “[...] princípio norteador que nos ancora nessa busca de conhecimentos consiste em compreender o fenômeno educativo sempre como uma tarefa inconclusa e perspectival”.

Nesta concepção, a formação destes professores foi compreendida em sua dimensão inconclusa e aparente, uma vez que a prática cotidiana e a experiência com os alunos com deficiência foram preenchendo as lacunas deixadas pela formação.

Formação docente, história e práticas educativas andam juntas na luta das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais com vistas à construção da identidade, bem como para o surgimento de cada nova associação no mundo afora, no país e, em especial, no Estado sergipano.

Em 1968, nasceu a primeira associação na capital, deixando nos aracajuanos o símbolo da perseverança, do desprendimento, do acreditar, querer, perseverar, cair, levantar e se reconstruir a cada embate enfrentado no dia a dia, perante as dificuldades encontradas por não se ter, na época, escolas e nem professores com formações específicas na área da educação especial.

De acordo com Feldmann (2009, p. 75), “[...] as recentes investigações nacionais e

internacionais sobre a formação de professores apontam a necessidade de tomar a prática pedagógica como fonte de estudo e construção de conhecimento sobre os problemas educacionais”.

O período em que constou a inauguração da APAE em Sergipe foi marcado por iniciativas semelhantes em outros estados e por uma mudança na concepção de que as pessoas com deficiência também teriam direito à educação, em oposição às anteriores que lhes negavam este direito.

Apesar das práticas educativas serem desenvolvidas em instituições de educação especial, ou seja, que recebiam apenas crianças e adolescentes com deficiência dando a estes um caráter de segregação, há que se considerar o avanço das propostas.

Importante ressaltar que, neste período, ter um filho com deficiência era muito difícil e mantê-lo em sociedade era uma garantia apenas para os pais que conseguiam lidar com o preconceito e todas as formas possíveis de exclusão, visto que além de não encontrarem escolas, não tinham professores com conhecimentos voltados para a prática da educação especial. Charlot aponta que formar professores é trabalhar os saberes e as práticas, assim:

É imprescindível, quando se reflete sobre a formação dos professores, distinguir bem esses quatro níveis de análise: o saber como discurso constituído em sua coerência interna, a prática como atividade direcionada e contextualizada, a prática do saber e o saber da prática. Formar professores é trabalhar os saberes e as práticas nesses diversos níveis e situar, a partir dos saberes e das práticas, os pontos em que podem se articular lógicas que são e permanecerão heterogêneas – o que, aliás, é fundamental, porque a pretensão de integrar o saber e a prática em um discurso ou em uma prática totalizante é fonte de dogmatismo e de totalitarismo. (CHARLOT, 2005, p. 94).

Como o autor afirma, é fundamental a direção e contextualização da prática. Dito de outro modo, o professor precisa compreender a diversidade das singularidades que irá lidar frente ao contexto escolar, além de levar em conta que o discurso e a prática, na maioria das vezes, se distanciam.

Por isso, há a necessidade da logicidade entre a “prática do saber e o saber da prática”, a fim de obter o crescimento de profissionais com o poder de articulação e senso de criticidade no seu trabalho como mediadores do conhecimento educacional.

Dessa forma, diante de inquietações surgidas através de leituras e publicações, além da experiência profissional na área da educação especial desde 1997, surgiu o desejo de pesquisar o tema no estado de Sergipe, delimitando o objeto de estudo com a formação dos

professores da APAE de Aracaju, por considerar ser esta a base das práticas educativas desenvolvidas pela instituição.

O Estado da Arte foi conhecido a partir do levantamento de pesquisas no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no qual foram localizados mais de 800 estudos que abordavam a formação de professores em diversas áreas de formação que apresentavam algum aspecto relevante para esta pesquisa. Todavia, nenhum teve o mesmo (ou similar) objetivo. Sendo assim, foram selecionados os que mais se aproximavam do objeto em estudo, os quais estão elencados no quadro 1.

Quadro 1 – Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

AUTOR (A)	PESQUISA/LOCAL	ANO	TÍTULO
Rita de Cácia Santos Souza	Tese/UFBA	2009	Educação Especial em Sergipe do século XIX ao início do século XX: cuidar e educar para civilizar.
Iara Maria Campelo Lima	Tese/UFBA	2009	Tecendo saberes, dizeres, fazeres em formação contínua de professores: uma perspectiva de educação inclusiva.
Suzana Alves Nogueira	Tese/UFBA	2015	Práticas pedagógicas de professores de alunos com deficiência intelectual ou múltipla: trocas relacionais e afetivas no núcleo de estudos de formação docente da APAE de Feira de Santana/BA.

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

No ano de 2009, Rita de Cácia Santos Souza defendeu a tese de doutorado na Universidade Federal da Bahia, intitulada “Educação Especial em Sergipe do século XIX ao início do século XX: cuidar e educar para civilizar”. A pesquisa analisou a Educação Especial em Sergipe com abordagem jurídica e médica através de produções de intelectuais sergipanos dessas áreas. Contribuiu para o entendimento da Educação Especial e as relações entre os campos médico, jurídico e educacional, no cenário nacional e internacional do período em estudo.

No mesmo ano, a professora Iara Maria Campelo Lima concluiu a tese com a temática “Tecendo saberes, dizeres, fazeres em formação contínua de professores: uma perspectiva de educação inclusiva”, também na Universidade Federal da Bahia. Ela teve como objetivo compreender o processo inclusivo através da formação continuada de professores,

apresentando a escuta, o diálogo e a narração como pontos importantes na formação de professores dentro do processo inclusivo.

Em 2015, nesta mesma universidade, Suzana Alves Nogueira apresentou a tese “Práticas pedagógicas de professores de alunos com deficiência intelectual ou múltipla: trocas relacionais e afetivas no núcleo de estudos de formação docente da APAE de Feira de Santana/BA”. O objetivo foi analisar de que forma a estratégia formativa do Núcleo de Estudos e Formação Docente (NEFD), implantado na APAE de Feira de Santana, a partir da teoria do vínculo afetivo, da reflexividade crítica e da forma experiencial, pode contribuir nas práticas pedagógicas de professoras em exercício no AEE, com alunos com deficiência intelectual e/ou múltiplas. Sua relevância se deu por trazer relatos de dificuldades dos professores nas práticas diárias.

Na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações nos núcleos de Pós-Graduação da Universidade de Sergipe (BDTD-UFS), no âmbito local, foram localizadas pesquisas com foco no processo educacional da pessoa com deficiência e na formação continuada de professores. Como podemos ver no quadro 2:

Quadro 2 – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFS

AUTOR (A)	PESQUISA/LOCAL	ANO	TÍTULO
Rita de Cácia Santos Souza	Dissertação/UFS	2000	A História da Educação Especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas.
Patrícia Matos Souza Nunes	Dissertação/UFS	2013	O processo educacional do cego em Aracaju (1950-1970).
Juliana Nascimento de Alcântara	Dissertação/UFS	2014	A formação continuada de professores na perspectiva da educação inclusiva: desvelando os fios da trama.

Fonte: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações/UFS

A pesquisa de Rita de Cácia Santos Souza traçou os antecedentes históricos da Educação Especial em Sergipe, as abordagens educacionais, conceitos, modalidades de atendimento e, por último, fez uma análise da Educação Especial no século XX. Esta obra tornou-se fundamental, pois é um referencial teórico no estado sergipano para estudos sobre a temática. Primeira dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, voltada para a Educação Especial.

Em 2013, Patrícia Matos Souza Nunes legitimou a dissertação de mestrado que teve

como objetivo analisar o processo educacional do cego em Aracaju, no período de 1950 a 1970. Consideramos uma fonte de pesquisa por trabalhar o surgimento das principais instituições no cenário sergipano e analisar pesquisas de interesse comum.

E, por último, em 2014, Juliana Nascimento de Alcântara obteve o título de mestra com a dissertação intitulada “A formação continuada de professores na perspectiva da educação inclusiva: desvelando os fios da trama”. No estudo a autora apresenta a formação de professores como aspecto essencial para o trabalho com as pessoas com deficiência e a necessidade de uma formação onde a teoria não pode está dissociada da prática.

Em um nível nacional, pesquisamos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, onde foram localizados trabalhos que envolvem as práticas educativas e a formação direcionadas para outras áreas, não sendo encontrados estudos que focassem a formação de professores e práticas educativas na história e educação da APAE de Aracaju.

Já na biblioteca da Universidade Tiradentes (Unit-SE) constatamos uma monografia que teve o estudo voltado para a APAE aracajuana. De autoria de Juliane Costa de França e intitulada “Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE/AJU): um resgate histórico/2002”, ela foi apresentada em 2002, no entanto, o período abordado é diferente do que está em nosso estudo.

Com o projeto¹ aprovado, foram fortalecidas e asseguradas as investigações contidas nesse estudo, estas que obtiveram a contribuição das áreas da Educação (histórica, social, cultural e bibliográfica), mais especificamente da formação de Professores e práticas educativas, com abordagem na educação especial, no período de 1968 a 1988, tendo a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju como alicerce da pesquisa.

1.1 O PORQUÊ DE UMA PESQUISA COM UM VIÉS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL, ONDE TUDO COMEÇOU E QUEM É A AUTORA

O conhecimento do mundo social e, mais precisamente, as categorias que o tornam possível, são o que está, por excelência, em jogo na luta política, luta ao mesmo tempo teórica e prática pelo poder de conservar ou de transformar o mundo social conservando ou transformando as categorias de percepção desse mundo (BOURDIEU, 1989).

Desvendar os mistérios propostos por essa pesquisa estabeleceu a necessidade de compreender o porquê e conhecer quem estava por trás da mesma. Acredito que em tudo que

¹ O projeto que originou essa dissertação foi submetido ao CEP - Comitê de Ética em Pesquisa, do Hospital Universitário de Aracaju/Universidade Federal de Sergipe, sendo aprovado no dia 08 de setembro de 2016, com o nº do CAAE: 57991916.5.0000.5546 e nº do Parecer: 1716504.

fazemos por um motivo específico e especial, o resultado final será diferenciado, mesmo quando ocorre de perdemos o foco durante a preparação, colocamos ferramentas a mais ou a menos ou esquecemos algum detalhe imprescindível, o porquê faz a diferença.

Tudo começou no início de 1997, último período da faculdade de Pedagogia. Vale ressaltar que, a princípio, era para ter cursado Administração, pois, como filha de professora, não queria seguir a mesma profissão da mãe e mais, me interessava à área de exatas. Assim, prestei concurso vestibular para os dois cursos, onde obtive a aprovação nos mesmos.

Eu morava no interior do estado a 72 km da capital e, no ano de 1992, quando prestei vestibular, não tinha transporte escolar para Aracaju durante o período diurno. Como trabalhava, a minha única opção foi fazer o curso no turno da noite.

Assim como alguns amigos, outros jovens queriam fazer cursinho pré-vestibular. Então, nos organizamos e contratamos uma “Kombi” (a Kombi vermelha do Senhor Adilson, o “seu Adilson da Kombi”). Sendo assim, a dificuldade do transporte para a capital fez a escolha da minha caminhada, me levando a cursar Pedagogia no turno da noite e, neste percurso, me encantei com a área.

O querer trabalhar com a educação já tinha sido semeado no ensino médio que, por força das circunstâncias e dificuldades em estudar na capital, cursei Contabilidade e, em seguida, o Pedagógico, para não ficar um ano longe dos livros.

No início de 1997, decidi que tinha chegado à hora de mudar e pensar em meu futuro. Com o apoio dos meus pais e da minha prima-irmã, Marta, que morava em Aracaju, pedi demissão do meu trabalho no interior, onde eu era comerciária de quase 10 anos e mudei para a capital trazendo na bagagem sonhos e a confiança de um futuro dentro da área que estava estudando.

Assim que cheguei para morar em Aracaju, em fevereiro de 1997, por meio das amizades e o conhecimento entre as famílias, fui convidada pela professora Verônica Reis, na época proprietária de uma das escolas pioneiras no trabalho com a educação inclusiva na cidade, para participar do planejamento anual e dos cursos de aperfeiçoamento. A partir daí, minha história se entrelaçou com a educação especial e o querer conhecer, estudar e pesquisar a área e o seu caminhar histórico, só veio a desenvolver-se.

Ao final do mês de fevereiro, surgiu a oportunidade para assumir uma turma de alfabetização. A princípio, devido a minha insegurança, disse não, pois era tudo novo para mim. Solicitei, então, que ficasse apenas como auxiliar da turma.

Como resposta, ouvi que não estaria sozinha e que tinha demonstrado habilidades para o novo caminho, que despontava como profissão. Assim, aceitei e, até hoje, continuo me

desafiando sempre a querer aprender mais do que ensinar, porque a gente só ensina ao outro se estiver aberto a aprender com ele.

Na contramão da maioria dos professores, iniciei minha vida profissional na educação trabalhando com a inclusão e, depois de 11 anos, quando adentrei em uma sala de ensino regular com a concepção não inclusiva, em um primeiro momento pensei que não iria saber trabalhar com o diferente para mim, o aluno do ensino regular, e os meus receios inversos são as inquietações dos professores que hoje recebem, em suas salas, alunos com deficiência.

Devo esse amor pela educação especial à “Escola Caminho do Saber”, local onde alicercei e construí a minha base, na pessoa da professora Verônica Reis e aos meus queridos e eternos alunos Tiago Dória, Matheus Carvalho, Wilma Fabiana, Matheus Simas, Yuri Gurgel, Nanda, Camilinha, Aninha, Thiago Santos, Máira Hora (*in memoriam*) Marcelão (*in memoriam*), Mauricinho, Felipe Carvalho, Yana Bomfim, Diego, Felipão, Gregory, Jorginho (*in memoriam*), Larissa Aragão e a tantos outros que fizeram despontar o meu melhor enquanto pessoa.

O gostar do que faço é, em especial, pela deficiência intelectual, pois acredito ser uma das deficiências mais emblemáticas, que instiga a vontade de querer compreender a máquina chamada cérebro, além de visar entender como se dá a aprendizagem e o como desvendar esses caminhos.

Penso que devemos nos enxergar no outro para conseguir chegar o mais próximo possível de compreender até onde ele poderá nos levar em seu mundo interior, pois, só assim seremos capazes de aprendermos juntos.

O problema que se coloca para mim é que, compreendendo como compreendo a natureza humana, seria uma contradição grosseira não defender o que venho defendendo. Faz parte da exigência que a mim mesmo me faço de pensar certo, pensar como venho pensando enquanto escrevo este texto. (FREIRE, 1996, p. 37).

Cada um tem o direito de escrever a sua história, não importando a quantidade de palavras, linhas, laudas e capítulos que terá, mas que tenha sido escrita com o seu melhor, com as suas possibilidades e potencialidades, dentro das suas diferenças e individualidade.

Figura1–Imagem de Inclusão²



Fonte: Google imagens - inclusão.

Que possamos, através dessa pesquisa, perceber a grandeza das diferenças, pois cada um é único na maneira de pensar, agir, compreender e que juntos somos mais fortes e aprendemos mais.

Sendo assim, por meio das nossas ações e decisões há sempre um por quê. Foi por conhecer um pouco da história da Educação Especial, das dificuldades enfrentadas e pela minha trajetória enquanto professora, em um período que já se falava e existiam políticas públicas mais atuantes, que surgiu o desejo de realizar essa pesquisa. Além da vontade em conhecer a origem da formação dos professores que abraçaram as ideias da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, em um período onde a difusão desse trabalho e as leis ganhavam espaço na sociedade aracajuana e não havia formações direcionadas para esse público.

1.2 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E OBJETIVOS

O problema de pesquisa surgiu em virtude da trajetória profissional exposta anteriormente que, aos poucos, foi construindo o desejo de saber como se deu a formação dos professores da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais em Aracaju, no período de

² Descrição da imagem: quadro retangular, fundo cinza, parte superior com a frase na cor vermelha “a inclusão acontece quando...”finalizada por reticências. No centro, na horizontal, um galho de árvore marrom, com algumas folhas verdes na ponta e com sete pássaros coloridos e de espécies diferentes pousados, trazendo abaixo e à direita, a frase “aos mestres da educação”, na cor verde e na parte inferior, entre aspas, “se aprende com as diferenças e não com as igualdades”, na cor preta, trazendo a palavra diferenças na cor verde. E por último, abaixo da frase e à direita, o nome Paulo Freire, na cor preta.

Audiodescritora: Ana Cláudia Sousa Mendonça. Consultor: José Wellington dos Santos. Revisora: Rita de Cácia Santos Souza.

1968 a 1988.

Diante deste preâmbulo, foram dados os primeiros passos para a construção da dissertação, surgindo as questões norteadoras que se mostraram como uma base de sustentação para a efetivação de todo o trabalho.

Neste sentido, procuramos responder os seguintes questionamentos: Quais as formações anteriores a APAE? Que práticas educativas eram desenvolvidas na atenção à pessoa com deficiência, quando pouco se falava em Educação Especial? Como era trabalhar com a Educação Especial? A APAE ofertava formações para os professores voltadas para o público assistido? Que outros profissionais contribuíram para o desenvolvimento dos alunos?

As questões evidenciadas trouxeram respostas e abriram caminhos de saberes inenarráveis, sobre os quais nos debruçamos a cada descoberta pelo magnetismo e concatenações das evidências que foram percorridas na construção das seções do estudo.

Foi importante identificar pontos de como ocorreu a formação de professores da APAE de Aracaju e as práticas educativas no período de 1968 a 1988, levando a caminhos nunca antes trilhados, os quais serão o diferencial na vida de pesquisadores futuros que forem atraídos pelo conhecimento científico com o viés na formação de professores e educação especial nesse marco temporal.

Neste contexto, o nosso objetivo geral se voltou a analisar como ocorreu a formação dos professores da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju e as práticas educativas de 1968 a 1988. A partir deste propósito foram construídos os objetivos específicos que auxiliaram o percurso traçado por essa pesquisa.

O primeiro objetivo específico é contextualizar a história da APAE no Brasil, em Sergipe e a sua influência na atenção à pessoa com deficiência. Chegar a ele tornou-se fundamental para compreender a história da associação em nosso país e estado.

Intentamos, também, conhecer a história da APAE aracajuana e a sua trajetória de vida. Com este objetivo específico, percebemos, de forma clara, a fundação, os primeiros passos, as dificuldades e as conquistas iniciais do percurso da associação.

O terceiro objetivo específico foi identificar as formações dos professores, suas experiências anteriores à APAE e as dificuldades para o exercício da profissão, o qual nos possibilitou conhecer a história formativa dos informantes, o antes e o depois da APAE e os obstáculos para o exercício da profissão no período pesquisado.

Buscamos, também, identificar as práticas educativas e os serviços ofertados pela APAE, através de outros profissionais, para as crianças e adolescentes com deficiência intelectual. Ao chegarmos a este objetivo, notamos que as práticas iniciais se deram por

intuição, dentro do período histórico vivido pela Educação Especial no estado de Sergipe.

1.3 ORGANIZAÇÃO DAS SEÇÕES DA PESQUISA

A dissertação foi estruturada em quatro seções, sendo que a primeira consistiu na “Introdução”, onde se fez uma abordagem sobre o propósito do estudo e uma correlação com outros trabalhos com temáticas que se aproximaram da pesquisa posta. Ademais, foi apresentado o porquê de uma pesquisa com o viés para a educação especial, traçando a trajetória profissional da autora. Em seguida, a definição do problema, os objetivos, organização das seções e por último os caminhos teóricos e metodológicos.

Na segunda seção, intitulada “Aspectos históricos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais no Brasil e em Aracaju”, contamos a história da referida associação dentro do contexto brasileiro e delineamos o desenvolvimento do trabalho voltado para a atenção da pessoa com deficiência como preâmbulo para se chegar à história da APAE de Aracaju, seus encantos e desencantos em uma caminhada de poucos.

Na terceira, evidenciamos como era a “Formação de professores e profissionais da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju e as práticas educativas de 1968 a 1988”. Nesta seção enfocamos a formação dos professores dentro do contexto sergipano nesse período, baseando-nos nas tessituras das análises das categorias e dialogando com os informantes de forma que pudéssemos responder as questões que embasaram a pesquisa. Sequenciamos traçando uma linha do tempo de 1968 até 1988 com as principais leis que contemplavam a educação especial e o novo redirecionamento dado com a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Nesta direção, tivemos um olhar crítico para a formação de professores voltada para a educação especial, tendo em vista que defendemos a premissa de que estes profissionais devem ser formados de maneira diferenciada para trabalhar com os indivíduos que integram esta modalidade educacional. Assim, analisamos se é necessária uma formação que possa ser universal, isto é, que atenda a todos independentemente de ser pessoa com ou sem deficiência.

Concluimos com as “Considerações finais”, quarta seção da dissertação, onde foram retomados alguns pontos abordados no percurso do estudo. Demos uma visibilidade mais estruturada a algumas temáticas colocadas no decorrer do texto e, embasadas nos resultados da pesquisa, são apresentadas de maneira clara e precisa, suscitando possibilidades, novos horizontes e o desejo de novas descobertas surgidas das inquietações salientadas, dando margem e fôlego para trabalhos posteriores.

1.4 CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

O estudo com abordagem na História Cultural permitiu o enfoque em sujeitos que estiveram, por décadas, à margem nas pesquisas em Educação, tais como: as mulheres, os ‘loucos’, a infância marginalizada, as pessoas com deficiência e mesmo as práticas desenvolvidas nas instituições de ensino.

Com relação às práticas, Julia (2001) propõe conhecer a “Caixa preta” da escola, compreendendo as práticas, as relações conflituosas ou de paz, os ideais, as concepções etc. Para isto, faz-se necessário refletir sobre o conceito de cultura escolar:

Poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p.10).

Desta forma, analisando a formação dos professores e as práticas desenvolvidas por estes, foi permitido compreender a cultura escolar da APAE. Para Certeau (2011), as práticas são “maneiras de fazer” cotidianas e não trata diretamente do sujeito que é o seu autor ou seu veículo, mas sim, refere-se a modos de operação ou esquemas de ação.

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção socioeconômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização. (CERTEAU, 2011, p. 39).

Com base nas asserções de Michel de Certeau (2011), compreendemos as práticas desenvolvidas, reconhecendo que não foram produzidas somente por aqueles que a exerceram. As fontes principais desta pesquisa constituíram-se em visitas exploratórias à APAE e ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), bem como em entrevistas com os professores e demais profissionais, a saber: assistente social, pedagogo, terapeuta ocupacional, técnico agrícola, auxiliar de enfermagem e voluntário.

Também foram analisados documentos, como o Manual de Fundação das APAEs, o Estatuto da associação, fichas funcionais dos professores de 1968 a 1988, o Plano de Ação de

2012 e as atas. Ainda foram pesquisados os jornais da época que noticiaram sobre a APAE, no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

As fontes escassas e a ausência de dados e informações foram molas propulsoras para um trabalho prazeroso, onde cada descoberta teve um significado especial e permitiu compreender como essa formação de professores ocorreu em um momento da história da educação do nosso país, onde a Educação Especial ainda dava pequenos passos.

A história construída por meio das memórias foi de suma importância para a pesquisa. Conforme aponta Bosi:

A memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade onde se insere. [...]. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. (BOSI, 2003, p. 69).

Neste sentido, a técnica de coleta de dados utilizada centrou-se nas entrevistas semiestruturadas, guiadas por um roteiro prévio e flexível e, após a execução, transcritas e analisadas.

Os dados foram tabelados, sistematizados e analisados na perspectiva de Bardin (2011, p. 37) que dispõe essa organização “[...] como um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, propondo-se alcançar, através dos procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção das mensagens.

O primeiro passo foi realizar visitas exploratórias no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, onde solicitamos gravações em CD do principal Jornal que circulava no período, o *Jornal Gazeta de Sergipe*, compreendendo o período de 1965 a 1970. Em seguida, visitamos a APAE de Aracaju, o que nos permitiu colher informações acerca das primeiras pessoas que estiveram à frente da entidade e quais os documentos teríamos acesso para dar prosseguimento à pesquisa.

A princípio, fomos informados que a mesma seria difícil por causa dos poucos dados que poderiam ser apresentados pela associação. Como já estávamos cientes de que não seria um caminho fácil em virtude da escassez de trabalhos voltados para a APAE aracajuana, essa inferência não foi motivo para o desânimo.

Em uma segunda visita informal, fomos agraciados com uma conversa com a secretária da associação, Fátima de Santana Santos, funcionária desde 1991, que se encarregou de reunir todo o material solicitado para o andamento da pesquisa. Ela trabalhou

ao lado do Senhor Manoel dos Santos Carvalho, conhecido como “Manoelito”, um dos fundadores da APAE aracajuana, já falecido e que, enquanto a saúde permitiu, esteve lutando pela associação.

Sobre a formação e sua relação com o saber, Charlot (2005, p. 41) afirma que “[...] realizar pesquisas sobre a relação com o saber é buscar compreender como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio: um sujeito indissociavelmente humano, social e singular”.

Diante do exposto por Charlot sobre a relação com o saber e com o outro, a pesquisa focou em perceber, mediante os dados obtidos, como as práticas diárias foram sendo construídas e como esse sujeito singular era percebido dentro da sociedade.

1.5 METODOLOGIA UTILIZADA

Este estudo teve abordagem na análise de conteúdo qualitativa por se tratar, de acordo com Bardin (2011), de um procedimento que pode receber inferências, é maleável, intuitivo e que vai se adaptando as circunstâncias dos acontecimentos não previstos no desenrolar da coleta de dados, podendo ser ajustado à evolução das hipóteses.

A análise quantitativa possui características diferenciadas da análise qualitativa por ser mais exata, objetiva, fiel e que pode ser acompanhada com um controle mais rígido, o que a deixa com menos lacunas no momento em que são trabalhadas as hipóteses.

No que se refere à análise qualitativa, utilizada nessa pesquisa, Bardin (2011) delinea questões que abrangem o percurso de forma clara e sucinta, tornando a sua pertinência necessária para o sucesso do trabalho. Ela destaca que:

A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre *corpus* reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, por não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que deem lugar a frequências suficientemente elevadas para que os cálculos se tornem possíveis. (BARDIN, 2011, p. 145).

Destarte, a análise qualitativa possui características maleáveis que dão ao pesquisador opções de inferências alicerçadas no trabalho com os índices obtidos.

Baseados em Yin (2001), nesse caminho metodológico, foi possível realizar observações exploratórias, entrevistas semiestruturadas, observações diretas lidando com uma gama de possibilidades de evidências, tais como: documentos, artefatos, entrevistas e

observações.

A pesquisa apresenta um caráter exploratório, de acordo com Gil (2002), por ser bastante flexível, o que possibilita considerações variadas sobre o fato estudado e a aplicação de entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.

A análise do nosso estudo não se caracteriza como um fenômeno isolado, mas traz junto a trajetória profissional da pesquisadora, que adentrou o mundo da educação especial há exatamente 20 anos.

Elegemos a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju como espaço de referência no trabalho com pessoas com deficiência intelectual e/ou múltiplas para explorar, questionar, entender, conhecer e fomentar novas possibilidades na formação de professores para atender a diversidade.

1.6 CAMPO DA PESQUISA

Elencamos, neste estudo, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju como campo principal para a sua realização. A amostra constitui-se por professores e profissionais que compõem o quadro funcional da instituição desde a época do recorte temporal, além de uma parte de ex-funcionários que atuaram no período pesquisado. Este último grupo, foi localizado, por meio dos dados coletados, nas visitas exploratórias e formalizadas, mediante consultas ao arquivo morto da associação e nas fichas funcionais. Para participar da pesquisa, utilizamos como critério o período do recorte temporal, de 1968 a 1988.

De posse dos dados dos ex-funcionários, a pesquisadora entrou em contato por intermédio das redes sociais *Facebook* e *Whatsapp*, e-mails, ligações, cartas e conversas informais, na tentativa de localizar os possíveis informantes e verificar a possibilidade do encontro presencial para as entrevistas propostas no campo metodológico.

Atualmente a APAE trabalha com o Atendimento Educacional Especializado (AEE), onde é necessário que os alunos frequentem uma escola de Ensino Regular no turno oposto, nas redes, estadual ou municipal, sendo isto, um pré-requisito para ser atendido no AEE.

De acordo com o Decreto nº 7.611/2011, que dispõe sobre a Educação Especial e o Atendimento Educacional Especializado, contemplado no Plano de Ação da associação, uma das missões “[...] promover e articular ações de defesa de direitos, prevenção, orientações, prestação de serviços, apoio a família, direcionada a melhoria da qualidade de vida e inclusão da pessoa com deficiência e a construção de uma sociedade justa e solidária” (2012, p. 1), e

ofertar atendimentos com pedagogo, assistente social, psicólogo, psicopedagogo, terapeuta ocupacional, enfermeira e fonoaudiólogo. Além disso, parte da Educação Física promove atividades como capoeira e outras danças, bem como oficinas de artesanato.

Hoje, constam 188 assistidos e havia a proposta de implantação do Centro de Reabilitação da APAE através do Sistema Único de Saúde (SUS), para o mês de abril do corrente ano (2017), assistindo a 390, nas áreas de fisioterapia, psicoterapia e psicologia, visto que em outubro de 2016 foi assinado um convênio com o Ministério da Saúde. Todavia, por motivos maiores (documentação, espaço adequado, repasse de verbas), esse prazo foi protelado e não há, até o momento, uma data específica.

O espaço passou por uma recente reforma apoiada pelo CajuCap (Certificado de Contribuição emitido pela APAE BRASIL inscrita sob o N° CNPJ 13.043.636/0001-16), que vem passando uma porcentagem de sua arrecadação para a associação aracajuana, viabilizando a equipe diretiva, na pessoa do presidente Max Santos Guimarães, a investir para oferecer um atendimento de qualidade para todos, em ambientes confortáveis para os profissionais e os assistidos.

No entanto, a reforma para a implantação do Centro de Reabilitação dependerá do repasse da verba federal, via município, para o andamento do projeto de estruturação física, previsto para ter início em dezembro de 2016.

A associação oferece aos seus atores principais uma alimentação com acompanhamento de nutricionistas na entrada e saída para aqueles que desenvolvem atividades durante todo o turno.

No quadro 3 estão detalhadas as informações sobre a atuação profissional de cada participante, o nome alcunhado na pesquisa e o período de admissão na referida associação.

Quadro 3 - Caracterização dos participantes da pesquisa

QUANTIDADE	PROFISSIONAL	NOME NO ESTUDO	ANO DE ADMISSÃO
1	Professora	Margarida 1	1986
2	Professora	Margarida 2	1986
3	Voluntária	Margarida 3	1973
4	Assistente Social	Margarida 4	1985
5	Terapeuta Ocupacional	Margarida 5	1987
6	Professora	Margarida 6	1979
7	Professora	Margarida 7	1969
8	Professora	Margarida 8	1969
9	Professora	Margarida 09	1981
10	Professora	Margarida 10	1986

11	Professora	Margarida 11	1988
12	Professor	Margarida 12	1988
13	Técnica em Enfermagem	Margarida 13	1979
14	Técnico Agrícola	Margarida 14	1985

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nos dados coletados na pesquisa.

A investigação foi realizada com um total de 14 (quatorze) profissionais assim distribuídos: nove professores, a qual uma atuou como professora por um tempo curto, depois como pedagoga e, deste grupo, apenas um era do sexo masculino; e cinco profissionais de outras áreas, sendo uma voluntária, uma assistente social, uma terapeuta ocupacional, uma técnica em enfermagem e um técnico agrícola. Desse total, dois iniciaram na APAE como estagiários.

Das quatorze entrevistas, cinco ocorreram nos espaços da associação, em dias alternados. Três dos cinco informantes permanecem no quadro efetivo e solicitaram que as mesmas fossem na associação, no intervalo do repouso e os outros dois fizeram essa escolha por, segundo eles, motivos pessoais.

Dessa forma, a pesquisadora tomou os cuidados devidos para que o presente não fizesse paralelo com o passado, trazendo inferências que pudessem interferir no propósito da pesquisa.

1.7 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Por se tratar de uma pesquisa baseada na História Cultural e com abordagem na análise de conteúdo qualitativa, podendo receber inferências, por valorizar a linguagem oral, a pesquisadora priorizou a entrevista semiestruturada individual e outras técnicas de coleta de dados, como a visita exploratória, observação e análise dos documentos, em momentos diversificados, com o objetivo de fortalecer e embasar o aporte teórico acerca do objeto de estudo. Sendo assim:

Entre história e ficção, a distinção parece clara e resolvida se se aceita que, em todas as formas (míticas, literárias, metafóricas), a ficção é “um discurso que ‘informa’ do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele”, enquanto a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é. Neste sentido, o real é ao mesmo tempo o objeto e o fiador do discurso da história. (CHARTIER, 2009, p. 24-25).

Focando no retratado em tela por Chartier, para não deixar margens abertas, a pesquisa

foi executada por mais de um instrumento de coleta de dados, sendo que alguns se antecederam, como as visitas exploratórias à APAE e ao IHGSE, que deram suporte para o trabalho de campo e contribuíram na elaboração da entrevista semiestruturada e no traçar de quais documentos teríamos acesso no decorrer do estudo. Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1999) enfatizam que:

As pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas, isto é, usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados. Podemos dizer, entretanto, que a observação (participante ou não), a entrevista em profundidade e a análise de documentos são os mais utilizados, embora possam ser complementados por outras técnicas. (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 163).

Neste sentido, para uma melhor compreensão, foi elaborado um quadro informando o tipo de coleta, o objetivo de cada uma e o período em que foi realizada.

Quadro 4 – Os instrumentos de coleta de dados e os seus objetivos na pesquisa

TIPO DE INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	OBJETIVO	MÊS E ANO DA COLETA DE DADOS
Visita exploratória à APAE (apresentação do projeto), observação e conversa informal	Apresentar o projeto, conhecer o espaço da pesquisa e observar possíveis obstáculos que possam interferir no desenrolar da pesquisa.	Abril de 2016
Visita exploratória com identificação de alguns documentos	Identificar e listar os documentos que darão suporte a pesquisa.	Abril de 2016
Visita ao IHGSE (solicitação de material do período de 1965 a 1970) gravados em CD	Solicitar a gravação do Jornal Gazeta de Sergipe, no período de 1965 a 1970, com objetivo de localizar notícias veiculadas sobre a APAE, no período da fundação.	Maior de 2016
Visita exploratória com acesso as fichas funcionais do arquivo morto.	Selecionar as possíveis informantes.	Maior de 2016
Visita para assinatura do termo de autorização para o desenvolvimento da pesquisa	Obter a autorização para a pesquisa na APAE, por meio de ofício, que será anexado aos documentos e enviado para aprovação pelo Comitê de Ética.	Junho de 2016
Entrevistas semiestruturadas com os ex-funcionários professores e profissionais	Conhecer as formações dos professores anteriores a APAE; identificar como se deram as formações	Fevereiro a maio de 2017

	posteriores, a frequência, os obstáculos, a dinâmica e as práticas educativas do período pesquisado.	
Visita para informar a aprovação do Comitê de Ética, assinatura do diretor no termo de autorização e consentimento e entrega da declaração da pesquisadora de acordo com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e solicitar agendamento para as entrevistas e a consulta aos documentos	Informar a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética; colher a assinatura do diretor no termo de autorização e consentimento para a realização da pesquisa; entregar oficialmente a declaração da pesquisadora e solicitar agendamento para as entrevistas e o acesso aos documentos.	Março de 2017
Entrevistas semiestruturadas com as professoras e profissionais que permanecem no quadro efetivo da APAE da data do recorte temporal de 1968 a 1988	Conhecer as formações dos professores anteriores a APAE; identificar como se deram as formações posteriores, a frequência, os obstáculos, a dinâmica e as práticas educativas do período pesquisado.	Abril de 2017
Leitura e observação minuciosa dos documentos: Plano de Ação de 2012 e o Estatuto da APAE	Identificar os objetivos principais do Regimento e do Estatuto que regem a APAE e todos os envolvidos.	Mai e junho de 2017

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nos procedimentos metodológicos da pesquisa.

1.7.1 Visita exploratória

As visitas exploratórias, como primeiro instrumento de coleta de dados, foram essenciais na construção da esquematização da pesquisa, pois elas direcionaram os passos com prudência, apontando os obstáculos e intuindo a pesquisadora para caminhos acertivos.

Nessas visitas, foi possível apresentarmos o projeto, conhecermos o espaço e a sua dinâmica diária por meio das conversas informais, observarmos a disposição das salas, colhermos alguns dados relevantes para a pesquisa, como quem era o funcionário mais antigo e o quantitativo do corpo funcional, além de conseguirmos identificar possíveis informantes e quais documentos poderíamos ter acesso para a construção da pesquisa.

Na pesquisa qualitativa, Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999, p. 164) trazem que “[...] a observação de fatos, comportamentos e cenários é extremamente valorizada”. As observações participantes realizadas foram de caráter não estruturado, por não seguirem uma escala predeterminada, ou seja, um roteiro.

Elas foram acontecendo de acordo com a permissão da associação e das necessidades da pesquisadora na obtenção de dados que colaborassem para a pesquisa, interagindo e

partilhando momentos e espaços depois de estabelecida uma relação de confiança com os sujeitos envolvidos.

1.7.2 Entrevista semiestruturada

As entrevistas semiestruturadas, com base em Gil (2002), embora livres, enfocam um tema específico. Elas são guiadas pela relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando no decorrer do processo e assume a responsabilidade de manter ou trazer o entrevistado ao ponto central após alguma digressão e, quando se trata de entrevista de pesquisa, o entrevistador constitui a única fonte de motivação para o êxito do trabalho.

Conforme Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999), a entrevista permite ao pesquisador explorar, de forma coesa, o tema abordado, por ter a natureza interativa, podendo ser usada como a principal fonte de coleta de dados, como também, de acordo com os instrumentos selecionados, ser parte integrante da observação participante.

O resultado obtido dependeu das habilidades da preparação do entrevistador antes de adentrar o campo de pesquisa, assim como a sua capacidade de condução, mantendo o diálogo aberto, livre, de forma clara, desinibida, coerente e que não caminhasse para um contexto pessoal.

Dessa forma, foram usadas como estratégias a elaboração de perguntas sucintas e de dificuldade média, sem amplitude nas evocações dos informantes, que não causassem inibição ou constrangimento e que pudessem responder ao objetivo da pesquisa, atendendo às propostas levantadas e com fluidez no diálogo.

1.7.3 Análise dos documentos

Os documentos garimpados para alicerçar o objeto pesquisado foram essenciais como subsídios que permitiram a validação de questionamentos e objetivos fomentados na elaboração da pesquisa.

De acordo com Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999, p. 169), “[...] considera-se como documento qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação. Regulamentos, atas de reunião, livros de frequência, relatórios, arquivos, pareceres, etc.”. Estes que são materiais imprescindíveis e valiosos instrumentos para a coleta de dados de uma instituição ou de um grupo, porque estabelecem relações através das normas e dos princípios que regem os mesmos, permitindo ao pesquisador um conhecimento mais aprofundado do seu

objeto de pesquisa.

Para a análise dos documentos tomou-se como base as três fases descritas por Bardin (2011, p. 125): “1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”. Na primeira, organizamos o material encontrado cronologicamente para facilitar a construção e análise contextualizada; após esse primeiro contato, o material foi analisado e as categorias desejadas selecionadas e, por último, conjecturamos se os resultados encontrados respondiam as questões elaboradas, se eram válidos e se possuíam caráter significativo dentro da proposta da pesquisa.

1.7.4 Análise dos dados

De posse de todos os dados coletados, para a análise empreendemos uma sistematização de acordo com Bardin (2011), onde 9 (nove) categorias foram elencadas: a) formação anterior a APAE; b) frequência de cursos de aperfeiçoamento; c) participou de quais cursos de formação; d) quais as práticas educativas trabalhadas; e) qual o conhecimento pessoal sobre educação especial; f) obstáculos na prática diária; g) familiar com deficiência ou conhecido; h) o porquê de trabalhar na APAE; e i) o que levou da APAE para a vida.

As categorias foram traçadas de forma que, por meio da experiência vivida pelos informantes, pudéssemos chegar às conclusões o mais próximo possível dos objetivos postos em discussão.

Em relação à experiência, Thompson (2001) propõe, em seus escritos, a distinção entre a experiência vivida e a experiência percebida. Por intermédio das leituras, evidencia-se que o conceito de experiência histórica e cultural são modelos catalizadores de ação social na visão do autor.

Consoante Thompson (2001, p. 277), “[...] na história, nenhuma formação de classe específica é mais autêntica ou mais real que outra. As classes se definem de acordo com o modo como tal formação acontece efetivamente”.

Para este autor, não se pode pensar um momento histórico separado do outro, pois cada um tem a sua veracidade, a sua importância, a sua história que não deve ser colocada fora das análises do momento em questão.

Os resultados foram postos em um quadro (Ver Anexo E, p. 98), que permitiu aos pesquisadores observar as dimensões gerais, as inferências e selecionar as respostas que responderam os objetivos da pesquisa, traduzindo o mais fiel possível todos os elementos encontrados.

Baseando-se nos resultados das categorias selecionadas, percebemos, nas falas dos informantes, que há algumas divergências nas respostas de acordo com o período de admissão na associação e o tempo de permanência na mesma.

Sendo assim, na terceira seção será construída uma linha do tempo no diálogo com os mesmos, para que possa ser compreendido o caminhar da formação dos professores e o desenvolvimento das práticas educativas no período de 1968 a 1988, com a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil, finalizando a seção com o olhar redimensionado, voltado para a Educação Especial.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS NO BRASIL E EM ARACAJU

Figura 2 – Logotipo APAE BRASIL – Federação Nacional das Apaes³



Fonte: Google imagens -Fenapaes.

2.1 HISTÓRIA DA APAE DENTRO DA ATENÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

O logotipo das associações apaeanas, como na figura 2, exposta com o título “APAE BRASIL: Federação Nacional das Apaes”, é a representação oficial que identifica a rede de instituições. No entanto, há, na história da identidade das APAEs, diversos símbolos que retratam a sua persistência dentro da sociedade.

O surgimento de associações no Brasil, voltadas para o atendimento e/ou acolhimento de pessoas com deficiência, foram um significativo marco no século XX.

Traçamos uma linha do tempo até chegar à fundação da primeira APAE brasileira, ocorrida no Rio de Janeiro, no dia 11 de dezembro de 1954, em virtude da chegada de Beatrice Bemis ao Brasil, procedente dos Estados Unidos da América, membro do corpo diplomático norte-americano e mãe de uma pessoa com Síndrome de Down – síndrome que se caracteriza pela deficiência intelectual.

³ Descrição da imagem: figura oval, fundo branco com as margens cinza. No meio, a flor margarida com nove pétalas amarelas, centro laranja, pendúculo e duas folhas verdes, uma de cada lado, ladeadas por duas mãos em perfil, na cor cinza, desniveladas, uma em posição de amparo e a outra de orientação, tendo embaixo, partindo do pendúculo, dois ramos de louro, contendo vinte e sete folhas verdes que indicam o número de estados brasileiros e o Distrito Federal. Na parte inferior, centralizado, caixa alta, negrito “APAE BRASIL”, trazendo ao final, Federação Nacional das Apaes. Fonte: APAE Brasil, 2014.

Audiodescritora: Ana Cláudia Sousa Mendonça. Consultor: José Wellington dos Santos. Revisora: Rita de Cácia Santos Souza.

Em seu país ela havia participado da fundação de mais de duzentas e cinquenta associações e admirava-se por não existir no Brasil. A partir desta observação surgiram no país várias associações compostas por grupos de pais, amigos, professores e pessoas próximas aos excepcionais.

Segundo Jannuzzi, no Brasil, em relação à história de vida das pessoas com deficiência e as instituições, de acordo com dados oficiais, temos, entre o Brasil Colônia e a Primeira República, o seguinte quadro: “Brasil Colônia (1500 – 1822): 2 instituições; Brasil Império (1822 – 1889): 5 instituições; Brasil Primeira República (1889 – 1930): 24 instituições.” (JANNUZZI, 2013, p. 4).

O retratado pela autora deixa o nosso país bem distante dos Estados Unidos da América, que já possuíam mais de duzentas e cinquenta APAEs em meados do século XX, por volta de 1954 e, no Brasil, nesse mesmo período, não tínhamos associações com a mesma filosofia para o atendimento e a atenção a pessoa com deficiência.

A Secretaria de Direitos Humanos do Brasil, no catálogo “Para Todos” – movimento político das pessoas com deficiência no Brasil (2010, p. 6), aborda que, no século XX, “[...] surgem avanços importantes para as pessoas com deficiência. Instrumentos como cadeira de rodas e bengalas são aperfeiçoados, assim como o sistema de ensino para surdos e cegos”. Neste mesmo documento também são apresentados enfoques em relação ao Brasil e ao mundo, onde é apontado que,

[...] no Brasil, na primeira metade do século XX, a sociedade civil começa a criar organizações voltadas à assistência nas áreas de educação e saúde. O Estado limita-se a expandir os institutos de cegos e surdos para cidades menores e não promove outras ações para pessoas com deficiência. [...] no mundo, entre 1902 e 1912, apesar das sucessivas guerras, cresce na Europa a organização das instituições voltadas para as pessoas com deficiência. Consolida-se a percepção de que pessoas com deficiência precisam participar ativamente do cotidiano e integrar-se à sociedade. (BRASIL, 2010, p. 6).

Os dados postos no catálogo citado mostram o quão longe estávamos de atender com dignidade a diversidade do nosso país e o quanto foi importante a chegada da APAE como um local de apoio aos pais, às crianças, aos jovens e aos adultos que não eram aceitos nas instituições escolares, por não estarem dentro do protótipo criado pela sociedade de igualdade no comportamento, na maneira de aprender e de conviver em sociedade.

De acordo com a Secretaria de Direitos Humanos do Brasil, a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais fundou-se no Rio de Janeiro, em 1954, por iniciativa da

americana Beatrice Bemis e, a partir de então, foram disseminadas diversas unidades pelos estados brasileiros.

Em 1932, data que antecedeu a criação da APAE no Brasil, a psicóloga russa Helena Antipoff, a convite do governo de Minas Gerais, criou a Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte e introduziu o termo “excepcional” a fim de substituir as expressões “deficiência” e “retardo mental” para designar deficiência intelectual. Para ela, a origem da deficiência vincula-se à condição de excepcionalidade sócio-econômica ou orgânica.

Entre 1954, data de fundação da primeira APAE e 1974, um marco temporal de 20 (vinte) anos, a associação se expandiu para 198 unidades em 16 estados.

Nota-se um crescimento marcante na história da associação, que tinha as famílias, pessoas próximas e amigos engajados nessa disseminação em busca de um espaço que acolhesse seus filhos, dando-lhes o direito em ter um lugar na sociedade onde pudessem construir a sua história social, educacional e política, enquanto cidadãos de direitos e deveres.

Dos 2.594 estabelecimentos de ensino especial existentes no país, havia 198 unidades da APAE e 24 unidades da Pestalozzi. É importante notar o nascimento dessas duas entidades em estruturas sociais já organizadas e com objetivos bem definidos: a primeira com profissionais da educação e a segunda com famílias e pessoas envolvidas com a questão. (JANNUZZI, 2013, p. 4-5).

Ficou perceptível, mediante os dados expostos Jannuzzi (2013), que o país possuía um número consubstancial de estabelecimentos de ensino especial. Contudo, essas pessoas, nesse período, eram tratadas no aspecto ligado à saúde, vistos como incapazes em relação ao desenvolvimento cognitivo.

Notamos que o crescimento dessas instituições se deu em um período anterior a Constituição brasileira de 1988 e, por isso, o foco educacional ainda não permeava os trabalhos e atendimentos desenvolvidos às pessoas com deficiência.

Foi com a Constituição da República Federativa do Brasil, nos artigos 205 e 206 e nos demais da seção dedicada à educação, que a mesma passou a ser vista, embora não sendo efetivada completamente, como direito de todos os cidadãos.

A partir da promulgação, os profissionais da educação começaram a perceber que precisavam de novos direcionamentos em suas ações para que pudessem, por meio de tentativas, de erros e acertos, contemplarem a todos no desenrolar de suas atividades enquanto formadores e representantes do saber acadêmico.

Porém, as circunstâncias e a realidade não eram tão fáceis e dinâmicas em uma sociedade permeada pelo individualismo e por relações sociais que abraçavam os que podiam se destacar e que faziam a diferença, contemplando o capitalismo que engessava a sociedade e discriminava quem não se encaixava no perfil homogêneo idealizado pela mesma.

A história mostra que a chegada da APAE no país foi fundamental para que novas possibilidades de estudos e pesquisas direcionadas à aprendizagem da pessoa com deficiência fossem abrindo espaços nas academias. Com isso, novas percepções acerca da aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual foram vislumbradas no contexto social.

Foi então que, no Brasil, essa mobilização social começou a prestar serviços de educação, saúde e assistência social a quem deles necessitassem, em locais que foram denominados como Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), constituindo uma rede de promoção e defesa de direitos das pessoas com deficiência intelectual e múltipla, que hoje conta com cerca de 250 mil pessoas com estes tipos de deficiência, organizadas em mais de duas mil unidades presentes em todo o território nacional. Toda essa mobilização em torno da pessoa com deficiência, impulsionada pela Declaração dos Direitos Humanos, que culminou na criação das Apaes e, com a expansão desta iniciativa Brasil afora, convencionou-se a tratá-la como o "Movimento Apaeano". (APAE BRASIL).

E dentro dessa perspectiva de união de forças em busca de espaços de aceitação para filhos, amigos e vizinhos, um grupo de pais se abraçou em meio às dificuldades e nasceu a APAE aracajuana, trazendo esperança para quem estava à margem da sociedade.

2.2 FUNDAÇÃO E HISTÓRIA DA APAE ARACAJUANA⁴

Figura 3 – Logotipo da APAE Aracaju - SE⁵

⁴ Contém partes de um capítulo publicado na Revista Criação, 2017, intitulado: APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais/Aracaju: identidade, história e cultura.

⁵ Descrição da imagem: figura retangular, fundo branco, à esquerda traz a flor margarida com nove pétalas amarelas, centro laranja, pendúculo e duas folhas verdes, uma de cada lado, ladeadas por duas mãos em perfil, na cor cinza, desniveladas, uma em posição de amparo e a outra de orientação, tendo embaixo, partindo do pendúculo, dois ramos de louro, contendo vinte e sete folhas verdes que indicam o número de estados brasileiros e o Distrito Federal. À direita, em caixa alta, em negrito “APAE”, e abaixo, na cor preta, “Aracaju-SE”. Fonte: APAE BRASIL, 2014.

Audiodescritora: Ana Cláudia Sousa Mendonça. Consultor: José Wellington dos Santos. Revisora: Rita de Cácia Santos Souza.



Fonte: Google imagens da APAE Aracaju.

Na construção da identidade, a associação adotou no logotipo o símbolo oficial da figura da flor “margarida”, tendo como diferencial nas imagens o estado ou cidade onde está inserida a associação.

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju/Sergipe, foi fundada em 27 de Agosto de 1968 pelo Senhor Paulo Donizete, este que tinha um filho com Paralisia Cerebral. Na época, encontrar escolas com atendimento na área da Educação Especial era quase impossível. Diante de tais dificuldades, ele procurou outras famílias que tinham os mesmos objetivos, “cuidar de seus filhos com deficiência”, para juntos encontrarem uma solução.

Os primeiros passos foram dados pelos Senhores Luiz Gonzaga da Silva, Paulo Donizete, Moacir Seabra Oliveira, Manoelito Carvalho e outros que foram se somando à causa. No entanto, anos antes já circulava a possibilidade da fundação da associação na capital sergipana. Em 1965, o Jornal Gazeta de Sergipe trouxe, em sua edição de 11 de março (Ver Anexo F – p. 102), a seguinte nota:

CRIANÇAS ANORMAIS: Um leitor assíduo desta coluna, que se assina Paulo J. O. Vieira, nos escreve amável carta, comunicando que pretende fundar nesta Capital, uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, (APAE) órgão que se propõe a congregar os pais de crianças retardadas, mas, a comunidade em geral. Deseja o missivista ampla publicidade, a fim de despertar o interesse do povo. A direção deste órgão fará publicar os – conceitos – remetidos em outro local. O Centro de Recuperação Ninota Garcia, sob os cuidados do dr. Antonio Garcia, é um obra meritória e que vai prestando relevantes serviços a todos os “retardados”. O sr. Paulo Vieira deveria entender-se com o diretor do Centro de Recuperação, para melhormente acertarem a solução dos problemas que o preocupam. (JORNAL GAZETA DE SERGIPE, 1965, p. 4).

Nota-se que as notícias das fundações das APAEs em outros estados tinham chegado até a nossa cidade bem antes da primeira reunião oficial dos interessados na causa. A primeira

reunião registrada em ata aconteceu no antigo Auditório do Ginásio de Esportes Charles Moritz, em 27 de agosto de 1967, tendo o início das atividades ocorrido somente um ano mais tarde.

Em razão do preconceito social, as famílias negavam a existência das crianças com deficiência e, sendo assim, poucas pessoas utilizavam os serviços prestados pela instituição. Neste contexto e com o intuito em aumentar o número de participantes, foram realizadas visitas às famílias que tinham filhos ou parentes com deficiência.

No ano de 1970 (ver Anexo G – p. 103), quase cinco anos após a publicação referenciada anteriormente, o mesmo jornal traz como destaque outra nota:

Presidente APAE(s) Fala Dos Excepcionais: O Sr. Paulo José de Oliveira Vieira presidente da Associação de Pais e amigos dos Excepcionais de Aracaju, disse a GAZETA DE SERGIPE que a promulgação da Emenda Constitucional pelo Governo do Estado, com a inclusão das medidas de proteção adotadas pela Constituição Federal no parágrafo 2º do artigo 143, tem sido muito bem aceita pela comunidade sergipana, porque visa proteger a criança excepcional. Acrescentou o Presidente da Associação que “o parágrafo 2º do artigo 143 da nossa Carta Magna, diz: ‘O Plano Estadual de Educação adotará normas visando a Educação Especial dos Excepcionais do físico, dos sentidos e da inteligência.’” (JORNAL GAZETA DE SERGIPE, 1970, p. 2).

Sobre o que foi publicado neste periódico, tem uma passagem que abrange, de forma sucinta, o exposto pelo Senhor Paulo José de Oliveira Vieira, presidente da APAE sergipana, ao dispor que a Emenda Constitucional envolve toda a sociedade, porque mesmo direcionada a uma parte da população, ela só funcionará com o apoio e a intervenção de todos os componentes do grupo social quando disseminada em sua individualidade. Isto porque,

Quando um acontecimento político mexe com a cabeça de um determinado grupo social, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá desse acontecimento. Portanto, uma das faces da memória pública tende a permear as consciências individuais. (BOSI, 2003, p. 21-22).

O mesmo recorte jornalístico mencionava a importância da Emenda Constitucional para Sergipe e a quem competia a responsabilidade de preparar a comunidade para a aceitação dos excepcionais. Em relação a Sergipe está posto que:

Para o Sr. Paulo José de Oliveira Vieira, desta forma, Sergipe, ficou dotado dos elementos básicos para enfrentar o grave problema do Retardo Mental, que tem atingido e inabilitado cerca de 5% da população desde o seu

nascimento, e não pode deixar de ser considerado um problema social. Lembrou o Presidente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju, que ate pouco tempo, a criança excepcional, era considerada como algo vergonhoso, a tal ponto que as famílias os mantinha escondidos. Com o surgimento de entidades que congregam pais, amigos e pessoas interessadas, houve um despertar geral da Nação, para tão grave problema, que não de ordem particular, mas de tōda a comunidade. (GAZETA DE SERGIPE, 1970, p. 2).

Percebe-se o despertar para a causa do “excepcional” depois da Emenda Constitucional, que munuiu de esperanças os pioneiros da APAE sergipana, os quais, mesmo sutilmente, já percebiam mudanças e obstáculos sendo vencidos.

O desejo do crescimento da caminhada fomentou o galgar da primeira batalha: conseguir pessoas que abraçassem a associação, apresentando seus filhos, parentes e amigos para o novo que adentrava a sociedade aracajuana. Isto impulsionou um pequeno grupo que, aos poucos, ganhou forças e adeptos.

Ao mesmo tempo, visitas foram feitas ao Centro de Reabilitação Ninota Garcia com o objetivo de sensibilizar as famílias sobre a importância do tratamento para o desenvolvimento do indivíduo. Segundo Souza (2013, p. 118), o Centro de Reabilitação Ninota Garcia “[...] surgiu entre 1961 e 1963 e tinha como finalidade assistir os deficientes motores e dos sentidos e foi o pioneiro no trabalho com a Educação Especial no Estado de Sergipe e o terceiro no país”. Nesse trabalho de impactar as responsabilidades, o jornal termina a escrita da nota pondo que:

Afirmou o sr. Paulo José de Oliveira, que “recai sōbre as APAEs”, a responsabilidade de preparar a comunidade para a aceitação dos excepcionais, como eles são, fazendo com que êste seja aceito dentro da família e fora dela, e que se extermine de uma vez por todas os preconceitos, e, abusos. (JORNAL GAZETA DE SERGIPE, 1970, p. 2).

Nota-se uma preocupação em sensificar não só as famílias, como a comunidade em que essas pessoas e seus familiares estavam inseridos. É muito forte a questão “aceitação”, ou seja, ser aceito dentro e fora, exterminando preconceitos e abusos. Contudo, a caminhada não seria fácil, porque destronar conceitos arraigados é muito dolorido, principalmente quando atinge a menor parte do todo.

O grupo permaneceu focado nos ideais de construção de um espaço de “receptividade” digno para as pessoas com deficiência, as quais eram, no período em estudo, denominadas de excepcionais ou com retardo mental.

No início, as atividades da associação eram realizadas em uma sala no Estádio Lourival Batista (Batistão)⁶, onde funcionava todo atendimento educacional, período que não havia distinção de deficiência e nem limite de faixa etária. Em uma assembleia da APAE foi discutido sobre a sala do Batistão:

Franqueada a palavra, o Secretário Manoel dos Santos Carvalho prestou conta da sua visita ao Secretário de Educação referente à cessão ou não da sala do Estádio Lourival Batista para sede e escola da “APAE”, informando que no dia seguinte iria apanhar naquela Secretaria o ofício para a Administração do Estádio lhe entregar a chave da sala solicitada. (ATA DA 2ª ASSEMBLEIA DA APAE, 29 de abril de 1971).

A assembleia relatada aconteceu na sede social do “SESC - SENAC”, onde, dentre vários assuntos abordados, pleiteava-se uma sala no Estádio Lourival Batista, junto ao Secretário de Educação.

A Ata da 3ª Assembleia, realizada no dia 25 de maio de 1971, (ver Anexo I, p. 105), ocorreu “[...] às 20:30 horas na Sede e Escolinha da ‘APAE’ à sala nº 13 do Estádio Lourival Batista”. Ficando evidente que a solicitação foi prontamente atendida.

Diante do número de pessoas para serem atendidas, do pouco conhecimento em relação as deficiências e para garantir uma melhor recepção, surgiu a necessidade de buscar informações e formações. Com isso, foram enviados para a APAE de Salvador/BA alguns professores por um período de cinco meses para eles realizarem estágio, objetivando a formação na Escola Especial.

Diversas personalidades foram de grande importância para o nascer da APAE aracajuana e a Senhora Marilza Franco, primeira fonoaudióloga do Estado de Sergipe, foi fundamental para o crescimento da instituição e a sua parceria suscitou a primeira capacitação para os professores dentro da própria instituição.

Em virtude do aumento na procura de atendimento, o espaço ficou pequeno e, em 1973, foi alugada uma casa na Rua Arauá, onde a APAE passou a fazer os atendimentos. A nova sede possuía espaço físico e, assim, novas salas foram surgindo, oferecendo comodidade, conforto e melhorias.

Diante dessas possibilidades, após visita do norte americano Doutor Kleber, foi implantado, na nova sede, o Método *Doman Delacato* (método desenvolvido para o tratamento de crianças com lesão cerebral, publicado em 1960 no “*Journal of the American*

⁶ Ver ANEXO H, p. 104.

Medical Association”- JAMA) e o doutor Kleber era o responsável pelos atendimentos somente nos fins de semana.

A partir daí, o perfil do público que frequentava a instituição mudou e passaram a ser atendidas pessoas com grande comprometimento e as de baixa renda.

Neste período, o antigo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) preferiu não assinar convênio com a associação por não acreditar no desenvolvimento das pessoas com deficiência, acreditando que isso era um “desperdício”. No entanto, com a chegada da Assistente Social Magali⁷, o citado órgão passou a liberar os exames solicitados pelo médico que exercia o ofício voluntariamente.

Em 1975, deu-se início a “Feira da Bondade”, que tinha por objetivo angariar recursos com a venda dos produtos confeccionados pelos assistidos, familiares, voluntários e profissionais da associação, além dos que eram doados pela sociedade sergipana para ajudar na manutenção e realizar o sonho da sede própria.

Em 1979, na gestão do Senhor Luiz Gonzaga da Silva, no governo de Cleóvanes Sóstenes, foi doado um terreno de 2.200² (dois mil e duzentos metros quadrados), transformando o sonho em realidade. Assim, a nova sede foi construída na Rua Manoel dos Santos Carvalho, sob o número 379, no Bairro Industrial em Aracaju/Sergipe (Relato do Senhor Luiz Gonzaga da Silva e Senhora Maria Carvalho).

A construção da sede contou com a ajuda dos empresários da época e com a participação da sociedade sergipana por meio da “Feira da Bondade”, que acontecia anualmente com sucesso.

Na década de 1980, na gestão da Senhora Maria Lúcia Franco, trabalhos multidisciplinares foram iniciados com a chegada da fisioterapeuta Linda Morgan, com profissionais da área de Serviço Social, Educação e Saúde, sendo oferecidos serviços de fisioterapia, fonoaudiologia, orientação pedagógica e psicologia, aumentando, consideravelmente, o número de pessoas que buscavam atendimentos na APAE aracajuana.

A partir da década de 1990, os serviços institucionais foram sendo aperfeiçoados, o que possibilitou uma melhoria nos atendimentos, levando a educação especial a passar por mudanças.

Exemplo dessas modificações foi o surgimento de leis que regem a inclusão das pessoas com deficiência no ensino regular, possibilitando um novo olhar e novas discussões para a sonhada Inclusão Social.

⁷ Não foi localizado algum documento com o nome completo e a procedência dessa Assistente Social.

Nessa caminhada, as dificuldades financeiras sempre estiveram presentes e, na década de 2000, elas persistiram, sendo que em 2003, com a inserção do Programa de Proteção à Gestante (PPG), a instituição deu uma injeção de ânimo nas finanças, passando a fazer mais de trezentos atendimentos. Em 2007, no governo de Marcelo Déda, o PPG foi cortado.

Nos últimos anos, a APAE vem vivenciando momentos financeiramente difíceis, sendo até cogitado o fechamento da mesma, o que traria perdas para o público predominante, visto que são assistidos, em sua maioria, de baixa renda e de alto comprometimento. O atendimento oferecido pela APAE é destinado a pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla.

O Estado e o Município colaboram por intermédio de convênios com o transporte e alimentação (os alunos fazem duas refeições em cada turno, uma na chegada e a outra na saída), como também, disponibilizam alguns funcionários e estagiários para a prestação de serviços na associação.

A sociedade aracajuana colabora por meio de campanhas, profissionais voluntários e festas em prol da associação, além de contar com recursos financeiros de associados contribuintes, funcionários da empresa PETROBRAS, do Banco do Estado de Sergipe (BANESE), da Companhia de Saneamento de Sergipe (DESO), da empresa SERGÁS e algumas empresas privadas através do Projeto Adote (APAE, 2012).

Mesmo assim, não é suficiente perante os gastos para com recursos humanos, manutenção do espaço físico, materiais didáticos e mobiliários. Enfim, tudo que é necessário, para uma associação, empresa ou instituição se manter ativa numa sociedade capitalista.

O atual presidente da APAE chama-se Max Santos Guimarães, que junto com a diretoria não medem esforços para manter o funcionamento da mesma.

Figura 4 – Fotografia do presidente da APAE Aracaju - SE⁸

⁸ Descrição da imagem: fotografia horizontal, tórax de um homem ao centro e o tórax de uma mulher à esquerda do homem e de outra à sua direita. Homem de cor branca, alto, sorridente, abraçando as duas mulheres, vestindo blazer preto aberto e por baixo, camisa azul, com riscos brancos e de botões fechados e colarinho aberto. Mulher da esquerda usa diadema de laço marrom, blusa de malha amarela com branco, cabelos curtos e olhar dirigido para cima. Mulher da direita usa óculos, brincos pequenos, sorridente, olhar dirigido à frente e na sua blusa, no lado direito aparece o nome “APAE” em negrito, caixa alta e abaixo “Aracaju – SE”, tendo ao lado dois círculos amarelos. Fundo da fotografia azul com nome e logotipo da prefeitura de Aracaju, tendo à esquerda, o brasão oficial, símbolo da cidade, formado por figura quadrada, dividida em quatro partes, na primeira uma cruz, na segunda, a salina, na terceira, um coqueiro e na quarta, a roda dentada, todos na cor branca, trazendo dois cavalos marinhos, um do lado direito e outro do lado esquerdo. E no canto direito da fotografia, o mastro com a bandeira de Sergipe nas cores verde, branco, amarelo e azul.

Audiodescritora: Ana Cláudia Sousa Mendonça. Consultor: José Wellington dos Santos. Revisora: Rita de Cácia Santos Souza.



Fonte: Google imagens da APAE Aracaju.

A escolha da diretoria dá-se através de eleição entre os associados e com a participação dos pais, onde permanece por um período de três anos e, no máximo, de quatro anos.

A figura 4 traz a imagem do presidente da associação de Aracaju Max Santos Guimarães, que assumiu desde setembro de 2012, estando no segundo mandato. Na figura ele está acompanhado de duas alunas assistidas, no evento do convênio firmado no dia 13 de junho de 2017, entre a APAE e a Prefeitura de Aracaju para ampliação do tratamento de fisioterapia. A solenidade foi realizada na Prefeitura Municipal de Aracaju

No momento, a faixa etária das pessoas atendidas na APAE está entre 14 (quatorze) e 55 (cinquenta e cinco) anos, motivo de preocupação para todos que participam da labuta de manter a APAE viva, pois é significativo o grau de comprometimento e são, em sua maioria, indivíduos de baixa renda.

Na área da Educação, a Escola Manoelito Carvalho da APAE de Aracaju é uma unidade de Ensino Especial voltada para o atendimento de pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla e com autorização para funcionar com Educação Infantil e Ensino Fundamental sob a Resolução nº 052/83. Frisa-se reconhecimento, também, concedido pelo Conselho Estadual de Educação (C.E.E.), através da Resolução nº 281/89.

Porém, o Ensino Fundamental encontra-se desativado por motivo da demanda discente não possuir condições de acompanhar as atividades propostas pelo Ensino Regular.

Sendo assim, estão sendo desenvolvidas atividades de estimulação sensitiva, oficinas pedagógicas e artísticas e o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que é um serviço de apoio complementar a pessoa com deficiência. (Plano de Ação de 2012).

Figura 5 – Fotografia da aula do grupo musical BATUCAPAE⁹



Fonte: Google imagens da APAE Aracaju.

⁹ Descrição da imagem: fotografia horizontal, no centro teclado musical branco com suporte preto. À esquerda do teclado, um homem tocando violão, trajando calça jeans azul, camisa azul com imagens descentralizadas brancas, calçando tênis vermelho; à frente do homem, duas mesas pequenas, cada uma contendo um copo vermelho à direita das mesas, virados para baixo, uma mesa é verde e outra azul com a parte de cima branca. Por detrás das mesas, olhando para o homem tocando violão, homens e mulheres em pé, trajando camisas padronizadas da APAE Aracaju nas cores branca e amarela, calças azul ou preta e tênis branco ou preto, sendo que à frente perfilados quatro homens concentrados, três usando óculos, atrás deles três mulheres, e no final uma mulher de camiseta amarela e bolsa a tiracolo. À direita do homem com violão, três mulheres perfiladas, duas sorridentes e uma sentada em cadeira branca, todas olhando para o homem do violão. Atrás delas, duas mulheres de costas, uma de cabelo preso curto, camiseta estampada e a outra cabelo preso comprido e blusa branca, segurando uma bolsa marrom, adentrando a primeira porta à direita, mais estreita e aberta. No mesmo lado há uma segunda porta mais larga dando acesso a outro ambiente, onde se percebe um birô com objetos em cima e outra porta. A sala descrita, a parede é dividida ao meio na horizontal por uma linha de pequenos azulejos pretos, tendo a parte superior pintada de azul com placas contendo informações nas cores amarela, branca, preta e a inferior de azulejos na cor gelo e piso branco.

Audiodescritora: Ana Cláudia Sousa Mendonça. Consultor: José Wellington dos Santos. Revisora: Rita de Cácia Santos Souza

A figura 5 retrata uma aula do projeto BatucAPAE, idealizado pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju. Neste projeto são desenvolvidas atividades como o canto coral, expressão corporal e musicoterapia. Ele tem o objetivo de socializar e incluir, preparando os 15 (quinze) alunos envolvidos para apresentações dentro e fora da associação.

Com isso, são aprimoradas habilidades com a perspectiva de percepções musicais para aqueles que apresentavam dificuldades de canto e letras, sendo promovidas a autonomia e autoestima. Assim, são utilizados instrumentos convencionais, como o zabumba, e os não convencionais, como copos e “pau de chuva”¹⁰.

Figura 6 – Fotografia aula do AEE¹¹



Fonte: Google imagens da APAE Aracaju.

¹⁰ O pau de chuva é um instrumento musical idiofônico, ou seja, é o próprio corpo do instrumento que produz o som, instrumento de percussão e ritmo com um som musicalmente impreciso, próximo ao que chamamos de ruído, originário do Chile. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau-de-chuva>

¹¹ Descrição da imagem: fotografia na horizontal, fundo parede de azulejos brancos, tendo a primeira fileira, na parte superior, pintada de verde, à esquerda da parede um interruptor na cor gelo e à direita a figura do desenho de uma centopéia, tendo o corpo formado por cinco círculos ovais coloridos transportando os numerais de um a cinco e carregando no alto da cabeça redonda na cor marrom, uma antena na cor preta. Corpo sustentado por diversos pés calçados por sapatinhos pretos, andando em um gramado verde. No centro da fotografia, dois birôs com materiais escolares: livros, lápis, revistas, cadernos, um brinquedo de encaixe colorido e com três pessoas sentadas. No meio, uma mulher de óculos, cabelos pretos na altura dos ombros, blusa estampada, orientando o jovem da direita nas atividades e o da esquerda, observando e aguardando ser orientado.

Audiodescritora: Ana Cláudia Sousa Mendonça. Consultor: José Wellington dos Santos. Revisora: Rita de Cácia Santos Souza.

A figura 6 retrata a aula do programa AEE, que tem como objetivo acompanhar todos os inseridos na escola regular, agregando serviços de apoio educacional, composto por profissionais especializados, investindo na formação integral do assistido, visando suprir as necessidades educacionais que favoreçam a permanência na escola e o sucesso no processo ensino-aprendizagem.

O Atendimento Educacional Especializado funciona nos períodos matutino e vespertino e sempre no contra turno da matrícula do aluno do ensino regular. Esse atendimento acontece na Sala de Recurso Multifuncional (SRM) sob a orientação de equipe de acordo com as necessidades de cada aluno.

A APAE conta com vários programas e projetos voltados para os assistidos e seus familiares, objetivando possibilitar melhor qualidade de vida dentro da sociedade, criando condições dignas de ir e vir para quem o preconceito e a exclusão deixaram, e deixam, marcas de desrespeito e rejeição.

Muito já se falou sobre a importância dessa associação na vida de pessoas que encontraram, na maior parte das suas existências, portas fechadas e muitos não sem explicação, simplesmente a indiferença como resposta. Diante das dificuldades financeiras, estão fadadas a exclusão se a causa da APAE aracajuana não passar a pertencer a todos.

Por isso a relevância da memória para a perpetuação da história de um grupo e de uma sociedade:

Se, por memória histórica, entendemos a sequência dos acontecimentos dos quais a história nacional conserva a lembrança, não é ela, não são seus os quadros que representam o essencial daquilo que chamamos memória coletiva. Mas, entre o indivíduo e a nação, há muitos outros grupos, mais restritos do que, também eles, têm sua memória, e cujas transformações atuam muito mais diretamente sobre a vida e o pensamento de seus membros. [...] cada homem está mergulhado ao mesmo tempo ou sucessivamente em vários grupos. Cada grupo, aliás, se divide e se restringe, no tempo e no espaço. É no interior dessas sociedades que se desenvolvem tantas memórias coletivas originais que mantêm por algum tempo a lembrança de acontecimentos que não têm importância senão para elas, mas que interessam tanto mais que seus membros, que são pouco numerosos. (HALBWACHS, 1990, p. 79-80).

Diante de tais apontamentos, Halbwachs nos faz perceber a necessidade de um trabalho conjunto para a continuação das atividades propostas e desenvolvidas pela APAE aracajuana, que construiu uma história de lutas, determinação, sim e não recebidos por pais, que em meio às tempestades da vida nunca deixaram de acreditar e que dentro de qualquer sociedade tem espaço para todos galgarem a sua própria história.

Sendo assim, fazer um paralelo com grande pertinência entre o antes, o agora e o depois é importante para a compreensão dessa construção, por isso:

Esses contrastes, que traçam as diferenças do positivo e do negativo, do claro e do escuro, das certezas e incertezas, facilitam a passagem aos extremos. De um lado, o sentimento de que não há mais critérios do impossível, que as conquistas se fazem de agora em diante em espécies de “novos” novos mundos dos quais o homem se tornou o criador através de todos os seus projetos. A performance se traduz no culto desse otimismo. Por outro lado, o sentimento de uma impotência diante dos impasses que aparecem, dos riscos que é preciso enfrentar, da instabilidade dos sinais que orientam os percursos da vida, da precariedade das conquistas. A opacidade do futuro parece impenetrável. A posição de incerteza resulta dessa oscilação entre encantamento e desencantamento. (BALANDIER, 1999, p. 9).

A APAE aracajuana iniciou o seu germinar por causa de um pequeno grupo de pais que desejaram encontrar, dentro da sociedade em que viviam, um espaço onde seus filhos pudessem ter identidade própria e não a alimentada por séculos, a de que pessoas com deficiência não tinham capacidade de viver em sociedade, de serventia e nem de ser protagonista da sua caminhada.

Pensando na construção de uma sociedade justa e solidária, a APAE aracajuana foi encontrando e conquistando seu espaço com a missão de promover e articular ações de defesa de direitos, prevenções, orientações, visando a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas.

No entanto, manter as chamas da liberdade acesas e o sonho dando frutos dentro de uma sociedade capitalista chega a ser quase utópico para uma associação civil, beneficente, sem fins lucrativos ou de fins não econômicos:

A responsabilidade é atribuída a outrem, ao sistema. [...] O conformismo é o traço mais comum de comportamento da organização do mal no mundo moderno. No entanto, podemos colocar, ao lado do conceito da estrutura, o conceito de transformação social. Se o comportamento apresenta formas cristalizadas e repetitivas por que há mudanças contínuas nas normas das instituições? Não podemos negar a mudança: um exame de dez anos atrás quantas transformações históricas evidencia! (BOSI, 2003, p. 130).

Com quase quarenta e nove anos de existência, a APAE de Aracaju está passando por dificuldades outrora vividas. No entanto, com a aceleração do progresso capitalista, das políticas exacerbadas, das greves trabalhistas, da concorrência desleal por um espaço ao sol e onde o conformismo, como o afirmado por Bosi (2003), molda o comportamento da sociedade frente às adversidades, torna-se uma batalha ao vento manter a história viva.

Essa dificuldade encontra sua causa fundamental nas múltiplas acepções do termo “cultura”, que podem se distribuir esquematicamente entre duas famílias de significados: a que designa as obras e os gestos que, em uma sociedade dada, se subtraem às urgências do cotidiano e se submetem a um juízo estético ou intelectual e a que aponta as práticas comuns através das quais uma sociedade ou um indivíduo vivem e refletem sobre sua relação com o mundo, com os outros ou com eles mesmos. (CHARTIER, 2009, p. 34).

A APAE aracajuana tem na sociedade o apoio de muitos que abraçam a causa, todavia, necessita de mais pessoas envolvidas, fomentando a caminhada para que o sonho não morra e que bem mais pessoas possam ser assistidas.

Neste sentido, as ações refletem sobre a nossa relação com o outro, com nós mesmos e com o mundo ao nosso redor, pois, precisamos de pares para aceitação e inserção nos diferentes contextos. Um projeto pode findar se não for abraçado por muitos. Temos ciência de que o capitalismo é um dos vetores que impulsiona as famílias, os sonhos, a realidade e a sociedade.

Tendo em vista que tudo nessa vida precisa de combustível para ganhar forças e romper horizontes, isso não seria diferente para a continuidade e prosperidade da associação.

“O fato é que a leitura das diferentes temporalidades que fazem que o presente seja o que é, herança e ruptura, invenção e inércia ao mesmo tempo, continua sendo a tarefa singular dos historiadores e sua responsabilidade principal para com seus contemporâneos.” (CHARTIER, 2009, p. 68).

Então, a sociedade como um dos meios dessa escrita, de certa forma tem uma parcela de responsabilidade no fazer, escrever e transformar os caminhos.

O desenrolar de uma causa que sempre teve como objetivo garantir um espaço para as pessoas que estiveram distantes está aos cuidados da mesma sociedade que renegou, por séculos, essas identidades.

O novo, na maioria das vezes, assusta e exige riscos, além de causar rejeição enquanto não se assimila adequadamente. Sendo assim,

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam

camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. (FREIRE, 1996, p. 35-36).

O que o autor apresenta, de maneira clara, é que qualquer situação que vá de encontro às regras sociais gera desconforto para muitos que se encontram na zona do comodismo, visto que é mais fácil fingir ou fechar os olhos para as situações incômodas do que enfrentá-las.

Consequentemente, a impunidade continua imperando, a discriminação fazendo suas vítimas e a vida seguindo para todos, só que alguns seguem construindo suas histórias, marcando seus espaços, enquanto outros não passam de estatísticas que fazem leis e geram projetos.

Todavia, não criam possibilidades dignas para essas pessoas. A história da Educação Especial no Brasil tem marcas profundas de desrespeito, desde sempre, para as pessoas consideradas “anormais”. Conforme ressalta Jannuzzi:

É preciso ter presente que a sociedade civil esteve representada em toda esta estruturação legal da educação especial, inclusive com participação de pessoas atuantes na área educacional, embora vindas de formação inicial em psicologia, medicina etc. Atuaram dentro dos limites de uma sociedade como a nossa, onde a participação realmente democrática sofre até hoje os limites gestados pelos coronéis dos anos iniciais da República, mantidos nas gestões ditatoriais de Getúlio Vargas e dos militares. (JANNUZZI, 2006, p. 163).

As memórias nos levam por caminhos que, às vezes, encorajam e, em outros momentos, minam as forças diante de tantos descasos. Constantemente se fala dos avanços em relação às pessoas com deficiência desde década de 1990 até a presente data, devido a Declaração de *Salamanca*.

É evidente que muito já se fez, no entanto, ainda há um percurso longo, pedregoso e de difícil acesso para percorrer, visto que muitas coisas são iniciadas e poucas concluídas, e diversas informações estão desconectadas com as realidades de cada região, cidade, sociedade e cultura.

Dessa forma, são geradas hipóteses sem argumentos concretos e a história vai sendo escrita a esmo e sem lapidação. Com isso, por enquanto, os atores principais são substituídos pelos achismos da conveniência.

Por meio dessa pesquisa, buscamos escrever uma história diferente para a APAE – de Aracaju, em um estágio crítico e, ao mesmo tempo, glorioso diante de quase 49 (quarenta e nove) anos de vida.

Este é um momento para eternizar as memórias dos anos de 1968 a 1988, onde pessoas sem conhecimento técnico de como lidar com as diferenças aceitaram o desafio de começar o caminho da formação e do compreender como trabalhar com pessoas com deficiência. Para isso, conhecer o lugar e o espaço de atuação é essencial para desenvolver um bom trabalho:

O lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável. Certamente, os acontecimentos excepcionais também têm lugar neste quadro espacial, mas porque na ocasião certa o grupo tomou consciência com mais intensidade daquilo que ele era desde há muito tempo e até este momento, e porque os vínculos que o ligavam ao lugar se tornaram mais claros, no momento em que iam se romper. (HALBWACHS, 1990, p. 133).

Halbwachs afirma o quão importante um lugar é na vida das pessoas que dele fizeram parte, que construíram suas lembranças e formaram suas identidades que permeiam suas memórias.

Os lugares, as pessoas, os móveis, os pensamentos, os ruídos e os silêncios vividos em momentos de agitação e de paz são peças fundamentais nas memórias de um grupo ou nas memórias individuais. A evolução da memória, ligada ao aparecimento e à difusão da escrita, depende, essencialmente, da evolução social e, especialmente, do desenvolvimento urbano:

A memória coletiva, no início da escrita, não deve romper o seu movimento tradicional a não ser pelo interesse que tem em se fixar de modo excepcional num sistema social nascente. Não é, pois, pura coincidência o fato de a escrita anotar o que não se fabrica nem se vive cotidianamente, mas sim o que constitui a ossatura duma sociedade urbanizada, para a qual o nó do sistema vegetativo está numa economia de circulação entre produtos, celestes e humanos, e dirigentes. A inovação diz respeito ao vértice do sistema e engloba seletivamente os atos financeiros e religiosos, as dedicatórias, as genealogias, o calendário, tudo o que nas novas estruturas das cidades não é fixável na memória de modo completo, nem em cadeias de gestos, nem em produtos (1964-1965, pp. 67-68). (LEROI- GOURHAN *apud* LE GOFF, 2003, p. 429).

O caminhar dessa pesquisa foi o início de uma história de encantos, memórias, lembranças e construção de uma identidade de importância valorosa para a sociedade aracajuana.

No pontuar da escrita, emergiu o querer de que as dificuldades fossem superadas e que os sonhos idealizados por aqueles que desejaram e pensaram em um lugar que acolhesse os seus filhos com dedicação e respeito às diferenças continuem crescendo, florindo e que perdure para as gerações futuras.

A APAE trouxe esperança e fez com que seus idealizadores acreditassem que todos são capazes de escrever e, na impossibilidade da escrita convencional, rabiscar a sua história, dentro de uma sociedade de exclusão, segregação, rejeição e humilhação. E eles estavam certos dentro de suas incertezas.

Que a “margarida”, símbolo da associação, continue viva e que seus frutos sejam especiais, que recebam carinho, respeito, amor, dedicação e tenham um espaço onde possam se abrir para a vida.

Que trilhem suas histórias e que suas memórias sirvam de incentivos para aqueles que ainda não acreditam nas facetas e nos diversos caminhos da aprendizagem na construção de dias melhores para todos.

E a identidade, a história e a cultura apaeana sejam preservadas, em especial, a de Aracaju, que fomentou essa caminhada para se conhecer como se deu a formação dos professores e as práticas educativas no período de 1968 a 1988.

Figura 7 – Fotografia oficina de desenho/parceria com o SENAC¹²

¹² Descrição da imagem: fotografia na horizontal do encerramento da oficina de desenho, em parceria com o SENAC. O encerramento contou com a participação de vinte alunos da APAE/Aracaju, professores, representantes da APAE e do SENAC. Alunos usando o uniforme da associação, calça, camisa, tênis e bonés da parceria. Na frente, grupo de alunos de cócoras expondo os seus trabalhos em quadros, com a participação de um aluno cadeirante à direita. Por trás desses alunos, os demais em pé, segurando certificados de conclusão da oficina e os representantes das duas instituições composto por homens e mulheres. Ambiente com o fundo azul, tendo na parede três placas com informações nas cores preta, amarela e branca, um corredor e uma porta à direita aberta.

Audiodescritora: Ana Cláudia Sousa Mendonça. Consultor: José Wellington dos Santos. Revisora: Rita de Cácia Santos Souza.



Fonte: Google imagens da APAE Aracaju.

A figura 7 traz a imagem de encerramento da IV (quarta) Oficina de Cartões-postais, parceria do SENAC/SE com APAE Aracaju. A oficina aconteceu entre os dias 12 de março e 30 de abril de 2017, com dois encontros semanais nas dependências da associação.

Participaram desta oficina 20 alunos da APAE e das pinturas feitas em tinta guache, seis foram escolhidas para ilustrar os cartões-postais, sendo impressas 4.000 (quatro mil) cópias que foram distribuídas entre os alunos, clientes, colaboradores do Sistema Fecomércio/SESC/SENAC, os envolvidos na oficina e seus familiares.

Todos os participantes receberam um certificado do SENAC e os que tiveram as obras escolhidas ganharam cópia ampliada e emoldurada. A oficina foi ministrada pelo artista visual e instrutor do SENAC Elias Santos.

3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE ARACAJU E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE 1968 A 1988

3.1 DIALOGANDO COM OS INFORMANTES

O caminhar da pesquisa suscitou um diálogo com os informantes, onde foram analisadas as tessituras de como se deu o processo de formação de professores e as práticas educativas, na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju, dentro do contexto sergipano de 1968 a 1988.

Para se chegar aos resultados obtidos, a pesquisadora, a partir dos instrumentos de coleta de dados, selecionou categorias (ver p. 36) que pudessem responder ao propósito almejado e as questões que embasaram o trilhar desse estudo. Conforme Bardin:

As raízes da análise são diversas, heterogêneas, e vários campos de pesquisas e práticas se desenvolveram independentemente – e continuam a coexistir – sem relação entre si. [...] Como escreve Lacan: “Qualquer discurso pode ser alinhado nas várias pautas de uma partitura.” E várias chaves podem servir para ouvir a música de múltiplas vozes que brota de seres humanos que comunicam. (BARDIN, 2011, p. 275-276).

Bardin fortalece que, mesmo se tratando de pessoas que vivenciaram um espaço de tempo próximo ou igual, elas têm vozes, concepções e compreensão diferentes sobre um mesmo objeto de estudo, visto que cada ser é singular nas interpretações, no modo de pensar e agir.

Para as análises, foi construída a linha do tempo que serviu de ponto de apoio na tabulação das categorias, onde se levou em conta os movimentos e leis no país voltadas para a Educação Especial, assim como o período da fundação da APAE aracajuana, o ano de admissão dos informantes e o quantitativo.

Sobre a Historiografia de Sergipe em relação à Educação Especial no período em estudo, Souza destaca:

O Estado só vem assumir a Educação Especial como sua responsabilidade, em Sergipe, no ano de 1973, através da solicitação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) feita ao Secretário de Educação Ciência e Tecnologia, João Cardoso do Nascimento Júnior. Nessa época, a Educação Especial foi implantada apenas em nível de Secretaria. (SOUZA, 2013, p. 78).

Através de leituras realizadas sobre o caminhar da Educação Especial no estado sergipano, constatou-se que a mesma começou a andar com passos mais firmes, junto com a Constituição de 1967, que tratava especificamente sobre as pessoas especiais em seu artigo 175.

Neste mesmo ano, alguns pais de Aracaju iniciaram uma mobilização em busca de um espaço que aceitasse seus filhos, independentemente da deficiência e que os mesmos tivessem o seu lugar dentro da sociedade, pois, de acordo Souza (2013, p. 78), “[...] embora já existisse o Ninota Garcia, os pais das crianças e adolescentes com deficiência mental ainda não o percebiam como pertencente a eles”.

O Ninota Garcia surgiu com a finalidade de assistir as pessoas com deficiência motora e dos sentidos, entre os anos de 1961 e 1963. Porém, Sergipe iniciou a sua mobilização apenas em 1973.

Os autores sergipanos Manoel Bomfim, Alina Paim, Tobias Rabelo Leite e Carvalho Neto, pouco conhecidos no começo do século XX, já tratavam, através de suas obras, do direito à educação e da inclusão social e foram tema do Seminário Inclusão Social e Diversidade, na Universidade Federal de Sergipe, ocorrido no dia 9 de Maio de 2013.

Todavia, como cita Nunes (2013, p. 16) em sua dissertação de mestrado, “[...] a primeira sergipana a desenvolver pesquisa de mestrado na área de Educação Especial foi Iara Maria Campelo Lima, em 1985, na Universidade Federal do Rio de Janeiro”.

A primeira obra sergipana foi a da professora Rita de Cácia Santos Souza, intitulada “Educação Especial em Sergipe/Século XX: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas”, onde a autora traçou uma linha do tempo no Século XX sobre a caminhada da Educação Especial de Sergipe, tendo a primeira edição publicada em 2005, fruto da sua dissertação de mestrado defendida em 2000, na Universidade Federal de Sergipe.

E sobre a história da Educação de Sergipe, temos como obra primordial a de Maria Thetis Nunes de 1984, que fez um mergulho desde os primórdios da educação em Sergipe até o ingresso no pré-capitalismo e os dois últimos presidentes da Velha República.

Dessa forma, ficou evidente que no período da fundação da APAE ao demarcado por essa pesquisa (1968-1988), em se tratando de estudos sergipanos voltados para a Educação Especial, ainda eram dados os primeiros passos e que o desconhecimento atingia uma boa parte da sociedade.

Isso posto, o quadro 5 contribuiu para o desfecho das análises das categorias que embasaram o resultado da pesquisa.

Quadro 5 – Linha do tempo (1968 – 1988)

MOVIMENTOS E AÇÕES VOLTADAS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL E O GALGAR DE ALGUMAS LEIS	FUNDAÇÃO DA APAE EM ARACAJU/SE	ANO DE ADMISSÃO NA APAE DOS INFORMANTES	QUANTIDADE DE INFORMANTES
1968 – É fundada em Brasília (DF) a Associação Brasileira de Educação de Deficientes Visuais (ABDEV)	1968		
1969 – Primeira participação do Brasil nos jogos <i>Parapanamericanos</i>		1969	2
1970 – Fundação da Federação Nacional das Sociedades Pestalozzi (Fenasp) e o INES cria o serviço de Estimulação Precoce para atendimento de bebês de zero a três anos de idade			
1971 – A ONU publica a Declaração sobre os Direitos das Pessoas com Retardo Mental e promulgação da Lei 5.692/71.			
1972 – Primeira participação do Brasil em uma Paraolimpíada			
1973 – Criação do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP)		1973	1
1975 – A ONU promulga a Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência e é criada a Associação Nacional de Desporto de Excepcionais, atual Associação Nacional de Desporto de Deficientes (ANDE)			
1977 – Criada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos			
1978 – A Constituição Federal de 1967 recebe a 1ª emenda (a de número 12) tratando dos direitos das pessoas com deficiência			
1979 – Criada a Coalização pró-Federação Nacional de Entidades de Pessoas Deficientes		1979	2
1980 – 1º Encontro Nacional de Entidades de Pessoas Deficientes			
1981 – Ano Internacional das Pessoas Deficientes		1981	1
1983 – Criação da Associação dos Amigos dos Autistas (AMA)			
1984 – A UNESCO reconhece formalmente a Língua de Sinais			
1985 – Novos nomes e símbolos com a Lei nº 7.405/85		1985	2
1986 – Criada a CORDE – Coordenação		1986	3

Nacional para a Pessoa Portadora de Deficiência			
1987 – Fundada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) e os paralisados cerebrais fundam a Associação de Paralisia Cerebral do Brasil (APCB)		1987	1
1988 – A nossa sétima Constituição Federal do Brasil		1988	2

Fonte: MENDONÇA, Ana Cláudia Sousa, 2017.

A construção dessa linha do tempo como um dos suportes para a análise das categorias deixou claro, que a discussão no país e a criação de leis voltadas para a Educação Especial aconteceram de forma lenta, e, na capital sergipana, não era diferente. Todavia, aos poucos, iam surgindo novas instituições e ações com o olhar direcionado a atender as pessoas com deficiência.

Como o foco da pesquisa é a APAE de Aracaju, optamos por não adentrarmos na fundação de outras instituições sergipanas voltadas para a Educação Especial dentro do recorte temporal.

Sendo assim, na análise da categoria (a) que diz respeito à “formação anterior a APAE” dos entrevistados, na época de admissão na associação, três tinham o nível superior, um estava cursando, quatro possuíam o Ensino Médio Normal (Pedagógico), três o secundário, um era Técnico Agropecuário, um tinha o secundário incompleto e a resposta de um não contemplou a pergunta.

Essa variação independeu da década, pois a prerrogativa da formação estava ligada a faixa etária da idade do entrevistado. Sobre ser um professor formador, Charlot (2005) traz que:

A educação é um triplo processo de humanização (tornar-se um ser humano), de socialização (tornar-se membro de tal sociedade e de tal cultura) e de singularização (tornar-se um sujeito original, que existe em um único exemplar – independentemente de sua consciência como tal). As três dimensões do processo são indissociáveis: não há ser humano que não seja social e singular, não há membro de uma sociedade senão na forma de um sujeito humano, e não há sujeito singular que não seja humano e socializado. O professor faz parte desse triplo processo, é formador, de seres humanos, de membros de uma sociedade, de sujeitos singulares. (CHARLOT, 2005, p. 78).

O que Charlot (2005) deixa evidente é que, independentemente da época e da formação, o professor trabalha com seres singulares, humanos na sua essência e sociais e que, assim, as diversidades tornam-se partes dessas singularidades.

Quanto à análise da categoria (b), referente à “frequência de cursos de formação”, a década de admissão teve influência nas respostas, como também houve divergências em virtude do tempo de permanência.

As informantes de 1969, uma ficou uma média de 2 (dois) anos e a outra passou 36 (trinta e seis) anos. Assim, ao indagarmos por meio da entrevista, obtivemos respostas de forma diferente.

A Margarida 7, que ficou de 1969 a 1971, respondeu: “no tempo que passei lá não teve nenhuma formação na instituição”. Já a Margarida 8 informou que, logo no início, “não tinha nada sobre educação especial e parti para fazer cursos em outros estados”.

Na década de 1970, tivemos três informantes. A de 1973, por ser voluntária, respondeu: “não teria essa lembrança de cursos pedagógicos porque eu era voluntária, o trabalho que eu fazia, fui orientada por eles, os professores”.

Das duas que entraram em 1979, uma passou vinte e quatro anos e a outra permanece até os dias atuais, com 38 anos de dedicação a associação. Ambas responderam, respectivamente, “foram muitos cursos” e “foi a APAE que proporcionou minha formação”.

Já na década de 1980, houve divergências em respostas que abrangiam um mesmo período. A Margarida 9, que entrou em 1981 e permanece até o presente, colocou: “fui para Rio Grande do Norte, para Salvador fazer cursos”.

A Margarida 2 entrou em 1986 e passou uma média de dez anos na associação. Quando indagada sobre a frequência de cursos de aperfeiçoamento, respondeu: “não havia”. Mesma resposta dada pela Margarida 1, que iniciou as suas atividades no mesmo ano e permaneceu uma média de dois anos.

Já a Margarida 10, que também entrou em 1986 e permanece até os dias atuais, respondeu: “não tinha períodos certos para as formações. A gente tinha cursos sempre e fiz todos”. Fala essa que foi sustentada pela Margarida 4 que entrou em 1985 a princípio como estagiária, sendo contratada no ano seguinte e permanecendo na associação por dois anos. Ela disse que após a contratação, os cursos “aconteciam sempre”. Resposta corroborada pela Margarida 5 que entrou em 1987 e permaneceu em média três anos e colocou que tinha “frequência boa e fazia muitos cursos. Eram cursos bons”.

A Margarida 11 que entrou em 1988 e ficou três anos foi enfática quando respondeu: “muitos cursos de formação”; e a Margarida 12 que também entrou em 1988 e ficou uma média de quatro anos, disse: “boa”.

Na análise da categoria (b), percebeu-se a sua pertinência e produtividade na escolha da mesma, pois, segundo Bardin (2011, p. 150), “[...] uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido e é produtivo se fornece resultados férteis: em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos”.

Observou-se que mais de 90% (noventa por cento) afirmaram que havia uma frequência de cursos de formação tanto dentro da associação, assim como a participação destes profissionais em outros estados. Trazemos a fala da Margarida 9:

Eram formações com profissionais da UFS, do Rio de Janeiro, de Pernambuco, do Ceará. Eram cursos de formação específica para professor mesmo, na área de Pedagogia e de Psicologia. A gente teve cursos com neurologistas, psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, médicos.

Observando a linha do tempo e fazendo o comparativo com as respostas dos informantes, constatamos o movimento que acontecia no país voltado para a causa das pessoas com deficiência e a preocupação dos dirigentes da APAE aracajuana em capacitarem os seus professores e profissionais com as portas que iam sendo abertas para a Educação Especial.

Tabulando a categoria (c), que perguntou de quais “cursos de formação participou”, 11 (onze) dos 14 (quatorze) entrevistados mencionaram participações em cursos, denominando-os. Alguns não lembravam os nomes, enquanto outros, como a Margarida 11, apontaram: “formação específica de Psicologia Sensitiva, curso de alimentação, cursos na área de pedagogia, cursos com fonoaudiólogos, psicopedagogos, médicos, psicólogos e neurologistas”. Sequenciando a afirmativa, a Margarida 5 respondeu: “curso de como lidar com as crianças, os colegas, de nutrição”.

As respostas dadas para a categoria (c) reafirmam os dados da categoria (b) quanto à frequência de cursos de aperfeiçoamento.

Dessa forma, notou-se que, dentro das limitações do período em estudo (1968-1988) e do desconhecimento por muitos da Educação Especial na cidade aracajuana, a associação estava buscando formações para que seus profissionais pudessem atender, da melhor forma

possível, os assistidos, proporcionando direitos até então negados e negligenciados pelas famílias, por falta de conhecimento da sociedade e pelas políticas públicas.

No entanto, para Charlot (2005, p. 85), “[...] o problema é que ensinar não é somente transmitir, nem fazer se aprender saberes. É, por meio dos saberes, humanizar, socializar, ajudar um sujeito singular a acontecer”. Neste sentido, os cursos de formações, no período em estudo, traziam novas possibilidades para que esses professores, pudessem desbravar, potencialidades em cada ser singular atendido pela associação.

No que se refere à categoria (d), “quais as práticas educativas trabalhadas”, dos quatorze informantes, as respostas de três não atenderam as nossas perguntas. Dos demais, tivemos afirmativas, como Margarida 1, a qual nos contou que: “se trabalhava por intuição”. A Margarida 4 corroborou com a resposta ao falar: “por intuição buscava as metodologias críticas reflexivas”.

Já as Margaridas 5 e 10, apontaram: “trabalhava com as atividades de vida diária”. As demais variaram com afirmativas, como: “não existia orientação e as coisas fluíam”, “estimulação visual”, “se trabalhava como se fosse à educação pré-escolar, nos orientavam a trabalhar com massinha e com colagem”,

Outro respondeu: “inventaram um método horrível, o *Delacato* que não atingia a necessidade dos meninos, a deficiência da APAE era grande porque a gente não tinha formação”, “levava para a piscina, para o parque e ia aos poucos encontrando os caminhos” e duas das práticas estavam mais ligadas às áreas de atuação, como saúde e agrícola.

Na análise dessa categoria, percebeu-se que o trabalho se desenvolvia de acordo com as dificuldades diárias e as práticas educativas com fundamentos foram surgindo à medida que as formações embasavam. Assim, o conhecimento ia brotando e os resultados, aos poucos, tomavam forma.

Observando a linha do tempo, era tudo muito novo no país no período analisado e muitas ações se apresentavam em forma de projetos de lutas, em estados que estavam nessa caminhada há mais tempo que Sergipe, na causa da pessoa com deficiência.

Esse fato evidencia que os professores e profissionais da APAE estavam desbravando práticas educativas. Hoje, quase três décadas depois, estas práticas são apontadas por estudiosos como essenciais para o desenvolvimento das pessoas com deficiência, no período, aplicadas por intuição.

Para Charlot,

Formar professores é dotá-los de competências que lhes permitirão gerir essa tensão, construir as mediações entre práticas e saberes através da prática dos saberes e do saber das práticas. Para formar educadores, é preciso ser igualmente capaz, como formador de educadores, de gerir a mesma tensão. (CHARLOT, 2005, p. 98)

Com a categoria (e) indagou-se “qual o conhecimento pessoal sobre Educação Especial” no período que adentrou a APAE. Quanto a esse questionamento, 9 dos 14 informantes responderam que não tinham esse conhecimento. Como coloca a Margarida 6: “eu não sabia o que era isso na época. Cheguei sem bagagem nenhuma”.

A Margarida 11 adentrou em 1988 na APAE e relatou: “tenho uma irmã com Síndrome de *Down* que estudava na APAE desde os cinco anos e eu levava”. Os demais que responderam possuir algum conhecimento entraram na APAE, também, a partir de meados da década de 1980.

Chamamos a atenção para a Margarida 13 que ingressou no final da década de 1970 e sabia do trabalho da associação porque a mãe já era funcionária da APAE.

Através da linha do tempo, constatou-se que, a partir da década de 1980, a difusão de ações voltadas para a Educação Especial estava crescendo. Dessa forma, o conhecimento estava ganhando espaço e ultrapassando as fronteiras estaduais. Mesmo assim, o número de informantes que tinha conhecimento era menos de 50%, no período que foi admitido na APAE.

A categoria (f), “obstáculos na prática diária”, resultou em respostas diversas e outras não atingiram o salientado, por isso, citamos algumas. A Margarida 8 respondeu que os maiores entraves encontrados na prática diária foram a “falta de formação e obstáculos financeiros”, resposta relacionada com a da Margarida 2, a qual nos relatou que “faltava material para fazer as coisas”.

A Margarida 1 nos indicou a “falta de informação e cursos”, enquanto a Margarida 13 trouxe que “nunca chegou um trabalho específico naquela época para trabalhar especificamente com eles”.

A Margarida 14 foi enfática quando relatou: “dependemos de governo, de convênios para trabalhar com eles, mas, falta compromisso. Trabalhar com pessoas com deficiência não dá voto, não vai para a mídia”. A Margarida 3 respondeu que “não existia, era natural” e a Margarida 6 disse: “não vi obstáculos”.

As respostas da categoria (f) estão atreladas as da categoria (e), pois, se havia um desconhecimento sobre a Educação Especial por parte da maioria dos informantes, é evidente que isso refletiu na prática diária. Como afirma Julia (2001, p. 33) “[...] de fato, a única

restrição exercida sobre o professor é o grupo de alunos que tem diante de si, isto é, os saberes que funcionam e os que “não funcionam” diante deste público”.

Para perceber um pouco mais até onde ia o conhecimento dos nossos informantes que chegaram a APAE no período demarcado de 1968 a 1988, foi indagado aos mesmos se havia algum “familiar com deficiência ou conhecido”, representado pela categoria (g). 8 dos 14 responderam que “não existia ou não tinha”, 3 não contemplaram a pergunta e os demais, como a Margarida 11, relatou que tinha “uma irmã com Síndrome de *Down*”.

A Margarida 10 chegou de outro estado e “já trabalhava com pessoas com deficiência”, a Margarida 13 “tinha uma pessoa na família, mas, não tinha contato porque morava no interior”.

A Margarida 3 está dentro do grupo que respondeu que não existia familiar, todavia, “a primeira pessoa que conheceu com deficiência foi a filha dos vizinhos” e, anos depois, foi agraciada com um filho com deficiência.

Dentre os demais, tivemos depoimentos como o da Margarida 2, que não tinha familiar com deficiência ou conhecido. Porém, anos depois, passou a ser uma pessoa com deficiência em virtude de um grave problema de saúde.

A Margarida 6, que também não tinha familiar com deficiência, expôs: “trabalhando lá, engravidei e meu filho nasceu com deficiência”. Outros afirmaram que, atualmente, têm sobrinhos ou primos com deficiência.

A princípio pode ser estranho para a geração de hoje refletir sobre algumas falas, todavia, principalmente na primeira década da nossa pesquisa, as pessoas com deficiência ainda eram escondidas da sociedade. Ter um filho com deficiência significava que a família falhou e era motivo de vergonha social. Souza (2013) expõe que:

Por causa do desconhecimento e das crenças populares, a questão da deficiência apresentou em Sergipe, inicialmente, medo e repugnância, caridade assistencialista para depois se perceberem alguns vultos de preocupação com a cidadania, dignidade e qualidade de vida do portador de deficiência. E mesmo os que tinham conhecimentos científicos sobre deficiência ainda procuravam explicações sobrenaturais e curas milagrosas. (SOUZA, 2013, p. 67).

Sendo assim, diante do colocado por esta autora, as respostas dos informantes foram baseadas no vivenciado historicamente dentro da sociedade em que estavam inseridos.

A categoria (h) buscou entender “o porquê de ir trabalhar na APAE”, frente a tantos desconhecimentos sobre a proposta da associação, o despreparo profissional apresentado no

campo da Educação Especial no período em estudo. As respostas foram bem parecidas com o quadro desenhado na atualidade na sociedade e no país como um todo.

A Margarida 2 afirmou que decidiu adentrar na APAE “porque precisava de dinheiro e morava perto”, assim como a 7, que apontou a “necessidade de trabalho”, enquanto a Margarida 8 disse: “fui e eu nem sabia o que era a APAE e foi em 1969, logo no início e cheguei com um bilhete de indicação”.

O informante 14 relatou: “fui fazer estágio sem saber que a APAE trabalhava com pessoas com deficiência”. O 6 discorreu: “foi minha mãe de criação que pediu ao prefeito Heráclito Rollemberg um emprego para mim”.

A Margarida 5 indicou que era “funcionária da Secretaria de Estado da Educação (SEED) cedida a APAE”. Já a Margarida 1 expressou o seu porquê: “queria sair do emprego que estava, recebi o convite e aceitei”; a 3 “o curso da UFS era noturno e fiquei ociosa, “ociosa” entre aspas e fui ser voluntária”.

A Margarida 4 manifestou como motivo que a levou até a APAE “porque fui estagiária na APAE na época da universidade”; a 9 “fui dar um curso de cerâmica e fui convidada para trabalhar e fiquei”.

A Margarida 10 relatou: “trabalhava em São Paulo com a Educação Especial e chegando aqui em Aracaju fui para a Legião Brasileira buscar informações e mandaram para a APAE”. A Margarida 11 expôs que com o “término do Ensino Médio, precisava trabalhar e já era apaixonada pela Educação Especial por causa da minha irmã”.

Enquanto a 13 revela: “era adolescente e minha mãe já trabalhava na associação”, o 12 indica que foi “porque tinha terminado o pedagógico e não tinha trabalho em vista”.

A categoria apresentada fundiu-se no desejo do primeiro emprego, a oportunidade de entrar no mercado de trabalho e, até mesmo, de mudanças pessoais.

Diante disso, nos relatos foi percebido que mais de 80% chegaram até a APAE sem saber com o que ia trabalhar, fossem eles como empregados efetivos ou estagiários.

Para a época da pesquisa, as respostas não causaram estranheza em relação aos diversos motivos que levaram a maioria até a associação, pois, se buscava o primeiro emprego, a oportunidade de um estágio, certa independência financeira e social. Nesse contexto, chegar até a APAE foi consequência do percurso trilhado.

A categoria (i), última a ser abordada extraiu dos informantes “o que levou da APAE para a vida”, ou seja, qual a maior aprendizagem no convívio com crianças e jovens especiais em um período da história onde não eram reconhecidos como seres partícipes da sociedade e que os direitos básicos eram negados, como a educação.

As respostas mostraram que, em meio a todas as diversidades da caminhada, quem aprendeu foram os informantes, sendo os assistidos os instrumentos dessa troca de crescimento pessoal, profissional, social e humano, quando Aracaju engatinhava nas atividades voltadas para as pessoas com deficiência e a APAE apresentou-se como um dos pioneiros nesse desbravamento.

Dessa forma, elencamos todas as respostas que atenderam à categoria em um quadro como forma de agradecimento aos informantes que se desprenderam na contribuição para que essa pesquisa ganhasse corpo na história da sociedade aracajuana, visto que muitos se emocionaram no momento.

Quadro 6 – O que levou da APAE para a vida

MARGARIDAS	RESPOSTAS
1	O respeito ao próximo.
3	O momento de lazer, todo mundo interagindo.
4	Melhorei muito como pessoa e superei medos e preconceitos e a me valorizar mais.
5	Eu aprendi muito, muito mesmo.
6	O amor que eu tive muito por eles, a falta deles, as colegas e os pais que eram muito agradecidos e tinham carinho por nós.
8	Seu Manoelito sempre deu todo o suporte, só não cresceu quem não quis.
9	Você aprende muito com eles.
10	Hoje eu tenho dezoito ou dezenove anos de aposentada e continuo trabalhando na APAE. Não sei como será o dia que eu tiver que sair porque vai ser duro.
11	Deixou boas recordações, foi super importante na minha vida, me capacitou, foi meu primeiro trabalho e eu fiquei mais sensibilizada e me apaixonei ainda mais pela Educação Especial e são crianças que nos ensinam muito.
12	Eu me tornei uma pessoa mais sensível e eu era muito torrão para aceitar as coisas e a gente tem respeito para com o próximo, para o próximo respeitar a gente.
13	A minha vida é marcada por eles, pelos meninos. Já nascem amando, a gente, ditos normais, tem que aprender a amar as pessoas.
14	É valorizar o ser humano como ele é e como ele se expressa.

Fonte: MENDONÇA, Ana Cláudia Sousa, 2017.

O quadro 6 é um espelho do que o trabalho com a Educação Especial pode fazer na vida de todos os envolvidos, desde que essa relação seja efetivada em cima do respeito às diferenças, da singularidade do outro, ao que se possa oferecer e o quanto o indivíduo está disposto a receber.

Que possamos chegar à Holanda, mesmo que o destino sonhado tenha sido a Itália, como pais, professores, irmãos, tios, amigos, escola e sociedade de pessoas com deficiência e desbravá-la livremente, sem preconceitos, sem medo e sem receio do embarque.

O final da viagem, com seus encantos e desencantos, não vamos antecipar com a dor que impede que apreciemos as belas paisagens encontradas no caminho.

Bem-vindo à Holanda

Frequentemente sou solicitada a descrever a experiência de dar à luz uma criança com deficiência – uma tentativa de ajudar pessoas que não têm com quem compartilhar essa experiência única a entendê-la e imaginar como é vivenciá-la.

Ter um bebê é como planejar uma fabulosa viagem de férias – para Itália! Você compra montes de guias e faz planos maravilhosos! O Coliseu, o Davi de Michelangelo, as Gôndolas em Veneza, você pode até aprender algumas frases simples em italiano. É tudo muito excitante.

Após meses de antecipação, finalmente chega o grande dia!

Você arruma suas malas e embarca. Algumas horas depois você aterrissa. O comissário de bordo chega e diz: ‘Bem-vindo à Holanda!’

“Holanda”!?! Diz você. O que quer dizer com Holanda!?! Eu escolhi a Itália! Eu deveria ter chegado à Itália. Toda minha vida sonhei em conhecer a Itália?

Mas houve uma mudança de plano de voo. Eles aterrissaram na Holanda e é lá que você deve ficar.

A coisa mais importante é que eles não te levaram a um lugar horrível, desagradável, cheio de pestilência, fome e doença, é apenas um lugar diferente.

Logo, você deve sair e comprar novos guias; deve aprender uma nova linguagem, você irá encontrar todo um novo grupo de pessoas que nunca encontrou antes.

É apenas um lugar diferente, é mais baixo e menos ensolarado que a Itália. Mas, após alguns minutos, você pode respirar fundo e olhar ao redor...E começar a notar que a Holanda tem moinhos de vento, tulipas e até Rembrants e Van Goghs. Mas, todos que você conhece estão ocupados indo e vindo da Itália...E estão sempre comentando sobre o tempo maravilhoso que passaram lá e por toda sua vida, você dirá: ‘sim, lá era onde eu deveria estar, era tudo o que eu havia planejado’.

E a dor que isso causa nunca, nunca irá embora...Porque a perda desse sonho é uma perda extremamente significativa. Porém...se você passar a sua vida toda remoendo o fato de não haver chegado à Itália, nunca estará livre para

apreciar as coisas belas e muito especiais...sobre a Holanda (EMILY PERL KNISLEY, 1987¹³ *apud* SOUZA, 2013, p. 142-143).

O quadro 5 deixou nítido que os professores da APAE embarcaram em uma viagem que, para alguns, o destino era desconhecido, enquanto outros já tinham informações da Holanda, mesmo que superficial. Contudo, todos eles souberam aproveitar as paisagens belas que encontraram pelo caminho, apreenderam detalhes e transmitiram os conhecimentos adquiridos nesse desbravamento por meio das formações e das práticas educativas.

E a mensagem que nos deixaram é que estavam abertos a novos percursos propostos pelos desvios das viagens sonhadas ou do leito do rio, que mesmo o meandro tomado desaguará na foz e que essa confluência trará descobertas, aprendizagens e juntos, reescreverão uma nova história.

As questões norteadoras suscitaram os objetivos específicos que alicerçaram o geral da pesquisa e, através do diálogo com os informantes, foi evidenciado que a APAE de Aracaju, desde os primeiros anos da sua fundação, buscou atender às necessidades de conhecimentos dos seus professores e profissionais por meio de formações tanto na capital, como em outros estados, pois as formações anteriores não atendiam ao público alvo assistido pela associação.

Trabalhar a Educação Especial, como colocado por eles, era um desafio diário porque se chegava até a APAE sem qualquer conhecimento específico na área, visto que no final dos anos 1960 e década de 1970 muitos não sabiam nem o que era ser uma pessoa com deficiência. O país estava acordando para esse público que sempre esteve presente, mas às margens da sociedade.

Os acometidos de alguns problemas de ordem mental e física, os considerados anormais, só passaram a ter alguma atenção em decorrência do entendimento de quão grandes eram as despesas que causavam aos cofres públicos. As iniciativas de atendimento a esse grupo social se deram, principalmente, por motivos econômicos. (SOUZA, 2013, p. 57).

Dessa forma, como o ressaltado por Souza (2013), a questão educacional não era olhada como primordial para essas pessoas porque eram considerados incapacitados no campo da aprendizagem.

¹³ O texto faz parte do arquivo do “DEFENET” e foi extraído de uma home page da Cerebral Palsy Association of west LTD. Via internet e traduzido por Dra. Mônica Ávila de Carvalho, mãe de Manuela, em Combiquire, Minas Gerais, em 30.12.1995.

As categorias eligidas evidenciaram que as práticas educativas eram incipientes e aconteceram nas primeiras décadas por intuição, de acordo com as necessidades diárias e com as trocas de experiências entre os colegas.

Havia também uma preocupação em estar capacitando não só os professores, como todos os envolvidos no processo de aprendizagem, a saber: assistente social, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, psicopedagogo, psicólogo, técnico e equipe.

A formação contínua de professores de educação especial só poderá ser compreendida no âmbito da educação e na relação com a sociedade em que está inserida, e isso exige um diálogo com a história de formação. Todavia, para que este diálogo aconteça, é preciso entender que até “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (BENJAMIM, 1994, p. 223 *apud* LIMA, 2012, p. 58).

Parafraseando “a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” é que essa pesquisa aconteceu e tomou corpo com as falas da última categoria, a qual trouxe o vivenciar das formações e das práticas entrelaçadas com o não conhecimento da Educação Especial e o querer, resultando em aprendizado de vida e em formação profissional e pessoal dos informantes que fizeram. Isto nos faz ver que são histórias dentro da história da APAE de Aracaju/SE.

Para uma melhor compreensão do caminhar da associação no período em estudo, foi realizado um percurso da legislação da Educação Especial até a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, como marco final da pesquisa e que será abordada no item 3.2.

3.2 A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL E O SEU APORTE TEÓRICO VOLTADO PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO PAÍS

A sétima Constituição da República Federativa do Brasil foi promulgada em 5 de outubro de 1988, ano final do marco temporal da pesquisa e teve como matriz, de acordo com Santos (2008, p. 23), “a Constituição portuguesa de 1976”. Essa prescrição legal distinguiu-se das antecessoras por ampliar diversos direitos, como os individuais e coletivos e garantiu proteção a vários segmentos da sociedade.

No entanto, por possuir em sua legislação um caráter intervencionista, findou, de certa forma, engessando o Brasil enquanto Estado em campos de suma importância para o desenvolvimento econômico, político e administrativo. Sendo assim, passou por 96 Emendas

Constitucionais, a última ocorrida em 6 de junho de 2017, permitindo ao país reformas estaduais.

No que consta da conceituação, Santos (2008, p. 23) explica que “[...] a Constituição, pelo conceito mais comum, é ‘a lei ou carta magna de um país’”. É ela que direciona os governos em todas as esferas, visto que os estaduais e municipais legislam tendo a carta magna como eixo central. “A Constituição é a suprema força política de um país, nas suas normas e valores, coordenadora e árbitra de todos os conflitos, sempre que fiel ao poder constituinte legitimamente expresso” (FAORO, 1981, p. 16 *apud* SANTOS, 2008, p. 23).

Dessa forma, com o caminhar para a elaboração da Constituição de 1988, ela pôde ser considerada uma das quatro legais e legítimas, dentre as sete – há quem indique uma oitava Constituição, ao defender a Emenda Constitucional nº 01 de 1969 como uma nova Constituição – porque foram promulgadas por Assembleias Nacionais Constituintes e teve a participação do povo nas discussões e construção.

“Para Todos” – O Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil, arrolou dados importantes sobre a Assembleia Nacional Constituinte entre 1986 a 1988, indicando que com o fim da ditadura militar, iniciou-se a elaboração da nova Constituição.

O movimento das pessoas com deficiência também participou desse processo na busca pela inserção de suas demandas no texto constitucional. Na 3ª Reunião de Conselhos e Coordenadorias Estaduais e Municipais de Apoio à Pessoa Deficiente, realizada em Belo Horizonte dos dias 5 a 7 de dezembro de 1986, os representantes de coordenadorias, conselhos e entidades de e para pessoas com deficiência aprovaram a proposta a ser levada à Constituinte: a Emenda Popular nº PE00086-5.

Os 14 artigos contemplam temas que vão de igualdade de direitos e acessibilidade, até educação básica profissionalizante. A Emenda com 32.899 assinaturas foi submetida à Constituinte sob a responsabilidade da Organização Nacional de Entidades de Deficientes Físicos (Onedef), do Movimento pelos Direitos das Pessoas Deficientes (MDPD) e da Associação Nacional de Ostomizados (ABRASO).

A expressão “pessoas portadoras de deficiência¹⁴” foi adotada na Constituição Federal de 1988, nas estaduais e em todas as leis e políticas pertinentes ao campo das deficiências. O movimento se articulou para participar da Assembleia Nacional Constituinte.

¹⁴ As expressões “pessoa portadora de deficiência” e “portadores de deficiência” entraram em desuso por volta da metade da década de 1990 e a terminologia utilizada passou a ser “pessoa com deficiência”, que permanece até hoje. Esse termo faz parte do texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência Site externo, adotado pela ONU em 2006, ratificado com equivalência de emenda constitucional no Brasil através do Decreto Legislativo nº 186 Site externo e promulgado por meio do Decreto nº 6.949 Site externo, em 2009.

Paulo Roberto Guimarães Moreira, paraplégico, militante do movimento, está no Ministério da Cultura e é fundamental nessa articulação. Responsável pelo “Programa de Cultura e Portadores de Deficiência”, promove o ciclo de encontros “A Constituinte e os Portadores de Deficiência”, realizado em 11 capitais brasileiras, entre 1986 e 1987. (PARA TODOS, 2010, p. 17).

O art. 5º da Constituição Federal de 1988, sobre os direitos e deveres coloca que: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

A partir desse artigo, a história do país passou a ter novos caminhos desenhados, pois foi determinado que homens e mulheres tivessem direitos e deveres na mesma proporção, o tratamento desumano tornou-se crime, a liberdade de consciência e de crença passa a ser invioláveis, todos são livres para exercerem seus direitos e deveres com responsabilidade e respeito ao próximo.

Sobre a educação, abordada no art. 205, a Constituição de 1988 trouxe que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Evidencia-se, assim, que o desenvolvimento da pessoa é de responsabilidade de um trabalho conjunto entre o Estado, a família e a sociedade, visto que o art. 5º deixa claro que todos são iguais perante a lei.

O art. 208 trata dos deveres que compete ao Estado com a educação e, no inciso III, assegura o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”, com o objetivo de integrar e socializar a todos, independentemente das suas especificidades.

Dessa forma, foi com a promulgação da Constituição Federativa do Brasil de 1988 que as pessoas com deficiência, a passos lentos, em nosso país, começaram a galgar conquistas em espaços comuns a todos.

A sua educação passou a ser responsabilidade não só da família, mas em parceria com o Estado e a sociedade, militantes da causa, governos nacionais e internacionais iniciaram mobilizações pelo mundo e outras leis, projetos, decretos, normas, movimentos foram surgindo e ganhando forças, impulsionando muitos estudos e pesquisas na área da Educação Especial, no Brasil, em Sergipe e no mundo.

3.3 REDIMENSIONANDO O OLHAR PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES VOLTADA PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Pensar na formação de professores voltada para a Educação Especial em Sergipe, nas duas décadas que culminaram nessa pesquisa, é um tanto quanto utópico, quando, após a Historiografia do nosso estado, constatou-se que a temática ainda não alcançava as cadeiras acadêmicas e o desconhecimento era grande por parte de um número substancial da sociedade.

No entanto, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, que teve a sua fundação normatizada em 27 de agosto de 1968 (APAE, 1969, art. 35, p. 12), já tinha uma preocupação com o atendimento oferecido aos assistidos e buscava potencializar os seus professores e profissionais com o que aparecia de formação com foco na Educação Especial, na cidade aracajuana e em outros estados.

Quando possível, trazia os profissionais até a associação ou enviava os seus para formações em outras federações. Essa preocupação está expressa na Ata da 2ª Assembleia da APAE, (ver Anexo H, p. 104), realizada no dia 29 de abril de 1971.

[...] Apresentou ainda a referida Senhora, 2 recibos de (300,00 trezentos cruzeiros) cada, correspondentes às segundas parcelas da contribuição da Associação para estágio feito em Salvador pelas Professoras Maria Auxiliadora Bastos Nascimento e Fátima Maria Monteiro Nascimento.

Nas entrevistas, os informantes evidenciaram a preocupação da presidência em relação às formações e que as mesmas aconteciam com certa frequência e não tinham um período específico, sendo realizadas de acordo com as oportunidades dos cursos que começavam a aparecer em vários estados e com a disponibilidade financeira da associação, que, conforme os depoimentos, os dirigentes não mediam esforços para que os seus profissionais se fizessem presentes.

Participei de vários cursos e fui para um curso em Natal, passamos uma semana lá e em Salvador foram outras pessoas. Para os cursos daqui vinha gente de fora e de lá também, aconteciam na própria instituição. Para mim foi ótimo porque cheguei sem bagagem nenhuma. A gente se aperfeiçoou bem ali. (MARGARIDA 6).

A APAE aracajuana, dentro das suas dificuldades inerentes aos primeiros anos de firmação financeira, social, administrativa e política também buscava se familiarizar com o trabalho prestado à sociedade. Na referida ata consta:

O Diretor Adjunto, Seabra, trazendo consigo um exemplar de “A TARDE” de Salvador, chamou à atenção de todos para o interessante artigo “VOCÊ SABE O QUE É UM EXCEPCIONAL?” inserido no referido diário, tendo na oportunidade lido alguns dos principais trechos do referido artigo; solicitando o seu arquivamento na secretaria da APAE. (ATA DA 2ª ASSEMBLEIA DA APAE, 29 de abril de 1971).

No percurso dessa pesquisa, percebeu-se que formação de professores é um tema que está sempre em voga nas discussões acadêmicas e nos eventos, como seminários, encontros, congressos e palestras. Para Charlot (2005),

O problema é, finalmente, que, para ajudar os professores a enfrentar as novas situações de ensino, oferece-se a eles hoje uma formação de tipo universitário em que predomina um acúmulo de conteúdos disciplinares. Esses conteúdos não são inúteis (não há boa pedagogia sem um bom conhecimento dos conteúdos ensinados), mas não se vê realmente em que eles permitem aos professores resolver os problemas com os quais são confrontados. (CHARLOT, 2005, p. 86).

Formar alguém para trabalhar com o outro é dicotômico caso não se saiba quem é o outro, quais as suas necessidades, qual será o melhor caminho para a sua aprendizagem, o que ele espera do seu formador, quais as suas dificuldades e habilidades e quais potencialidades possui.

Os professores, na maioria das vezes, em suas formações, como posto por Charlot (2005), são enxertados de conteúdos que possuem a sua significância no caminhar profissional. Contudo, falta trabalhar as especificidades de como os mesmos podem ser fragmentados diante de situações heterogêneas.

Enfim, independentemente de se ir trabalhar com as classes regulares inclusivas ou as classes especiais, as formações devem ser pensadas para todos.

Charlot (2005, p. 77) diz que “[...] a educação supõe uma relação com o Outro, já que não há educação sem algo de externo àquele que se educa. Este é um outro universal da situação de ensino”.

Compreende-se o percurso da formação com direcionamento na área da Educação Especial, de professores e profissionais do período demarcado pela pesquisa, como de suma importância, visto que a história brasileira e aracajuana estava fazendo “História” dentro da educação do país e a APAE de Aracaju trilhava caminhos antes não ousados pela sociedade em que estava inserida.

O deficiente era visto como doente e incapaz de realizar as suas atividades, isso fazia com que seus familiares os colocassem em instituições específicas e isoladas das outras pessoas ditas “normais”, uma vez que a sociedade acreditava que essas pessoas eram um problema para o país, improdutivas e que só acarretavam despesas para os cofres públicos. (SEIXAS; FERNANDES, 2015, p. 44).

Como retratado por Seixas e Fernandes (2015), aquele período era um momento da história da formação de professores que exigia desprendimento de paradigmas construídos por séculos na história: o da incapacidade de aprendizagem das pessoas com deficiência.

Redimensionar um novo olhar, formando e informando as potencialidades inerentes a cada ser singular, na sua maneira de agir, aprender, comunicar-se, compreender, e que todos têm possibilidades que precisam ser evidenciadas e transformadas em ações positivas, através das metodologias ativas, críticas e reflexivas.

A história da Educação Especial por décadas perpassou por caminhos associados à saúde mental e física. A “incapacidade” era forte e norteava as necessidades dos assistidos pela sociedade. Alguns estudos mostram que os médicos cuidavam/tratavam do que era visto, o externo e o potencial cognitivo e, por desconhecimento das possibilidades de aprendizagem individual, eram renegados.

Persiste na sociedade, apesar dos avanços ocorridos, grande influência do modelo médico da deficiência, que impõe uma visão de inferioridade biológica e fisiológica às pessoas com deficiência. É comum, hoje, mesmo com todos os avanços ocorridos na sociedade, ser associada à expressão “pessoa com deficiência” a idéia de eficaz, de não eficiente, de incapaz – incapaz de estudar, de se relacionar, de atuar produtivamente na sociedade, enfim, de ser alguém em plenitude. (MARTINS, 2007, p. 200).

Dessa maneira, a formação de professores e profissionais da APAE, no período em estudo, foi importante porque, aos poucos, foi quebrando o paradigma da “incapacidade”.

Os professores, em sua maioria, que chegaram sem saber o que era Educação Especial, foram percebendo, nas práticas diárias, muitos por intuição, que os assistidos, dentro de suas limitações, aprendiam e tinham capacidades de compreensão, zelo, organização e o desejo do conhecimento.

Freire (1996, p. 59), sobre o saber à prática educativa, traz que: “[...] o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

As formações, gradativamente, foram acrescentando aprendizado e apresentando caminhos a serem desbravados com o melhor de cada um.

Não era só a falta de formação ou o desconhecimento total em relação à Educação Especial. Esses profissionais também tinham que lidar com o preconceito estampado na sociedade e a rejeição da própria família por ter gerado um filho que não atendia às expectativas deles e de onde estavam inseridos, sendo motivo de vergonha para todos. Conforme relatado em uma das entrevistas:

O que me chamou atenção e mobilizou na época era a morosidade que as pessoas com deficiência tinham e a distância que era da sociedade em compreender o valor daquela morosidade por elas não responderem as expectativas, aos desejos deles. [...]. O encontro de famílias sem aceitar, por não suportar e pela subjetividade mesmo do sonho do filho perfeito. [...]. Quanto preconceito existe com alguém que não corresponde ao ideal. (MARGARIDA 4).

Como posto, a APAE aracajuana abriu caminhos para as formações voltadas para a capacitação de professores e profissionais dentro e fora do Estado com diversos focos, atestados em alguns anexos desta dissertação. No entanto, outros, em virtude dos anos passados, foram ficando apenas nos registros da memória dos informantes.

Esta pesquisa nos ensinou que formar professores e profissionais continua sendo essencial para o crescimento das sociedades e das pessoas em suas singularidades e diferenças. Esta formação deve ser universal, para que possamos, enquanto formadores, nos enxergarmos no outro e que os conhecimentos adquiridos possam atender independentemente das especificidades individuais.

Quando pensamos na relação entre o Eu e o Outro, este não é concebido como aquele que não é como nós, que é diferente de nós. O outro é, ao mesmo tempo, o que me falta para existir e aquele que afirma de outra maneira minha existência, minha maneira de ser. Como diziam os pensadores de outrora: só podemos ver pela cegueira, conhecer pelo desconhecimento, compreender pela desrazão [...] Em compensação, a existência do outro coloca em jogo nossa singularidade. (MOSCOVICI, 2005, p. 13 *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 218).

Finalizamos dizendo que só podemos aprender o que não temos conhecimento, entender o que não sabemos e formar o outro para o desconhecido se o outro estiver aberto a conhecer o tamanho da sua pequenez diante da grandeza do próximo e a ver pela sua própria cegueira.

Que esse redimensionamento formativo possa mudar o caminhar da sociedade aracajuana que, há quase meio século, teve a APAE como a primeira associação de Sergipe a perceber, nas pessoas com deficiência, potencialidades educacionais.

Charlot (2005, p. 17) ressalta que se “[...] devemos tratar nossas crianças como sujeitos, vamos encontrar um método adequado para que eles aprendam”. Quando cada um for tratado em sua singularidade, a formação terá um novo conceito de ensino e aprendizagem.

Que possamos, através das formações, instrumentalizar os professores com meios que possam viabilizar uma nova escrita da Educação Especial no Estado de Sergipe e na vida de todos os que fizeram essa pesquisa acontecer, além daqueles findaram em fazer a leitura dessas entrelinhas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse em pesquisar a formação de professores e práticas educativas sempre foi uma constante em nossos escritos, por causa dos diversos olhares direcionados para o tema.

Contudo, pesquisar sobre a formação dos professores e as práticas educativas da APAE aracajuana, de 1968, data da sua fundação, a 1988, ano em que foi promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil, foi um desafio de grandes aprendizados para todos os envolvidos no processo, frente às reflexões levantadas, revividas e carregadas de memórias vivas. Sobre o valor da memória, Le Goff salienta:

A evolução das sociedades, na segunda metade do século XX, elucida a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. (LE GOFF, 2003, p. 469).

A memória coletiva foi fundamental para a realização dessa pesquisa, trazendo dados que dialogaram entre si e alicerçaram a conclusão dos pontos levantados durante o processo de construção da dissertação.

A fundação da associação deu-se pela união de um pequeno grupo de pais que não encontravam nas escolas de ensino regular espaço para os seus filhos com deficiência. As APAEs já começavam a fazer história no país desde 1954, com a fundação da primeira unidade no estado do Rio de Janeiro e as informações sobre ela eram circuladas na imprensa escrita.

No entanto, para quem estuda a Educação Especial, sabe que, nesse período, era tudo muito novo no país e, em especial, no estado de Sergipe. Não havia dentro das academias, grades curriculares ou disciplinas com esse foco, como também estudos com esse direcionamento, como apresentou o caminhar dessa pesquisa.

A proposta da dissertação foi analisar como ocorreu a formação dos professores e as práticas educativas no período mencionado, identificando as formações anteriores e as dificuldades para o exercício do novo, na vida profissional de quem, junto com os idealizadores, abraçou a educação dos marginalizados por uma sociedade que não foi pensada

e organizada para atender a todos, independentemente de suas condições sociais, físicas, cultural e econômica.

Percorrer esses vinte anos de história da APAE de Aracaju foi difícil e, ao mesmo tempo, de uma riqueza inestimável frente à formação dos profissionais que tiveram papel importante nos dados coletados e nas informações obtidas através das entrevistas que subsidiaram as indagações levantadas no início da pesquisa. Souza aponta em seus escritos que:

A História da Educação Especial em Sergipe é, em síntese, a história das suas instituições. Sergipe conta com um número relevante de instituições que estão desenvolvendo seus trabalhos, principalmente na capital. As dificuldades para mantê-las são inúmeras; e embora cada uma tenha suas necessidades específicas, obstáculos maiores se resumem aos aspectos financeiro e pessoal qualificado para o atendimento à clientela. (SOUZA, 2013, p. 116).

Como retratado pela autora, pessoal qualificado para o atendimento era um dos entraves no período da fundação da APAE, visto que não existiam políticas públicas específicas para o atendimento das pessoas com deficiência. Mazzotta expressa:

O atendimento educacional aos excepcionais foi explicitamente assumido, a nível nacional, pelo governo federal, com a criação de Campanhas especificamente voltadas para este fim. A primeira a ser instituída foi a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro – C.E.S.B. – pelo Decreto Federal nº 42.728, de 3 de dezembro de 1957. As instruções para sua organização e execução foram objeto da Portaria Ministerial nº 114, de 21 de março de 1958, publicada no Diário Oficial da União de 23 de março de 1958. (MAZZOTTA, 2005, p. 49).

A partir da campanha citada por Mazzotta (2005), outras foram sendo instituídas lentamente no país, visando trazer informações para a sociedade a respeito das pessoas com deficiência que, por séculos de história, foram vistas como, improdutivas, vazias e incapazes de viverem em sociedade. Assim, elas percorreram um caminho de exclusão, segregação e integração para alcançar a inclusão de fato e de direito dentro das escolas, universidades e demais espaços comuns a todos.

Os dados coletados apontaram as dificuldades do período em relação à formação dos professores, ou melhor, “a não formação dos professores” na área da Educação Especial.

O desconhecimento era iminente entre os entrevistados na época em que muitos adentraram as portas da APAE, onde estes iniciaram as suas atividades na associação por meio de convites, indicações, estágios, necessidade de trabalhar, comodidade de ser perto da

residência, como evidenciado nas falas dos informantes. Poucos foram os que chegaram tendo conhecimento do trabalho desenvolvido.

No entanto, a coleta de dados deixou evidente a preocupação do presidente da associação com a formação dos professores e dos demais profissionais e, também, com as práticas educativas desenvolvidas por eles.

Como mencionaram, a princípio eram realizadas por intuição e de acordo com as necessidades percebidas no dia a dia. Com um olhar mais adiante na perspectiva formativa, no decorrer dos vinte anos demarcados por esse estudo, foi-se investindo na formação dos professores e profissionais, dentro e fora do estado, na procura de conhecimentos que pudessem ser aliados ao desenvolvimento das habilidades e potencialidades dos assistidos de acordo com as suas singularidades.

As informações obtidas através das entrevistas foram essenciais para que pudéssemos afirmar a importância do percurso traçado pela APAE na história de vida de todos os envolvidos e, principalmente, dentro da sociedade aracajuana como a primeira associação que teve o seu atendimento educacional direcionado a atenção da pessoa com deficiência intelectual e múltipla.

Também, foi retratado corporalmente, através dos gestos, acesso tido somente pela pesquisadora, que foi o elo entre os informantes e as suas memórias. Muitos ficaram perdidos no caminhar dessa história, pela falta do apoio das políticas públicas para a inserção dos assistidos no mercado de trabalho, tornando-os autônomos e independentes, visto que era um dos pontos da missão da APAE.

Diante dos dados extraídos dos informantes, três aspectos chamaram atenção e foram de suma importância para a efetivação da pesquisa.

O primeiro aspecto foi que **pouco se falava em Educação Especial e na sua diversidade**. Neste sentido, mesmo sem uma formação adequada, os professores abraçavam os desafios e buscavam trabalhar com o seu máximo.

Não era preciso ser preparado/formado para fazer as articulações, pois trabalhava-se extraíndo as potencialidades, intuindo práticas educativas, adaptando material de acordo com as necessidades surgidas nas experiências diárias. Com isso, a formação foi consequência do modelo de trabalho.

O segundo aspecto, **o desconhecimento**, foi o termômetro motivador do desejo de querer aprender e buscar formações no campo para um engajamento maior.

Os envolvidos sentiam a necessidade e “queriam” conhecer estratégias diferenciadas, possibilidades de práticas educativas que dessem autonomia e independência para o público

que receberam, sendo esses profissionais pedras brutas que precisavam preencher as linhas das suas histórias de vida antes de integrarem a história de outros.

E o terceiro e último aspecto é que não adianta um arcabouço de políticas públicas, direitos legislados, se a sociedade, as universidades e as escolas – dentro do seu todo – **não olharem para as potencialidades e possibilidades individuais** sem estigmatizar aqueles que não se enquadram nos ditames das mesmas, que não haja formações específicas e, sim, que todas as formações sejam universalizadas, pois:

A diferença (vem) do múltiplo e não do diverso. Tal como ocorre na aritmética, o múltiplo é sempre um processo, uma operação, uma ação. A diversidade é estática, é um estado, é estéril. A multiplicidade é ativa, é fluxo, é produtiva. A multiplicidade é uma máquina de produzir diferenças – diferenças que são irredutíveis à identidade. A diversidade limita-se ao existente. A multiplicidade estende e multiplica, prolifera, dissemina. A diversidade é um dado – da natureza ou da cultura. A multiplicidade é um movimento. A diversidade reafirma o idêntico. A multiplicidade estimula a diferença que se recusa a se fundir com o idêntico. (SILVA, 2000, p. 100-101).

Na construção de currículos e de políticas públicas, temos o poder de definições essenciais para o percurso da história da Educação Especial, assim como para as formações de professores.

Por isso, devemos atentar para o que estamos dando vida através das propostas de inclusão, para poder ver se estamos pondo em prática os direitos constituintes ou fazendo um caminho inverso.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 dispõe que todos são iguais perante a lei e, assim, compreende-se, que as formações de professores e as práticas educativas devem atender a todos nos diversos âmbitos educacionais.

Diante do exposto, esperamos que a nossa pesquisa fomenta novas reflexões acerca da formação de professores e práticas educativas em outras associações ou em instituições escolares.

Que estas reflexões possam suscitar experiências inenarráveis como as vividas no percurso desse estudo, aflorando memórias, emocionando, dando vida e immortalizando a história da APAE aracajuana e a formação de professores e práticas educativas no período de 1968 a 1988, através dos relatos vivenciados e externados pelos informantes que se desprenderam e colaboraram para a concretização dessa dissertação, que hoje defendemos com a certeza de que somos “História” da história da APAE de Aracaju/SE.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Juliana Nascimento de. **A formação continuada de professores na perspectiva da educação inclusiva**: desvelando os fios da trama. 2014. 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais**: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1999.
- APAE. **Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju/SE**: Plano de Ação de 2012.
- APAE Aracaju. **AEE – Atendimento Educacional Especializado**. Disponível em: <<http://apaearacaju.org.br/noticias.php?id=MTA>> Acesso em: 18 set. 2017.
- APAE Brasil. **Federação Nacional das APAES**. Disponível em: <<http://novosite.apaebrazil.org.br/page/2>> Acesso em: 15 jun. 2015.
- APAE. **Estatuto da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju**. Registrado no Cartório do 10º. Ofício de Justiça da Comarca de Aracaju sob nº. 1916 às folhas 199v a 201v do Livro nº A-13 em 25.01.69. I Alteração - registro feito em 03/04/96. II Alteração – registro feito em 10/11/2000, no livro A/34, fls. 113 sob n. 21742.
- ASCOM. Autores sergipanos pouco conhecidos são tema de seminário. **Portal UFS**. São Cristóvão, 14 mai. 2013. Disponível em: <<http://www.ufs.br/conteudo/10427>> Acesso em: 15 jun. 2015.
- BALANDIER, Georges. **O Dédalo**: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.
- BRASIL. **Para Todos**: o movimento político das pessoas com deficiência no Brasil. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, 2010.
- BRASIL, Assembleia Constituinte. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BRASIL. Emendas Constitucionais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/quadro_emc.htm> Acesso em: 15 jun. 2015.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização:** questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FELDMANN, Marina Graziela. Formação de professores e cotidiano escolar. In: FELDMANN, Marina Graziela. **Formação de professores e escola na contemporaneidade.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009, p. 71 – 80.

FRANÇA, Juliane Costa de. **Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE/AJU):** uma história especial. 2002. Monografia (Pedagogia) - Universidade Tiradentes, Aracaju, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projeto de Pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990.

JANNUZZI, Gilberta Sampaio de Martino. **A educação do deficiente no Brasil:** dos primórdios ao início do século XXI. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

JANNUZZI, Gilberta de Martino. CAIADO, Katia Regina Moreno. **APAE: 1954 A 2011:** algumas reflexões. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

JORNAL GAZETA DE SERGIPE. **Ano X – Nº 2651.** Aracaju, quinta-feira, 11 de março de 1965, p. 4.

JORNAL GAZETA DE SERGIPE. **Ano XV – Nº 4041.** Aracaju, quarta-feira, 21 de janeiro de 1970, p. 2.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação.** n. 1. 2001, p. 9-43.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques **História e Memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 419-476.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Iara Maria Campelo. **Tecendo saberes, dizeres, fazeres em formação contínua de professores:** uma perspectiva de educação inclusiva. 2009. 277 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

LIMA, Iara Maria Campelo. **Tecendo saberes, dizeres, fazeres em formação contínua de professores:** uma perspectiva de educação inclusiva. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. Identidade, Diversidade e Inclusão. In: PIZZI, Laura Cristina Vieira; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico. (Org.). **Formação do Pesquisador em Educação: identidade, diversidade, inclusão e juventude**. Maceió: EDUFAL, 2007, p. 199-211.

LIMA Iara Maria Campelo. **Observação e análise da interação professor-aluno em classes de Educação Especial**. 1985. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas**. São Paulo: Cortez, 2005.

NOGUEIRA, Suzana Alves. **Práticas pedagógicas de professores de alunos com deficiência intelectual ou múltipla: trocas relacionais e afetivas no núcleo de estudos de formação docente da APAE de Feira de Santana, Bahia**. 2015. 198 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

NUNES, Patrícia Matos Souza. **O processo educacional do cego em Aracaju (1950 –1970)**. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Aracaju: Secretaria da Educação do Estado de Sergipe e Universidade Federal de Sergipe, 1984.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Educação Inclusiva e Formação de Professores: a importância do corporal sensível. In: PIZZI, Laura Cristina Vieira; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico. (Org.). **Formação do Pesquisador em Educação: identidade, diversidade, inclusão e juventude**. Maceió: EDUFAL, 2007, p. 213-227.

SANTOS, Clóvis Roberto dos. **Direito à Educação – A LDB de A a Z**. São Paulo: Avercamp, 2008.

SEIXAS, Catharine Prata; FERNANDES, Priscila Dantas. Institucionalização da Educação Especial Brasileira e a Escolarização das Pessoas com Deficiência em Sergipe. In: SOUZA, Rita de Cácia Santos (Org.). **História da Educação e suas Interfaces**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p. 41-54.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e Diferenças: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Rita de Cácia Santos. **Educação Especial em Sergipe (Séc. XX): uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas**. Aracaju: Criação, 2013.

SOUZA, Rita de Cácia Santos. **Educação Especial em Sergipe do Século XIX ao início do século XX: cuidar e educar para civilizar**. 2009. 196 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOUZA, Rita de Cácia Santos. **Educação Especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas**. 2000. Dissertação (Mestrado em educação) - Núcleo de Pós-Graduação em educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2000.

THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2001.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA Filho, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 95-134.

Imagens

Figura 1 – Imagem da Inclusão

Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=imagens+da+inclus%C3%A3o&oq=imagens&aqs=chrome.69i59j69i57j69i65j0l3.7794j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acessado em 25 de abril de 2017.

Figura 2 – Logotipo APAE BRASIL – Federação Nacional das Apaes

Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=637&tbm=isch&sa=1&q=logotipo+da+apae+brasil&oq=logotipo+da+apae+brasil&gs_l=psy-ab.3...5616.11250.0.11507.23.19.0.0.0.321.2583.0j8j4j1.13.0....0...1.1.64.psy-ab..10.6.1131...0j0i67k1j0i30k1j0i5i30k1j0i24k1.0.xaHnKY45x2Q> Acesso em: 2 mar. 2017.

Figura 3 – Logotipo da APAE Aracaju – SE

Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=imagens+da+apae+de+Aracaju&tbm=isch&tbs=ring:CU-SQ8e3EaxWljj1EEgj2eXDJPcWhWbcc8l1EK3u8OCLgYk1CHh6MJ4mFqax2T4r1Jzswqz3-bJlsq5XWCHdrHISoSCe7UQSCPZ5cMERJuZt5zOunXKhIJmkLCFZtxzyUR4LCHvYNw4CQqEgnUQre7w4IuBhH82n2dqRoIdSoSCSTUleHowniYEXxu7hMGJRdPKhIJWprHZPivUnMR4LCHvYNw4CQqEgmzHCrPf5smWxGViUAFU02UjSoSCSrdYId2schEeCwh72DcOAk&tbo=u&sa=X&ved=0ahUKEwiUqqmX6KfVAhWEHJAKHQdfB_IQ9C8IHA&biw=1366&bih=638&dpr=1> Acesso em: 10 mai. 2017.

Figura 4 – Fotografia do presidente da APAE Aracaju – SE

Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=presidente+da+apae+aracaju&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiFg6i4sPrWAhWBUJAKHTqVCIMQ_AUICygC&biw=1366&bih=637#imgsrc=j8A-w_2ziqHFM:>> Acesso em: 18 set. 2017.

Figura 5 – Fotografia da aula do grupo musical BATUCAPAE

Disponível em:

<<https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjP7I3Ep6rWAhULgpAKHbYYDEoQjhwIBQ&url=https%3A%2F%2F>>

www.youtube.com/watch?v=3D2awUFKDAqP8&psig=AFQjCNESYo7eZdGDiRHkwqf76pkEmUDcfw&ust=1505669103464661> Acesso em: 18 set. 2017.

Figura 6 – Fotografia aula do AEE

Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=aula+do+AEE+aracaju&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjcvLHRsPrWAhWMgZAKHskOAr0Q_AUIDCgD&biw=1366&bih=637#imgsrc=fphEkx6ROrcfLM:>> Acesso em: 18 set. 2017.

Figura 7 -Fotografia oficina de desenho/parceria com o SENAC

Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=Fotografia+oficina+de+desenho/parceria+com+o+SENAC+apae+aracaju&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjH0tb_sPrWAhWTl5AKHf1WAIUQ_AUIDCgD&biw=1366&bih=637>Acesso em: 18 set. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA PROFESSORES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA - 1/ PROFESSORES

Dados de Identificação do entrevistado:

Formação acadêmica (Graduação/Pós-graduação):

Idade: Sexo:

- 1- Em que ano começou a trabalhar na APAE?
- 2- Qual a formação anterior a entrada como profissional da APAE?
- 3- Qual o seu conhecimento sobre a educação especial, antes de trabalhar na APAE?
- 4- Tinha na família alguém com deficiência ou contato com algum conhecido?
- 5- De acordo com leituras prévias, identifiquei que um grupo de professores foi enviado para a APAE de Salvador para a primeira formação. Você fez parte desse grupo? Quanto tempo durou o curso? Faça um relato dessa experiência.
- 6- Quando recebeu a primeira formação direcionada ao atendimento às pessoas com deficiência?
- 7- Onde essa formação aconteceu e quantos profissionais da APAE participaram?
- 8- Nessa época eram poucas as informações a respeito da educação especial. O que o motivou a ser professor na APAE?
- 9- Quais as práticas educativas (métodos, procedimentos, estratégias) você aplicava no desenvolvimento do seu trabalho?
- 10- Que concepções teóricas embasavam o seu trabalho?
- 11- Quantos alunos eram atendidos por turma? E como se davam esses atendimentos?
- 12- Qual a frequência de cursos de formação de professores para trabalhar no atendimento às pessoas com deficiência vocês tinham e quais eram os profissionais que ministravam essas formações?
- 13- Enquanto professor da APAE, quais os maiores obstáculos para exercer a profissão? Por quê?
- 14- Quantos anos exerceu a profissão na APAE?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA PROFISSIONAIS TÉCNICOS**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO****ROTEIRO DE ENTREVISTA – 2 / PROFISSIONAIS TÉCNICOS****Dados de Identificação do entrevistado:**

Formação acadêmica (Graduação/Pós-graduação):

Idade: Sexo:

- 1- Em que ano começou a trabalhar na APAE?
- 2- Qual a sua formação?
- 3- Como surgiu a oportunidade de trabalhar na APAE?
- 4- Qual função desenvolvia na instituição e quais os maiores obstáculos encontrados no trabalho diário?
- 5- A equipe era composta por quais profissionais?
- 6- Qual a média de pessoas com deficiência atendida nesse período na instituição?
- 7- Quais os serviços ofertados para as pessoas com deficiência intelectual e outras deficiências atendidas?
- 8- A deficiência intelectual era a maior demanda?
- 9- Como era o contato com os professores?
- 10- Quem era o diretor nessa época?
- 11- Quais os requisitos uma pessoa precisava ter para trabalhar na APAE? Como era feita essa seleção?
- 12- Permaneceu na APAE por quanto tempo?
- 13- Qual a aprendizagem você levou da APAE para a sua vida enquanto pessoa e profissional?

ANEXOS

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA NA APAE**APAE**
Aracaju - SE**ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE
ARACAJU/SE****TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA
PESQUISA**

Eu, Max Santos Guimarães diretor(a) da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Aracaju, declaro está informado(a) da Metodologia que será desenvolvida na pesquisa “ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE) – ARACAJU: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS EDUCATIVAS (1968-1988)”, coordenada por ANA CLÁUDIA SOUSA MENDONÇA, sob a orientação da Profª Dra. RITA DE CÁCIA SANTOS SOUZA.

Ciente de que sua metodologia será desenvolvida, conforme a resolução CNS 466/2012 e de suas demais Resoluções complementares, **autorizo as entrevistas com funcionários e professores, observação da associação, bem como a consulta da documentação sob minha responsabilidade para realização da referida pesquisa.**

Aracaju/SE, 16 de Junho de 2016.

APAE - Assoc. de Pais e Amigos
dos Excepcionais de Aracaju
Max Santos Guimarães
Presidente

Diretor(a) da Associação

**Endereço: Rua Manoel dos Santos Carvalho, 379. Bairro: Industrial.
CEP: 49065-250 – Aracaju/SE.
Telefone: 3215-5959. E-mail: aracaju@apaebrasil.org.br**

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde.

Prezado/a,

Venho através deste, lhe convidar para participar da pesquisa intitulada “**ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE) – ARACAJU: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS EDUCATIVAS (1968 – 1988)**”. Participando da pesquisa, você poderá conversar e refletir um pouco mais sobre as questões relacionadas à formação de professores e as práticas educativas no período de 1968 a 1988, época em que não se falava em inclusão de pessoas com deficiência. Assim, teremos alguns encontros para que possamos nos dedicar um pouco mais a essas questões.

Antes, é necessário esclarecer que este é um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que tem a preocupação de tirar todas as dúvidas em relação a essa pesquisa, que é de responsabilidade da Mestranda em Educação, Ana Cláudia Sousa Mendonça, sob a orientação do Profa. Dra. Rita de Cácia Santos Souza, sendo a pesquisadora vinculada ao Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS), São Cristóvão/SE.

Esta pesquisa objetiva conhecer a formação dos professores da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) – Aracaju e as práticas educativas no período de 1968 – 1988. Serão necessários, portanto, encontros para serem feitas entrevistas individuais com docentes e equipe técnica, quando for necessário e acesso à documentação da instituição do período de que trata essa pesquisa.

Os Docentes e a equipe técnica envolvidos nesta pesquisa se comprometem em evitar qualquer tipo de desconforto que possa surgir em ocasião da entrevista ou de atividades do estudo, deixando bem claro que poderá optar em participar ou não das etapas da pesquisa, bem como se recusar a responder quaisquer questionamentos voltados à pesquisa, sem que isso gere qualquer tipo de desconforto ou constrangimento.

Apesar de toda pesquisa conferir certo grau de risco, assumimos a responsabilidade em minimizá-los ao máximo. Caso ocorram, serão tomadas as providências necessárias a fim de saná-los. Nesse sentido, destacamos que os resultados da pesquisa compensam os riscos que eventualmente possam acontecer.

Para lhe garantir confidencialidade, todos os registros individuais serão identificados por códigos ou números, gerando a impossibilidade da revelação das identidades. Os registros feitos no trabalho citarão apenas o nome da instituição de ensino e a modalidade de Educação,

sem, entretanto, descrever ou registrar os que participarão da pesquisa. Assim, todas as observações serão feitas pelo próprio pesquisador, visando a garantir o sigilo das informações prestadas.

Como a participação na pesquisa será voluntária, você não receberá nenhuma gratificação financeira para se envolver com as propostas do trabalho. Entretanto, caso venha a ocorrer alguma despesa provocada pela pesquisa, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Você também poderá retirar seu consentimento em participar da pesquisa a qualquer momento. Esta pesquisa visa contribuir para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico, oferecendo a outros pesquisadores subsídios para novas pesquisas e para a instituição, divulgação de um trabalho comprometido com a cidadania e os direitos das pessoas com deficiência.

Em qualquer etapa da pesquisa (antes, durante e depois), você poderá pedir esclarecimentos dos pesquisadores nos contatos que estão logo abaixo ou até entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe, no endereço abaixo. O CEP é um órgão que avalia as pesquisas quanto aos cuidados dirigidos aos participantes para manter sua integridade e segurança.

Se você desejar participar da pesquisa, por favor, assine junto comigo este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias. Uma via ficará com você e a outra ficará com os pesquisadores durante um período de cinco anos.

Atenciosamente,

Ana Cláudia Sousa Mendonça e Rita de Cácia Santos Souza.

CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO

Eu, _____, aceito espontaneamente o convite para participar da pesquisa intitulada “**ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE) – ARACAJU: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS EDUCATIVAS (1968 – 1988)**”, sob a responsabilidade de Ana Cláudia Sousa Mendonça e sob a orientação da Profa. Dra. Rita de Cácia Santos Souza, da Universidade Federal de Sergipe (UFS – Campus de São Cristóvão). Eu fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos desta pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e aos possíveis riscos envolvidos na minha participação. Os pesquisadores garantiram disponibilizar quaisquer esclarecimentos adicionais que eu venha solicitar durante a realização da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique em qualquer prejuízo à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes a minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não me trará nenhum benefício ou prejuízo econômico.

Aracaju/SE, _____ de _____ de 2016.

Assinatura da(o) Participante

COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu discuti as questões acima apresentadas com cada participante do estudo. É minha intenção que cada indivíduo entenda os desconfortos, benefícios e obrigações relacionadas a esta pesquisa.

São Cristóvão/SE, _____ de _____ de 2016.

Ana Cláudia Sousa Mendonça

Mestranda em Educação pelo PPGED/UFS

Para maiores informações, pode entrar em contato com:

Ana Cláudia Sousa Mendonça–anaclaudiasm70@hotmail.com- (79) **99903-9134**

Rita de Cácia Santos Souza - ritacssouza@yahoo.com.br - (79) **98837-0073**

Comitê de Ética em Pesquisa da UFS – CEP/UFS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Hospital Universitário - Rua Cláudio Batista s/n – Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas, Bairro Sanatório, CEP: 49060-100, Aracaju/SE. Fone: (79) 2105-1805

Home page do CEP/UFS: <http://cep.ufs.br>

Endereços eletrônicos: cephu@ufs.br

ANEXO C-DADOS DA APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE) - ARACAJU: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS EDUCATIVAS (1968 - 1988)

Pesquisador Responsável: Ana Cláudia Sousa Mendonça

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 57991916.5.0000.5546

Submetido em: 20/07/2016

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio





Coordenador

Comprovante de Recepção: PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_738044

DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

- Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 1
 - Pendência Documental (PO) - Versão 1
 - Documentos do Projeto
 - Comprovante de Recepção - Submissão 3
 - Cronograma - Submissão 3
 - Declaração de Instituição e Infraestrutura - Submissão 3
 - Declaração de Pesquisadores - Submissão 3
 - Folha de Rosto - Submissão 3
 - Informações Básicas do Projeto - Submissão 3
 - Orçamento - Submissão 3
 - Outros - Submissão 3
 - Projeto Detalhado / Brochura Investigação - Submissão 3
 - TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa - Submissão 3

LISTA DE APECIAÇÕES DO PROJETO

Apreciação *	Pesquisador Responsável *	Versão *	Submissão *	Modificação *	Situação *	Exclusiva do Centro Coord. *	Ações
PO	Ana Cláudia Sousa Mendonça	1	20/07/2016	08/09/2016	Aprovado	Não	   

HISTÓRICO DE TRÂMITES

Apreciação	Data/Hora	Trâmite	Versão	Perfil	Origem	Destino	Informações
PO	08/09/2016 08:05:14	Parecer liberado	1	Coordenador	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	PESQUISADOR	
PO	08/09/2016 08:05:47	Parecer do colegiado emitido	1	Coordenador	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	
PO	06/09/2016 22:29:01	Parecer do relator emitido	1	Membro do CEP	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	
PO	15/08/2016 20:42:35	Aceleração de Elaboração de Relatoria	1	Membro do CEP	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	
PO	28/07/2016 11:27:07	Confirmação de Indicação de Relatoria	1	Coordenador	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	
PO	28/07/2016 11:03:34	Indicação de Relatoria	1	Secretaria	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	
PO	21/07/2016 08:55:24	Aceleração do PP	1	Secretaria	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	
PO	20/07/2016 15:28:22	Submetido para avaliação do CEP	1	Pesquisador Principal	PESQUISADOR	Hospital Universitário de Aracaju/ Universidade Federal de Sergipe/ HU-UFS	

Fonte: Plataforma Brasil

ANEXO D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO E CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO E CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Ilmo Sr. Presidente Max Santos Guimarães

Solicitamos de Vossa Senhoria a autorização para realizar a pesquisa intitulada: **Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) – Aracaju: Formação de Professores e Práticas Educativas (1968 – 1988)**, no contexto da mencionada associação.

Esclarecemos de antemão que todos os dados coletados nesta pesquisa serão de absoluto sigilo e tendo acesso aos mesmos somente os pesquisadores. Não citaremos nomes dos envolvidos, nem disponibilizaremos nome e imagem sem o devido consentimento. Apenas será citado que a pesquisa foi feita no âmbito da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju/SE.

Sem mais para o momento, desde já agradecemos a sua colaboração.
Atenciosamente,

Max Santos Guimarães
Presidente da Associação de Pais e Amigos dos excepcionais de Aracaju/SE

Ana Cláudia Sousa Mendonça
Mestranda em Educação da UFS

Rita de Cácia Santos Souza
Profª. Dra. do Programa de Educação da UFS

ANEXO E –RESULTADOS DAS CATEGORIAS SELECIONADAS E O TEMPO DE PERMANÊNCIA NA APAE

Margarida1 Média de 3 anos	a) Magistério/Pedagogia. b) Não havia. c) Participou de um único encontro na APAE de São Paulo como pedagoga. d) Se trabalhava por intuição. e) Não tinha. f) Falta de informação e cursos. g) Não tinha. h) Queria sair do emprego que estava, recebi o convite e aceitei. i) O respeito ao próximo.
Margarida2 10anos	a) Secundário incompleto. b) Não havia. c) Não participou de nenhuma formação. d) Não existia orientação e as coisas fluíam. e) Não se falava em deficiência. f) Faltava material para fazer as coisas. g) Não tinha. Hoje é uma pessoa com deficiência. h) Porque precisava de dinheiro e morava perto. i)
Margarida 3 Média de 4 anos	a) cursava o nível superior de Administração. b) Não tenho lembranças por ser voluntária. c) Curso de voluntária. d) Estimulação visual. e) Não tinha. f) Não existia. Era natural. g) Não existia. A primeira pessoa foi a filha dos vizinhos. h) O curso da UFS era noturno e ficou ociosa, ociosa entre aspas e foi ser voluntária da APAE. i) O momento de lazer, todo mundo interagindo.
Margarida 4 2 anos	a) Nível superior: Assistente Social. b) Aconteciam sempre. c) Conferências e cursos de inclusão. d) Por intuição buscava as metodologias críticas reflexivas. e) Tinha o conhecimento adquirido como estagiária da Rosa Azul. f) a incapacidade da instituição em ter autonomia de capacitar as pessoas que iriam receber os jovens no mercado de trabalho. g) Na época não. h) Porque foi estagiária na época da universidade. i) Melhorei muito como pessoa e superei medos e preconceitos e a me valorizar mais.
Margarida 5 2 a 3 anos	a) Terapeuta Ocupacional. b) Frequência boa e fazia muitos cursos. Eram cursos muito bons. c) Curso de como lidar com as crianças, os colegas, de nutrição. d) Atividades de vida diária. e) Já atuava como T. O. f) g) h) Funcionário da SEED, cedido a APAE. i) Eu aprendi muito, muito mesmo.
Margarida 6	a) Secundário. b) Muitos cursos

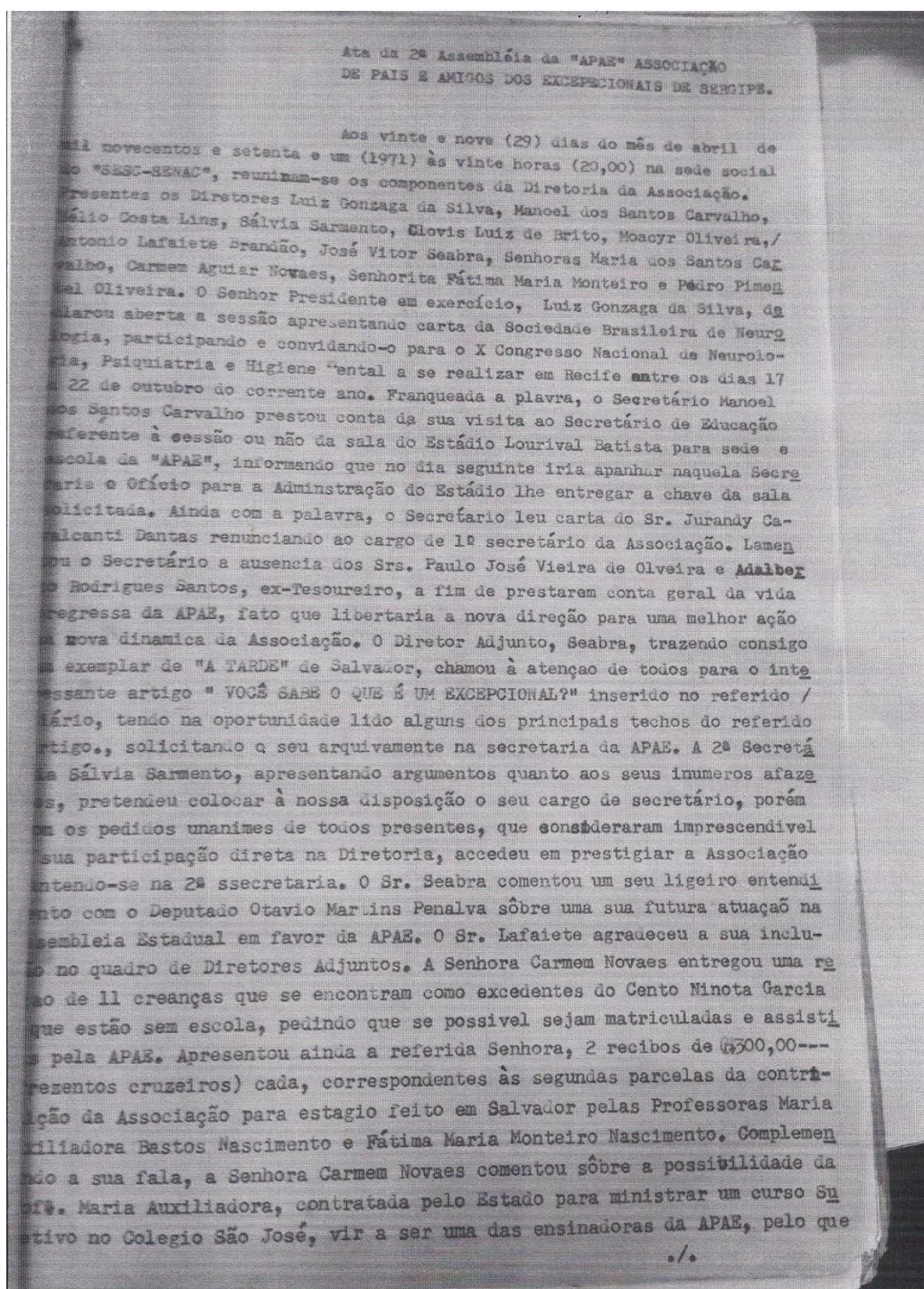
24 anos	<p>c) Participei de vários cursos,fui para Natal, Salvador e outros na instituição com pessoas que vinham de fora.</p> <p>d).....</p> <p>e) Eu não sabia o que era isso na época. Cheguei sem bagagem nenhuma.</p> <p>f) Não vi obstáculos.</p> <p>g) Não. Trabalhando lá, engravidei e meu filho nasceu com deficiência.</p> <p>h) Foi minha mãe de criação que pediu ao prefeito Heráclito Rollemberg um emprego para mim.</p> <p>i) O amor que eu tive muito por eles, a falta deles, as colegas e os pais que eram muito agradecidos e tinham carinho por nós.</p>
Margarida 7 2 anos	<p>a)Secundário.</p> <p>b) No tempo que passei lá não teve nenhuma formação na instituição.</p> <p>c) Não teve.</p> <p>d) A gente trabalhava como se fosse a educação pré-escolar, nos orientavam a trabalhar com massinha e com colagem.</p> <p>e)....</p> <p>f)Quando comecei a APAE funcionava em uma sala só do Batistão, só dois professores e nenhum outro profissional.</p> <p>g)</p> <p>h) Por necessidade de trabalho.</p> <p>i)</p>
Margarida 8 36 anos	<p>a)Normal, pedagógico.</p> <p>b) Na época não tinha nada sobre educação especial.</p> <p>c) Fiz muitos cursos fora em Natal, Bahia, Recife, Bauru, São Paulo. A formação pedagógica sempre teve e eu era rebelde e não participava porque elas só se preocupavam com a escolarização e eu queria a independência deles.</p> <p>d) Inventaram um método horrível, o <i>Delacato</i> que não atingia a necessidade dos meninos, a deficiência da APAE era grande porque a gente não tinha formação.</p> <p>e) Comecei sem saber de nada e fiz de tudo, tive vontade de aprender.</p> <p>f) Falta de formação e obstáculos financeiros.</p> <p>g)</p> <p>h) Fui e eu nem sabia o que era a APAE e foi em 69, logo no início e cheguei com um bilhete de indicação. Trabalhava como recreadora de leito na São Domingos Sávio, tinha uma ONG.</p> <p>i)Seu Manoelito sempre deu todo o suporte, só não cresceu quem não quis.</p>
Margarida 09 36 anos até o momento	<p>a) Não tinha nem o pedagógico.</p> <p>b)Fui para o Rio Grande do Norte, para Salvador fazer cursos.</p> <p>c) Participei de congressos em Salvador.</p> <p>d).....</p> <p>e) Não conhecia nada.</p> <p>f)</p> <p>g) Não conhecia nada de deficiência e não tinha ninguém.</p> <p>h) Fui dar um curso de cerâmica e fui convidada para trabalhar e fiquei.</p> <p>i) Você aprende muito com eles.</p>
Margarida 10 31 anos até o momento	<p>a) Pedagógico.</p> <p>b)Não tinha períodos certos para as formações. A gente tinha cursos sempre e fiz todos.</p> <p>c) Os cursos eram freqüentes e eram feitos na APAE e fora.</p> <p>d) Trabalhava com as AVDs.</p> <p>e)Já trabalhava com educação especial em São Paulo.</p> <p>f)</p> <p>g) Já trabalhava com pessoas com deficiência.</p> <p>h) Trabalhava em São Paulo com a educação especial e chegando aqui em</p>

	<p>Aracaju fui para a Legião Brasileira buscar informações e mandaram para a APAE.</p> <p>i) Hoje eu tenho dezoito ou dezenove anos de aposentada e continuo trabalhando na APAE. Não sei como será o dia que eu tiver que sair porque vai ser duro.</p>
Margarida 11 3 anos	<p>a) Ensino Médio Normal, Pedagógico.</p> <p>b) Muitos cursos de formação.</p> <p>c) Formação específica de psicologia sensitive, curso de alimentação, cursos na área de pedagogia, cursos com fonoaudiólogos, psicopedagogos, médicos, psicólogos e neurologistas.</p> <p>d)...</p> <p>e) Tenho uma irmã com Síndrome de <i>Down</i> que estudava na APAE desde os cinco anos e eu levava.</p> <p>f)...</p> <p>g) Uma irmã com Síndrome de <i>Down</i>.</p> <p>h) Término do Ensino médio precisava trabalhar e já era apaixonada pela educação especial por causa da minha irmã.</p> <p>i) Deixou boas recordações, foi super importante na minha vida, me capacitou, foi meu primeiro trabalho e eu fiquei mais sensibilizada e me apaixonei ainda mais pela educação especial e são crianças que nos ensinam muito.</p>
Margarida 12 4 anos e 3 meses	<p>a) Pedagógico.</p> <p>b) Boa.</p> <p>c) Fui duas vezes para a APAE de Salvador, fiz treinamento, curso para surdos, curso de como trabalhar com o deficiente mental e outros</p> <p>d) Levava para a piscina, para o parque e ia aos poucos encontrando os caminhos.</p> <p>e) Não tinha conhecimento da educação especial.</p> <p>f) Nunca chegou um trabalho específico naquela época para trabalhar especificamente com eles.</p> <p>g) Na época, não.</p> <p>h) Porque tinha terminado o pedagógico e não tinha trabalho em vista.</p> <p>i) Eu me tornei uma pessoa mais sensível e eu era muito torrão para aceitar as coisas e a gente tem respeito para com o próximo para o próximo respeitar a gente.</p>
Margarida 13 38 anos até o momento	<p>a)....</p> <p>b) Foi a APAE que proporcionou minha formação. Despertei aqui dentro para a área da saúde.</p> <p>c) Tive formação na APAE, na UFS, cursos, congressos.</p> <p>d) Converso com os professores, com os alunos quando estão agitados e dou suporte dentro da minha área de atuação, fazendo curativo.</p> <p>e) Minha mãe já trabalhava na APAE.</p> <p>f)</p> <p>g) Tinha uma pessoa na família, mas, não tinha contato porque morava no interior.</p> <p>h) Era adolescente e minha mãe já trabalhava na associação.</p> <p>i) A minha vida é marcada por eles, pelos meninos. Já nascem amando, a gente, ditos normais, tem que aprender a amar as pessoas.</p>
Margarida 14 Média de 6 a 7 anos	<p>a) Técnico em agropecuária.</p> <p>b)</p> <p>c) Participamos do congresso das APAEs de Salvador e de formações na própria APAE.</p> <p>d) Por ser técnico agrícola, a gente fazia horta, plantávamos alface, coentro, cebolinha, entramos com jardinagem, criação de coelhos, eu e eles.</p> <p>e) Não tinha.</p>

	<p>f) Dependemos de governo, de convênios para trabalhar com eles, mas, falta compromisso. Trabalhar com pessoas com deficiência não dá voto, não vai para a mídia.</p> <p>g) Não.</p> <p>h) Fui fazer estágio sem saber que a APAE trabalhava com pessoas com deficiência.</p> <p>i) É valorizar o ser humano como ele é e como ele se expressa.</p>
--	---

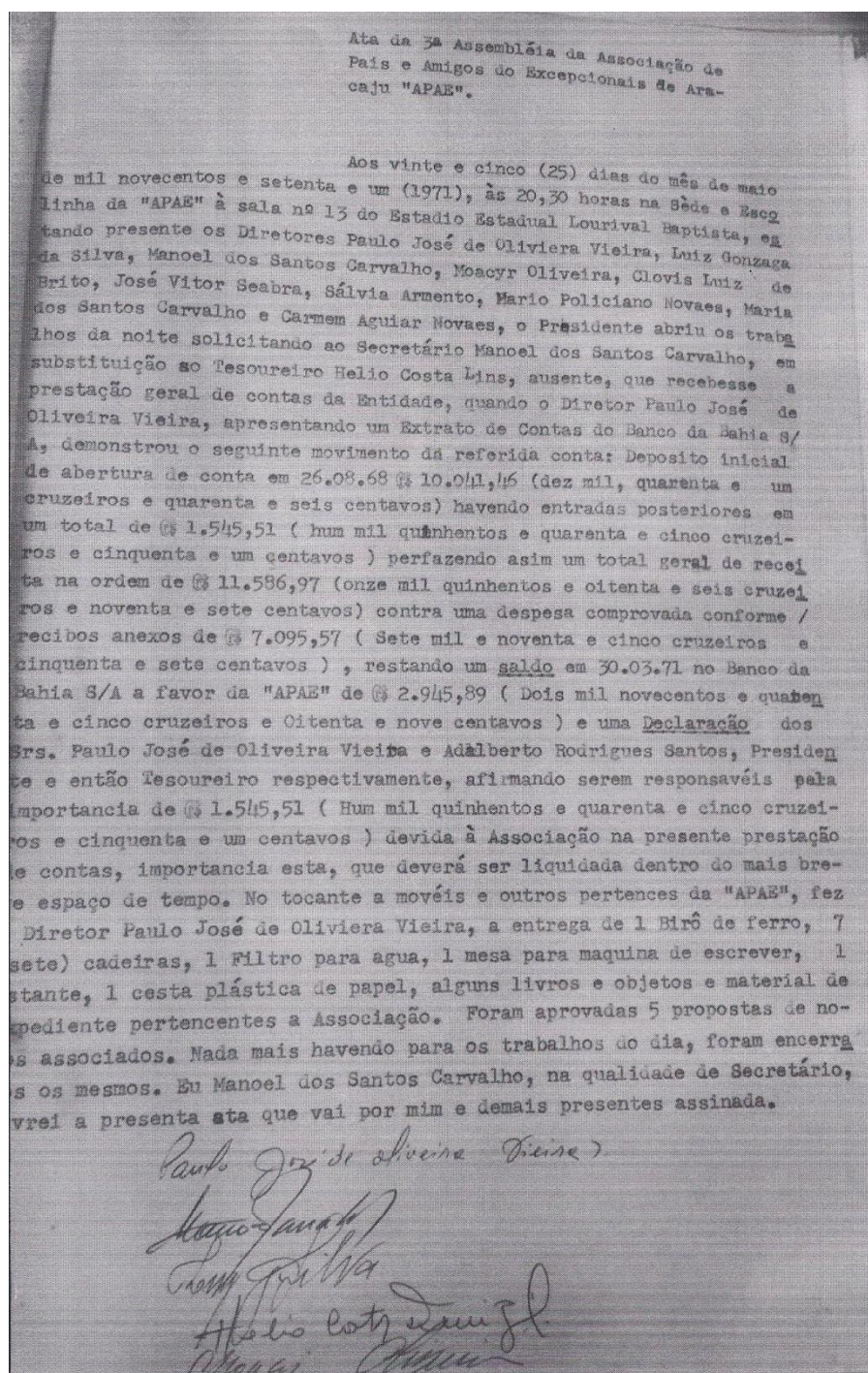
Fonte: MENDONÇA, Ana Cláudia Sousa, 2017.

ANEXO H- ATA DA 2ª ASSEMBLEIA DA APAE DE 29 DE ABRIL DE 1971



Fonte: Acervo da APAE.

ANEXO I –ATA DA 3ª ASSEMBLEIA DA APAE DE 25 DE MAIO DE 1971



Fonte: Acervo da APAE

ANEXO J – CERTIFICADO DE 1974

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS
APAE - ARACAJU

CERTIDÃO

"APAE"
Associação de Pais e
Amigos dos Excepcionais
ARACAJU - SE.

CERTIFICAMOS [REDACTED] FÁTIMA
participou do "CURSO DE VOLUNTÁRIAS"
realizado no período de 21 a 28 de 1974
promovido pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais -
APAE - Aracaju.

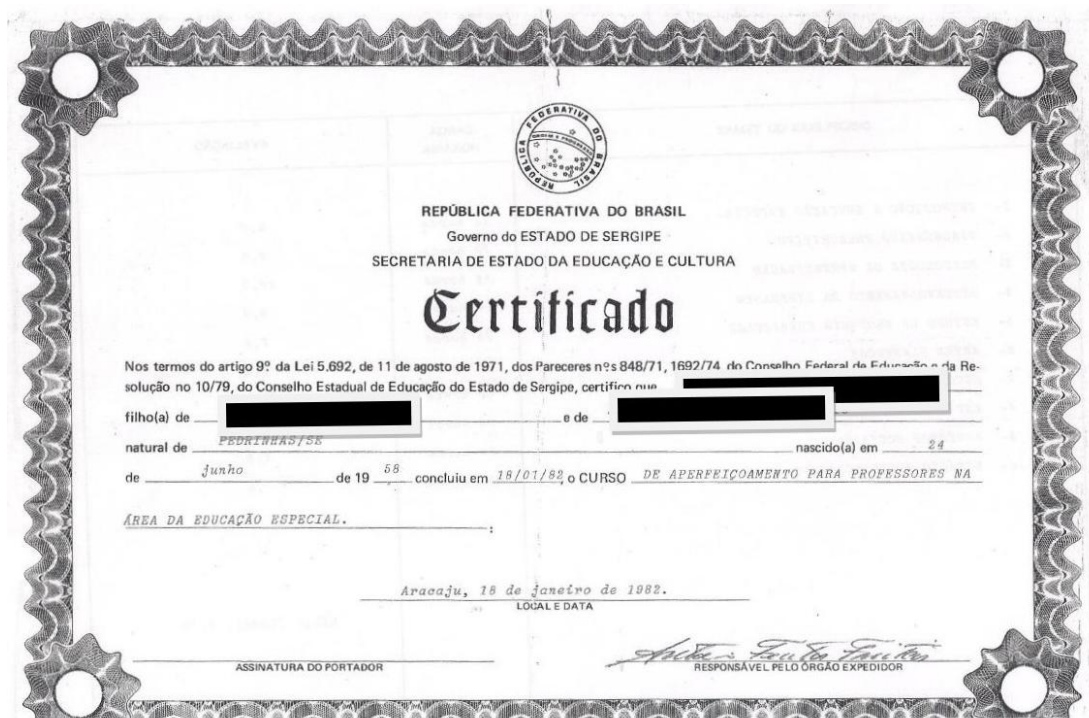
Aracaju, 28 de AGOSTO de 1974

[Signature]
COORDENADOR

[Signature]
DIRETOR

Fonte: Acervo da Margarida.

ANEXO K – CERTIFICADO DE 1982



The certificate is a rectangular document with a decorative border. At the top center is the seal of the República Federativa do Brasil. Below the seal, the text reads: "REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL", "Governo do ESTADO DE SERGIPE", and "SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA". The title "Certificado" is prominently displayed in a large, bold, serif font. The main body of the certificate contains the following text: "Nos termos do artigo 9º da Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, dos Pareceres nºs 848/71, 1692/74 do Conselho Federal de Educação e da Resolução no 10/79, do Conselho Estadual de Educação do Estado de Sergipe, certifico que [redacted] filho(a) de [redacted] e de [redacted] natural de [redacted] nascido(a) em [redacted] de [redacted] de 19 [redacted] concluiu em 18/01/82 o CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA PROFESSORES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL." Below this text, the date and location are given: "Aracaju, 18 de Janeiro de 1982." and "LOCAL E DATA". At the bottom, there are two lines for signatures: "ASSINATURA DO PORTADOR" and "RESPONSÁVEL PELO ÓRGÃO EXPEDIDOR".

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Governo do ESTADO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Certificado

Nos termos do artigo 9º da Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, dos Pareceres nºs 848/71, 1692/74 do Conselho Federal de Educação e da Resolução no 10/79, do Conselho Estadual de Educação do Estado de Sergipe, certifico que [redacted] filho(a) de [redacted] e de [redacted] natural de [redacted] nascido(a) em [redacted] de [redacted] de 19 [redacted] concluiu em 18/01/82 o CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA PROFESSORES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL.

Aracaju, 18 de Janeiro de 1982.
LOCAL E DATA

ASSINATURA DO PORTADOR
RESPONSÁVEL PELO ÓRGÃO EXPEDIDOR

Fonte: acervo da Margarida

ANEXO L – CERTIFICADO DE 1985



Fonte: Acervo da Margarida

ANEXO M – CERTIFICADO DE 1987

 **FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAE's**

Certificado

Certificamos que _____

participou do XIII CONGRESSO NACIONAL DAS APAES na qualidade de CONGRESISTA

no período de 26 de junho a 02 de julho de 1987, realizado em Natal, Rio Grande do Norte.

Natal, 02 de julho de 1987


Dr. Eládio Araújo Neri
Pres. da Federação Nacional
das APAES


Prof.ª Teala Maria Lemos Ferreira
Coordenadora Geral


Dr. José Humberto Vilas Torres
Vice-Pres. Federação Nacional
das APAES

Fonte: Acervo da Margarida

ANEXO N – CERTIFICADO/87

 **FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAEs**

Certificado

Certificamos que _____

participou do curso LEITURA INCIDENTAL PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE NÍVEL MODERADO

com carga horária de 20 horas/aulas, na qualidade de PARTICIPANTE

durante a realização do XIII CONGRESSO NACIONAL DAS APAEs no período de 28 de junho a 02 de julho de 1987.

Natal, 02 de julho de 1987

 _____ Dr. Eládio Araújo Neto Pres. da Federação Nacional das APAEs	 _____ Prof. Tânia Maria Lemos Ferreira Coordenadora Geral	 _____ Dr. José Humberto Vilas Torres Vice-Pres. Federação Nacional das APAEs
---	--	--

Fonte: Acervo da Margarida

ANEXO 0 – CERTIFICADO DE 88



APAE - ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE ARACAJU
 REG. CONS. MAC. SERV. SOCIAL Nº 262.681/71 UTIL. PÚBLICA MUNICIPAL DEC. 132/70 DE 31-3-70 - UTIL. PÚBLICA ESTADUAL DEC. 1689 DE 30-9-71 REG. FEDERAÇÃO NACIONAL DAS "APAES" Nº 069 DE 11-7-70 - C.G.C. 13.046.636/0001-16
 FUNDADA EM 27 DE AGOSTO DE 1968
 RUA ARAÚJA, 344 - FONE: 92-7010 - CAIXA POSTAL 190 - 49.000 ARACAJU - SERGIPE

CERTIFICADO


Certificamos que [REDACTED]

frequentou com assiduidade e aproveitamento, satisfazendo os trabalhos práticos exigidos pelo


CURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS.

Realizado de 08 / 02 / 88 a 11 / 02 / 88 tendo obtido o conceito

Aracaju, 11 de Fevereiro de 19 88



DIRETOR



ORIENTADOR

[REDACTED]

RECIBO

Fonte: Acervo da Margarida

ANEXO P – CERTIFICADO DE 1988



APAE - ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE ARACAJU
 REG. CONS. MAC. SERV. SOCIAL Nº 262.681/71 UTIL. PÚBLICA MUNICIPAL DEC. 132/70 DE 31-3-70 - UTIL. PÚBLICA ESTADUAL DEC. 1689 DE 30-9-71 REG. FEDERAÇÃO NACIONAL DAS "APAES" Nº 069 DE 11-7-70 - C.G.C. 13.046.636/0001-16
 FUNDADA EM 27 DE AGOSTO DE 1968
 RUA ARAUA, 344 - FONE: 92-7070 - CAIXA POSTAL 190 - 49.000 ARACAJU - SERGIPE

CERTIFICADO

Certificamos que _____

frequentou com assiduidade e aproveitamento, satisfazendo os trabalhos práticos exigidos pelo

CURSO FUNDAMENTOS DE MODELAGEM E SENSITIVITY TRAINING

Realizado de 18 / 02 / 88 a 25 / 02 / 88 tendo obtido o conceito _____

Aracaju, 25 de Fevereiro de 19 88



DIRETOR

ALUG

ORIENTADOR

Fonte: Acervo da Margarida

ANEXO Q – CERTIFICADO DE 1988



GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA GERAL DA EDUCAÇÃO

CERTIFICADO

CERTIFICAMOS QUE [redacted]

PARTICIPOU COM ASSIDUIDADE

NA QUALIDADE DE ALUNO

DO CURSO DE ATUALIZAÇÃO PARA PROFESSORES NA ÁREA DA DEFICIÊNCIA MENTAL

REALIZADO NO PERÍODO DE 02/05 A 02/06/1988

COM DURAÇÃO DE 162 HORAS.

ARACAJU, 06 DE JUNHO DE 1988

[Signature]
Diretor Geral da Educação

Fonte: Acervo da Margarida

ANEXO R – CERTIFICADO DE 1988

 **AMAS – ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO AUTISTA EM SERGIPE**
FUNDADA EM 20-07-87

CERTIFICADO


Certificamos que  participou ativamente da II JORNADA DE SAÚDE MENTAL DA CRIANÇA – O AUTISMO promovida pela **AMAS – Associação de Amigos do Autista em Sergipe**, no período de 14 a 16 de 09/88 com carga horária de 20 horas.

Aracaju, 16 de setembro de 19 88


PRESIDENTE DA AMAS

Fonte: Acervo da Margarida

ANEXO S – CERTIFICADO DE 1988


APAE - ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE ARACAJU
 REG. CONS. NAC. SERV. SOCIAL N.º 262.681/71 UTIL. PÚBLICA MUNICIPAL DEC. 132/70 DE 31-03-70 - UTIL. PÚBLICA ESTADUAL DEC. 1689 DE 30-09-71 REG. FEDERAÇÃO NACIONAL DAS "APAES" N.º 089 DE 11-07-70 - C.G.C. 13.046.638/0001-16
 FUNDADA EM 27 DE AGOSTO DE 1968
 RUA CURITIBA, 379 - BAIRRO INDUSTRIAL - FONE: 222-7010 - CAIXA POSTAL 190 - 49.040 - ARACAJU - SERGIPE

CERTIFICADO

Certificamos que [REDACTED]

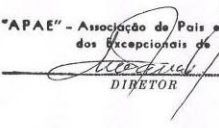
frequentou com assiduidade e aproveitamento, satisfazendo os trabalhos práticos exigidos pelo

CURSO ENCONTRO PROMOVIDO PELA LIGA ARACAJUENSE PAI-EXCEPCIONAIS

Realizado de 17/09/88 a 18/09/88 tendo obtido o conceito BOM


Aracaju, 18 de SETEMBRO de 1988

"APAE" - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju


 DIRETOR

[REDACTED]

ALUNO


 ORIENTADOR
 Celso Pasqual
 Coordenador - Aracaju


 Fundação Nacional de Desenvolvimento Humano

Fonte: Acervo da Margarida